



ONDE O TEMPO VIRA RASTROS, E O SERTÃO, MUSEU VIVO
PROPOSTA DE REQUALIFICAÇÃO DO VALE DOS DINOSSAUROS EM SOUSA-PB

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S725o Sousa, Maria Luana Camila de.
Onde o tempo vira rastros, e o sertão, museu vivo:
Proposta de requalificação do Vale dos Dinossauros em
Sousa-PB / Maria Luana Camila de Sousa. - João Pessoa,
2025.
131 f. : il.

Orientação: Paula Dieb.
TCC (Graduação) - UFPB/CT.

1. Requalificação. 2. Patrimônio natural. 3. Vale
dos Dinossauros. 4. Sousa. I. Dieb, Paula. II. Título.

UFPB/CT CDU 72(043.2)

MARIA LUANA CAMILA DE SOUSA



ONDE O TEMPO VIRA RASTROS, E O SERTÃO, MUSEU VIVO
PROPOSTA DE REQUALIFICAÇÃO DO VALE DOS DINOSSAUROS EM SOUSA-PB

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado ao curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Paraíba, no período letivo 2025.1, como requisito para a obtenção do grau de bacharel em arquitetura e urbanismo.

Orientadora: Prof^a Paula Dieb Martins.

JOÃO PESSOA, 2025

Maria Luana Camila de Sousa

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado
ao curso de Arquitetura e Urbanismo da
Universidade Federal da Paraíba, no período letivo
2025.1, como requisito para a obtenção do grau de
bacharel em arquitetura e urbanismo.

João Pessoa/PB, 30 de setembro de 2025

Banca Examinadora:



Prof^a. Dr.^a Paula Dieb Martins

Orientadora



Prof^a. Dr.^a Marcelle Trigueiro de Araujo Moraes

Avaliadora Interna



Prof. Dr. Marcos Aurélio Pereira Santana

Avaliador Interno

Voei na busca do saber, mas dedico este
trabalho ao meu chão de pouso.

Ao solo da minha memória, onde a
saudades é transformada em tema.

À minha cidade e à minha casa.

Agradecimentos

Entre esforço e sonho, fica a gratidão.

A Deus, pela resiliência que me foi concedida para prosseguir, e pela sabedoria que me permitiu percorrer os melhores caminhos.

À minha família, base de tudo que sou. À minha mãe, Maria do Socorro, minha fortaleza, exemplo de força, dedicação e amor, que nunca deixou de acreditar em mim. Ao meu pai, Canindé, que tanto me apoia e me ensina sobre a generosidade e o amor ao próximo. À minha avó, Auxiliadora, por todo zelo, orações e amor que depositou em mim. Aos meus irmãos, Lucas e Luênya, que amo mais que tudo nesse mundo.

A todos os professores que passaram pela minha vida e contribuíram para minha formação, meu muito obrigada. Em especial à minha orientadora, Paula Dieb, pela escuta, paciência, direção e por ser meu farol e inspiração ao longo desse processo.

Agradeço à minha banca avaliadora, escolhida a dedo, para representar quem mais me ensinou ao longo desses anos de graduação, Marcele Trigueiro e Marcos Santana.

Aos meus amigos de longa data que sempre estiveram comigo nesse processo: Camila, Ennia, Evilly, Lavinia, Letícia, Rani, Vlavia, Arlysson, Gustavo e Weverton. E, especialmente à Myrele, por ter caminhado ao meu lado durante todos esses anos.

Aos amigos que a vida me deu durante essa jornada, pelos quais sou grata por toda companhia e afeto: Amanda, Bruno, Carol, Enzo, Fernanda, Helena, Igor, João Lucas, Letícia, Lucy, Mabe, Matheus, Raeline, Wellington. Em especial à Marina e à Nízia, que tanto me ajudaram nessa reta final.

A todos profissionais arquitetos e engenheiros que atuaram como guias essenciais nesta trajetória, capacitando-me para e trilhar meu próprio percurso profissional.

**“E as coisas boas que eu
imaginar se tornarão vivas”**

Tudo Vai Dar Certo - Natiruts & Amani Kush

Resumo

O Monumento Natural Vale dos Dinossauros em Sousa-PB, representa um dos mais importantes sítios paleontológicos do mundo, tendo desempenhado um papel importante para o desenvolvimento econômico, simbólico e cultural da cidade. No entanto, o local enfrenta o desafio de um turismo vazio, onde a espetacularização da imagem dos dinossauros ofusca o profundo valor histórico e ambiental do local. Diante disso, este trabalho propõe um estudo preliminar de requalificação do espaço e tem como objetivo central o resgate e a integração da memória da cidade de Sousa e do Vale, transformando o sítio em um espaço com vida e significado que vá além de uma visita rápida. A proposta busca promover uma conexão autêntica entre o patrimônio paleontológico existente, o eixo vital (o Rio do Peixe) e o bioma circundante (a Caatinga). Por meio de um planejamento guiado por estratégias sustentáveis, o projeto visa criar infraestrutura e narrativas interpretativas que não apenas atraiam o turista de forma mais consciente, mas também aproximem a população local de seu próprio patrimônio. A metodologia adotada inclui revisão bibliográfica, levantamento documental e espacial detalhado para garantir que o novo projeto reflita as necessidades e a identidade da população Souseense. Em essência, a proposta de requalificação busca resgatar a memória da região, utilizando o potencial do geoturismo para impulsionar o desenvolvimento local e construir um espaço que seja, simultaneamente, um recurso científico para a cidade e um vibrante centro de pertencimento.

Palavras chaves: Requalificação. Patrimônio natural. Vale dos Dinossauros. Sousa.

Abstract

The natural monument known as Dinosaur Valley in Sousa, Paraíba, is one of the most important paleontological sites in the world, and plays a significant role in the city's economic, symbolic, and cultural development. However, the site faces the challenge of empty tourism, where the spectacularization of dinosaur images overshadows the site's profound historical and environmental value. Therefore, this work proposes a preliminary study for the redevelopment of the space, aiming to recover and integrate the memory of the city and transform the Valley into a vibrant and meaningful space, to provide an experience that goes beyond a brief visit. The proposal seeks to promote an authentic connection between the existing paleontological patrimony, the vital axis (the Fish River), and the surrounding biome (the Caatinga). Through sustainable strategies, the project aims to create infrastructure and interpretive narratives that not only attract tourists more consciously but also brings the local population closer to the history of their own heritage. The methodology adopted in this study includes a bibliographic review and detailed documentary and spatial survey to ensure that the new project reflects the needs and identity of the Sousense population. Essentially, the redevelopment proposal seeks to revive the region's history, using the potential of geotourism to promote local development and build a space that simultaneously serves as a scientific resource for the city and an integrated center.

Keywords: Redevelopment. Natural heritage. Dinosaur Valley. Sousa.

Lista de figuras

Figura 01: Mapa de localização de Sousa, Paraíba

Figura 02: Imagem aérea de Sousa, Paraíba

Figura 03: Chapada do Araripe, Ceará

Figura 04: Turistas no Vale dos Dinossauros em Sousa-PB

Figura 05: Biomas presentes no Nordeste

Figura 06: Paisagem da Caatinga

Figura 07: Igreja do Rosário dos Pretos e Nossa Senhora dos Remédios em 1960

Figura 08: Cartograma com indicação das ruas e edificações existentes em Sousa em 1847

Figura 09: Praça Bento Freire (atual Praça da Matriz) em 1930

Figura 10: Fábricas de algodão em Sousa nas datas: 1930, 1940 e 1970

Figura 11: Inauguração da Estação Ferroviária de Sousa em 1926

Figura 12: Complexo Hídrico São Gonçalo em 1930.

Figura 13: Complexo Hídrico São Gonçalo em 1930.

Figura 14: Proposta de zoneamento urbano para Sousa

Figura 15: Cartograma de expansão do traçado urbano de Sousa

Figura 16: Mapa dos sítios paleontológicos georreferenciados das bacias do Rio do Peixe

Figura 17: Mapa de localização do Complexo de Visitação do Vale dos Dinossauros em Sousa - PB

Figura 18: Delimitação do Monumento Natural: Vale dos Dinossauros em Sousa-PB

Figura 19: Equipamentos existentes no Vale dos Dinossauros em Sousa-PB

Figura 20: Vale dos Dinossauros no Jornal em 1999

Figura 21: Pegada fossilizada de dinossauros em afinidade com a arte rupestre

Figura 22: Supermercado Dinossauro

Figura 23: Papelaria Papirossauros em Sousa-PB

Figura 24: Troodon Food Park, em Sousa-PB

Figura 25: Troodon Hotel, em Sousa-PB

Figura 26: Madeireira Dinossauro

Figura 27: Lojão Metalsauro

Figura 28: Portal da cidade de Sousa

Figura 29: Rotatória com réplica de dinossauro na Rua Manoel Gadelha Filho em Sousa

Figura 30: Rotatória com réplica de dinossauro na Rua Cel. Manoel Mendes em Sousa

Figura 31: Réplica de dinossauro na Rua Sinfrônio Nazaré em Sousa

Figura 32: Réplica de dinossauro na Avenida Monsenhor Vicente Freitas

Figura 33: Réplicas de dinossauros durante a Pandemia na cidade de Sousa

Figura 34: Escudo do Sousa Esporte Clube

Figura 35: Vista do portão de acesso ao Vale dos Dinossauros, Sousa-PB

Figura 36: Rua de acesso ao Vale dos Dinossauros, Sousa-PB

Figura 37: Escultura e ponto comercial no Vale dos Dinossauros, Sousa-PB

Figura 38: Estacionamento do Vale dos Dinossauros, Sousa-PB

Figura 39: Fachada do Museu do Vale dos Dinossauros, Sousa-PB

Figura 40: Museu do Vale dos Dinossauros, Sousa-PB

Figura 41: Museu do Vale dos Dinossauros, Sousa-PB

Figura 42: Pátio interno do Museu do Vale dos Dinossauros, Sousa-PB

Figura 43: Pátio interno do Museu do Vale dos Dinossauros, Sousa-PB

Figura 44: Acesso às trilhas do Vale dos Dinossauros, Sousa-PB

Figura 45: Acesso às trilhas do Vale dos Dinossauros, Sousa-PB

Figura 46: Área de descanso do Vale dos Dinossauros, Sousa-PB

Figura 47: Ponte sobre Canal de Alívio no Vale dos Dinossauros, Sousa-PB

Figura 48: Ponte sobre Canal de Alívio no Vale dos Dinossauros, Sousa-PB

Figura 49: Passarelas no Vale dos Dinossauros, Sousa-PB

Figura 50: Passarelas no Vale dos Dinossauros, Sousa-PB

Figura 51: Lixeiras no Vale dos Dinossauros, Sousa-PB

Figura 52: Lixeiras no Vale dos Dinossauros, Sousa-PB

Figura 53: Sinalização com informações no Vale dos Dinossauros, Sousa-PB

Figura 54: Vista aérea do Parque Paleo, Croácia

Figura 55: Planta baixa térreo do Parque Paleo

Figura 56: Pátio do Parque Paleo, Croácia

Figura 57: Anúncio do Concurso Parque do Mirante em Piracicaba

Figura 58: Proposta de projeto para o Concurso Parque do Mirante

Figura 59: Proposta de projeto para o Concurso Parque do Mirante

Figura 60: Módulos da proposta de projeto para o Concurso Parque do Mirante

Figura 61: Vista aérea do Museu da Natureza, Piauí

Figura 62: Inserção do Museu da Natureza na paisagem

Figura 63: Fachada e materiais do Museu da Natureza, Piauí

Figura 64: Mapa com representação de condicionantes naturais

Figura 65: Cartograma de declividade ambiental do MONA Vale dos Dinossauros

Figura 66: Cartograma de espacialização de tipologias vegetais do MONA Vale dos Dinossauros

Figura 67: Caatinga arbórea do Vale dos Dinossauros

Figura 68: Caatinga arbustiva do Vale dos Dinossauros

Figura 69: Pastagem no Vale dos Dinossauros
Figura 70: Colagem conceitual ilustrativo do percurso do MONA Vale dos Dinossauros
Figura 71: Cartograma de zoneamento do MONA Vale dos Dinossauros
Figura 72: Estudo de fluxos para proposta de requalificação do Vale dos Dinossauros
Figura 73: Maquete Proposta Marterplan
Figura 74: Proposta Masterplan
Figura 75: Proposta Zona Administrativa
Figura 76: Maquete Apoio ao Turista
Figura 77: Imagem Apoio ao turista
Figura 78: Imagem Apoio ao turista
Figura 79: Maquete Estacionamento 01
Figura 80: Imagem Estacionamento 01
Figura 81: Maquete Zona de Visitação Controlada
Figura 82: Maquete Museu do Pesquisador
Figura 83: Imagem Museu do Pesquisador
Figura 84: Maquete Espaço de loga
Figura 85: Imagem Espaço de loga
Figura 86: Imagem Espaço de loga
Figura 87: Imagem ZPFV
Figura 88: Maquete Zona de Recreação
Figura 89: Imagem Redário
Figura 90: Imagem Redário
Figura 91: Maquete Redário
Figura 92: Maquete Banheiro Público

Figura 93: Imagem Banheiro Público
Figura 94: Imagem Banheiro Público
Figura 95: Imagem Banheiro Público
Figura 96: Imagem Quiosques
Figura 97: Imagem Quiosques
Figura 98: Maquete Quiosques
Figura 99: Maquete Parque Infantil
Figura 100: Imagem Parque Infantil
Figura 101: Imagem Parque Infantil
Figura 102: Maquete Loja
Figura 103: Imagem Loja
Figura 104: Maquete Anfiteatro
Figura 105: Imagem Anfiteatro
Figura 106: Imagem Espaço Esportivo
Figura 107: Imagem Espaço Esportivo
Figura 108: Maquete Espaço Esportivo
Figura 109: Imagem Espaço Esportivo
Figura 110: Maquete Restaurante
Figura 111: Imagem Restaurante
Figura 112: Imagem Restaurante
Figura 113: Imagem Restaurante
Figura 114: Maquete Auditório
Figura 115: Imagem Auditório
Figura 116: Maquete Museu e Mirante
Figura 117: Imagem Museu e Mirante
Figura 118: Maquete Estacionamento 02
Figura 119: Imagem Estacionamento 02

Lista de tabelas

Tabela 01: Análise Referencial Teórico-Metodológico

Tabela 02: Análise de Projetos Correlatos

Tabela 03: Diagrama de Diretrizes

Tabela 04: Programa de Necessidades da Zona de
Preservação de Fundo de Vale (ZPFV)

Tabela 05: Programa de Necessidades da Zona
Administrativa (ZAD)

Tabela 06: Programa de Necessidades da Zona de
Visitação Controlada (ZVC)

Tabela 07: Programa de Necessidades da Zona
Administrativa (ZAD)

Tabela 08: Programa de Necessidades do Museu

Tabela 09: Programa de Necessidades do Restaurante

Tabela 10: Programa de Necessidades do Auditório

Sumário

01 **Introdução**
Página 19

02 **História, turismo e meio ambiente: tecendo uma trama**
Página 26

03 **Entre Eras e Espaços: a Cidade de Sousa e o Vale dos Dinossauros**
Página 34

04 **Referencial
Projetual**
Página 62

05 **Estudos
Pré-projetuais**
Página 73

06 **A Proposta
de Requalificação**
Página 88

07 **Considerações
Finais**
Página 113

08 **Referências**
Página 115

09 **Apêndices**
Página 120

01

Introdução

1. Introdução

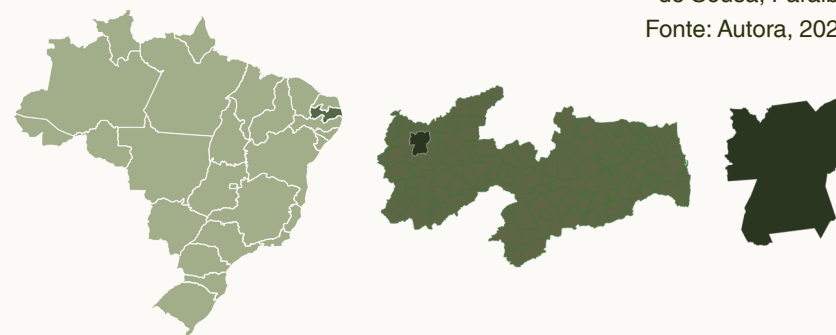
Segundo Corrêa (1997), o espaço urbano é produto das relações sociais, expressando as contradições e interesses presentes na sociedade. Nesse sentido, compreender a história de um lugar - desde o seu surgimento até os dias atuais - permite uma interpretação crítica da configuração atual do espaço urbano, tendo em vista que esse espaço nada mais é que o resultado de ações de diferentes intervenções e acontecimentos contínuos. Quando se fala em espaço urbano, a conservação é um fator essencial para a formação de uma cidade equilibrada e sustentável, seja o espaço urbano de caráter histórico, ambiental ou cultural. Logo, entende-se que, por meio de intervenções articuladas e sensíveis ao contexto do local, deve-se priorizar a integração da paisagem, território e bem-estar social.

Apesar da importância dos espaços públicos ressaltados por Corrêa (1997), observa-se que, em muitas situações, esses espaços não recebem a devida valorização. A escassez de cuidado, de políticas de conservação ou mesmo de apropriação coletiva pode resultar em ambientes que perdem sua vitalidade e tornam-se áreas sem uso ou sem articulação com a realidade em que se insere, desprovidas de significado social. Este fenômeno pode ocorrer tanto em espaços públicos, como praças, parques e equipamentos coletivos, quanto em espaços

privados, que deixam de contribuir para a dinâmica urbana de um lugar.

A partir dessa problemática, destaca-se o que tem ocorrido na cidade de Sousa, um município localizado no sertão paraibano que possui importante sítio paleontológico. Situado no interior da Paraíba (Fig. 1), e localizada a cerca de 430 quilômetros da capital João Pessoa, o referido município pertence à Região Geográfica Intermediária de Sousa-Cajazeiras, a qual é composta por 25 municípios, distribuídos entre as regiões geográficas imediatas de Sousa e Cajazeiras (IBGE, 2017). Inserida no bioma Caatinga - exclusivo do Brasil e típico de parte da região Nordeste -, Sousa possui clima semiárido, que se caracteriza pelo baixo índice pluviométrico, baixa umidade e por possuir basicamente duas estações climáticas anuais: a seca e a chuvosa.

Figura 1: Mapa de localização de Sousa, Paraíba
Fonte: Autora, 2025



Segundo o último censo populacional realizado pelo IBGE (2023), Sousa (Fig. 2) desempenha uma função importante na rede de cidades do sertão paraibano. Atualmente, é a sede de uma região metropolitana da Paraíba, instituída pela lei complementar 117/2013 e é considerada a cidade-mãe de mais oito municípios, sendo eles: Aparecida, Lastro, Marizópolis, Nazarezinho, Santa Cruz, São Francisco, São José da Lagoa Tapada e Vieirópolis.

Isso posto, destaca-se a importância do seu papel nessa rede, oferecendo comércio, saúde, educação, serviços e infraestrutura urbana para os municípios que necessitam desses recursos na área rural e, até mesmo, na área urbana.

Em meados do século XX, Sousa passou por um processo de transformação e desenvolvimento que foi diretamente influenciado por abordagens e descobertas históricas de caráter paleontológico: em 1920, foram descobertas pegadas que mais tarde culminaram na institucionalização da área como monumento natural. Essa revelação impulsionou o desenvolvimento urbano, consolidando a referida área como principal símbolo da cidade, o qual vem sendo explorado em material publicitário de estabelecimentos comerciais e de serviço.

Antes marcada por atividades agrícolas, Sousa passou a ser reconhecida mundialmente como a "Cidade dos Dinossauros", o que estimulou ações públicas voltadas ao

turismo e à valorização do patrimônio paleontológico, como a criação do Complexo de Visitação Vale dos Dinossauros. Esse reconhecimento também influenciou a paisagem urbana, com a presença de elementos visuais ligados aos dinossauros em diversos espaços da cidade. No entanto, apesar do potencial turístico e da exploração da imagem do vale, Sousa enfrenta desafios no que se refere à conservação e valorização do monumento natural, tendo em vista a falta de investimento em ações para requalificação e divulgação do sítio paleontológico.

Figura 2: Mapa de localização de Sousa, Paraíba

Fonte: Diário do Sertão, 2023



Embora o Vale dos Dinossauros apresente grande potencial, o patrimônio e a história local, inclusive a da formação da cidade, não são devidamente valorizados ou explorados pela comunidade. Isso resulta em um aproveitamento turístico limitado e na escassez de conhecimento da população sobre a própria cultura e trajetória histórica, o que acaba impactando negativamente na preservação dos espaços públicos. Como resultado, atualmente a cidade enfrenta um processo de espetacularização da imagem, na qual a falta de investimentos e estímulos voltados à recepção da população local e visitantes contribui para um turismo superficial e um espaço urbano sem vivências ativas.

1.1. Justificativa

De acordo com a SUDEMA (2022), o Vale dos Dinossauros representa um dos mais importantes patrimônios naturais e científicos do Brasil, uma vez que abriga um rico acervo de pegadas fossilizadas de dinossauros que remetem a aproximadamente 80 espécies que habitavam na Bacia do Rio do Peixe, no período pré-histórico. Apesar de sua relevância histórica, cultural e turística, o local ainda sofre com a falta de valorização e conservação adequada, o que limita seu potencial como espaço de educação, pesquisa e desenvolvimento econômico. Essa ausência de investimentos consistentes reflete em um aproveitamento restrito de suas riquezas,

comprometendo tanto a preservação ambiental quanto às oportunidades de fortalecimento da identidade local e do turismo sustentável.

Logo, a importância do trabalho está fundamentada, inicialmente, em buscar a relação entre o passado da cidade - o processo histórico e sua formação - com perspectivas para o futuro, através de uma proposta de requalificação de um equipamento público de relevância internacional na qual abrange um monumento natural que, por sua vez, não possui a conservação necessária, refletindo na baixa valorização e aproveitamento do espaço.

Dessa forma, o valor do trabalho baseia-se no resgate histórico e registro de características urbanas, ambientais e culturais do monumento natural Vale dos Dinossauros e de Sousa, contribuindo com a reflexão e possibilidades de utilização de tal patrimônio para o desenvolvimento turístico, econômico e educacional da cidade, focado em uma perspectiva sustentável e relacionada com as necessidades e agentes locais.

1.2. Objeto/Recorte

Requalificação do Vale dos Dinossauros, em Sousa - PB.

1.3. Objetivo geral

Desenvolver uma proposta de intervenção arquitetônica e de arquitetura da paisagem, em nível de estudo preliminar, visando à requalificação do Vale dos dinossauros em um

parque integrado com foco na preservação ambiental e conservação do conjunto paleontológico, na história da cidade de Sousa e na divulgação e pesquisa científica.

1.4. Objetivos específicos

- **Investigar** como o setor turístico pode promover o desenvolvimento urbano e a valorização e conservação patrimonial e ambiental;
- **Compreender** o contexto histórico, ambiental e turístico da cidade de Sousa-PB e sua relação com o Vale dos Dinossauros;
- **Entender** como se dá a institucionalização, administração e funcionamento do Vale dos Dinossauros;
- **Pesquisar** referências de projetos urbanísticos voltados para parques temáticos científicos e ecológicos.

1.5. Etapas metodológicas

Para realização da proposta de projeto ora proposto, o trabalho foi dividido em sete etapas. Cada uma delas foram detalhadas de forma precisa os procedimentos e as ações a serem realizadas, e que são apresentadas a seguir:

Etapa 1

A primeira etapa do trabalho consistiu na pesquisa bibliográfica, com o intuito de construir uma base teórica sólida sobre os principais eixos temáticos que nortearam a pesquisa, sendo eles: Sítios paleontológicos, caatinga, turismo, cidade e patrimônio natural.

Etapa 2

A segunda etapa consistiu em pesquisar e sistematizar o conhecimento já produzido sobre a cidade Sousa e o Vale dos Dinossauros, além de compreender tanto a evolução da cidade ao longo do tempo, quanto a relação do monumento natural com o desenvolvimento urbano e socioeconômico da cidade. Os procedimentos metodológicos utilizados foram a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental.

A primeira delas consistiu na compreensão dos principais marcos históricos, geográficos e socioeconômicos que influenciam o crescimento da cidade, com estudo da ocupação do território, o papel da agropecuária, os processos de urbanização e, especialmente, a relação da cidade com o Vale. Foram utilizadas fontes como livros de história regional, teses e dissertações acadêmicas e artigos científicos.

Em seguida, a pesquisa documental abrangeu a coleta e análise de documentos e registros institucionais - como IBGE, legislação urbana, legislação do Vale, entre outros - e, também, na análise de imagens antigas da cidade.

Etapas 3

A seguinte etapa baseou-se em visitas in loco na cidade e no espaço de intervenção para desenvolvimento de documentação visual e sensorial, com a finalidade de identificar problemas e oportunidades para o local. Essa etapa esteve em constante desenvolvimento durante o processo de criação da proposta projetual. O processo inicial se concentrou no levantamento espacial por meio de fotos e anotações para verificação do estado atual da infraestrutura e mobiliário urbano do monumento natural Vale dos Dinossauros, além de avaliar aspectos naturais, como topografia, vegetação, clima local e presença de recursos hídricos.

Isso incluiu a compreensão das dinâmicas sociais para observar como a população utiliza o espaço urbano no cotidiano com o intuito de identificar práticas que influenciam novos usos para o projeto. Logo, o contato com a comunidade local assegurou que houvesse impressões e demandas diretas dos usuários do espaço, com o intuito de garantir que o resultado final seja relevante e útil tanto para a população Souseira, quanto para os turistas que visitarem o Vale dos Dinossauros.

Etapas 4

Consistiu na investigação e na sistematização de dados que será complementar a análise in loco, com ferramentas como google earth e Qgis para o desenvolvimento de

registros fotográficos e bases cartográficas de Sousa e do Vale dos Dinossauros.

Etapas 5

Refere-se ao momento em que desenvolveu as bases para o projeto de requalificação. Trata-se da fase em que, a partir da análise diagnóstica e da fundamentação teórica, foram definidas as diretrizes de intervenção, bem como os conceitos projetuais que orientaram o desenvolvimento do programa de necessidades da proposta arquitetônica, paisagística e funcional do espaço.

Etapas 6

Baseou-se ao aprofundamento das soluções propostas na etapa 5, com a transição do nível conceitual para o desenvolvimento das soluções espaciais por meio da modelagem BIM da proposta com o programa Revit Autodesk, que teve o objetivo de compatibilizar todas as informações arquitetônicas e urbanísticas do local, além de facilitar a visualização da situação existente e a proposta de requalificação. Essa etapa foi subdividida em três fases principais:

- Criação de masterplan com zoneamento em manchas e setorização em todo o Vale;
- Modelagem de terreno, desenvolvimento de projeto preliminar urbano e modelagem arquitetônica de equipamentos e módulos;

- Compatibilização das duas fases de modelagem e desenvolvimento de memorial descritivo preliminar de projeto.

Etapas 7

Consistiu na etapa final de ajustes e refinamentos. Nesse momento foram realizados os acabamentos gráficos, finalização de textos, renderizações finais e organização da diagramação de apresentação.

A partir do desenvolvimento dessas etapas foi elaborado o presente trabalho, o qual está estruturado em oito capítulos, além desta introdução, que compõem o primeiro capítulo. O segundo capítulo aborda o referencial teórico metodológico, intitulado como “História, turismo e meio ambiente: tecendo uma trama”. Em seguida, no terceiro capítulo, retrata-se a pesquisa histórica desenvolvida sobre Sousa e o Vale dos Dinossauros, desde o surgimento até os dias atuais, recebendo o título “Entre eras e espaços: a cidade de Sousa e o Vale dos Dinossauros”. O quarto, refere-se ao referencial projetual escolhido para guiar o desenvolvimento do projeto preliminar. O quinto capítulo apresenta os estudos pré-projetuais desenvolvidos para a criação da proposta. O sexto retrata o capítulo que o projeto é apresentado. Por fim, o sétimo e o oitavo capítulo referem-se respectivamente às considerações finais e referências.

02

**História, turismo e meio ambiente:
tecendo uma trama**

2. História, turismo e meio ambiente: tecendo uma trama

O presente capítulo dedica-se à construção da base teórica-metodológica necessária para o desenvolvimento do projeto de requalificação do Vale dos Dinossauros, abordando os seguintes temas: a) Os sítios paleontológicos e a sua importância; b) o turismo e a relação com o consumo do lugar; c) o bioma da Caatinga, que compõem a paisagem e impacta diretamente nas estratégias de conservação e uso sustentável do complexo de visitação. Deste modo, buscou-se entender não apenas a natureza do equipamento ora abordado - um sítio paleontológico -, mas compreender os meios e formas de requalificá-lo considerando não apenas a sua utilização pelos futuros usuários, mas a articulação, valorização e conservação do ambiente em que ele se insere.

2.1. Os Sítios Paleontológicos

Os sítios paleontológicos são considerados arquivos naturais da terra, pois caracterizam-se como áreas delimitadas onde encontram-se restos ou vestígios de organismos que viveram há milhares ou milhões de anos. Diferentemente dos sítios arqueológicos, que são caracterizados pela presença de vestígios das atividades humanas, os sítios paleontológicos referem-se exclusiva-

mente a vestígios da fauna e flora antigas, anteriores ao surgimento da humanidade.

A identificação e preservação dos sítios paleontológicos visam fomentar o geoturismo e funcionam como espaços educativos, especialmente quando são adaptados para visitação pública. Além do valor científico, tais sítios desempenham funções sociais importantes como recursos pedagógicos, espaços de lazer e plataformas de arte e interpretação ambiental. No Brasil, os sítios paleontológicos apresentam-se como um patrimônio de grande importância, tanto científico quanto cultural. De acordo com Serviço Geológico do Brasil - SGB (2023), esses locais também possuem valor turístico, educativo e cultural, além de influenciarem o desenvolvimento local por meio do geoturismo e da valorização da identidade regional. Pode-se mencionar como exemplo, a Chapada do Araripe (Fig. 3), localizada na região do Cariri, sul do Ceará.

Figura 3: Chapada do Araripe, Ceará

Fonte: Lima, 2019



De acordo com Hasui et al. (2012), a Bacia do Araripe é reconhecida internacionalmente pela riqueza de fósseis em excelente estado de preservação. A região contribui para a educação patrimonial e o ensino de Ciências, despertando o interesse de jovens e comunidades locais pela história da vida na Terra. O sítio paleontológico abriga museus que fazem parte dessa valorização, oferecendo exposições e atividades educativas. Segundo Lima (2019), o turismo científico na Chapada do Araripe constitui uma alternativa eficaz de desenvolvimento sustentável, que alia a conservação do patrimônio natural e a criação de oportunidades econômicas para as populações da região.

Apesar da importância dos sítios paleontológicos no Brasil devido o grande potencial para impulsionar o turismo científico e sustentável, esses espaços enfrentam uma série de problemas, como a falta de fiscalização, extração e venda ilegal de fósseis, além de apresentarem riscos devido o avanço da urbanização e a falta de políticas públicas eficazes para proteção do patrimônio. De acordo com Carbone (2006), pode-se dizer que, esses sítios, se forem adequadamente administrados, têm potencial para promover a geração de trabalho, renda e inclusão social. Entretanto, em muitos casos, comunidades próximas aos sítios desconhecem o valor do patrimônio que os cerca, o que fragiliza ações de conservação e proteção.

De acordo com os estudos de Carbone (2006), existe uma considerável quantidade de sítios paleontológicos que

não possuem, para o visitante comum, o mesmo apelo estético de outras atrações culturais, o que dificulta a percepção imediata de seu valor histórico e monumental. Sendo assim, essa realidade impõe desafios significativos para os gestores do patrimônio, especialmente na promoção desses locais, bem como na sua utilização como instrumentos de desenvolvimento sustentável local. Entretanto, Carbone (2006) acredita que é possível promover a valorização arqueológica, criando um papel mais dinâmico no processo de desenvolvimento sustentável local, especialmente por meio de sua aliança com o turismo. Florissi e Zancheti (2009) destacam que a sustentabilidade urbana só é plena quando incorpora a dimensão cultural, pois ela fortalece o vínculo entre memória coletiva e planejamento territorial. Com base nisso, inspirado em Carbone (2006), pode-se identificar o grande potencial de desenvolvimento para a cidade a partir de um planejamento guiado pela implementação de estratégias que unem a cultura e a história de Sousa para alavancar a sustentabilidade urbana.

2.2. O turismo e o Consumo do lugar

O turismo foi um dos agentes que mais influenciaram o avanço da urbanização ao longo da história e, entender como essa atividade se relaciona com o desenvolvimento histórico da humanidade é muito importante para compreender seu papel ao longo do tempo (Silva; Kemp, 2008).

De acordo com Silva e Kemp (2008), as raízes históricas da difusão do turismo estão ligadas ao desenvolvimento econômico e cultural da humanidade, tendo em vista que seu surgimento aconteceu na antiguidade na Grécia antiga, quando os Gregos faziam grandes deslocamentos para assistir as Olimpíadas na cidade de Olímpia. Em seguida, durante o Império Romano, a parcela mais favorecida da população, deslocava-se para desfrutar dos locais de águas termais. E, durante a idade média, houve um incremento dos deslocamentos humanos com o fortalecimento do turismo religioso através do cristianismo e do islamismo. Logo, pode-se dizer que o turismo, desde o seu surgimento, está relacionado à mobilidade humana por diversos motivos, entre eles o lazer, a cultura, a saúde e a religião.

No cenário atual brasileiro, com um território extenso e extremamente diverso, o turismo é explorado de variadas formas, tendo em vista que o país abriga uma riqueza de paisagens naturais, manifestações culturais, festas populares, gastronomia típica e uma biodiversidade única. Para Beni (2007, p. 45), o Brasil apresenta uma considerável diversidade de recursos que promovem ao país grande potencial turístico, com variadas possibilidades de desenvolvimento em todas as suas regiões. Entretanto, vale destacar que, apesar das potencialidades, o Brasil ainda enfrenta desafios significativos, principalmente relacionados à infraestrutura.

Vale compreender que a atividade turística é responsável por intensificar os fluxos, principalmente econômicos e culturais, que afetam o desenvolvimento local e transformam o ambiente. Nesse sentido, Santos (2002, pág. 61) aponta que:

[...] podemos dizer que a geografia poderia ser construída a partir da consideração do espaço como um conjunto de fixos e fluxos. Os elementos fixos, fixados em cada lugar, permitem ações que modificam o próprio lugar, fluxos novos ou renovados que recriam as condições ambientais e as condições sociais, e redefinem cada lugar. Os fluxos são um resultado direto ou indireto das ações e atravessam ou se instalam nos fixos, modificando a sua significação e o seu valor, ao mesmo tempo em que, também, se modificam.

Para Santos (2002), os fixos trata-se de infraestruturas materiais, e os fluxos referem-se a movimentos de pessoas, ideias, capital, informações, etc. Juntos, são os principais agentes construtores do espaço contemporâneo. Nesse viés, entende-se que para o desenvolvimento de um local com potencial turístico, é necessário compreender que haja investimento em elementos fixos, ou seja, condições estruturais no território como meios de acesso, hospedagem, alimentação e atrações, mas também deve haver a consideração e atenção sobre como os fluxos se realizam e se caracterizam. Para que haja desenvolvimento local, é necessário que os fluxos sejam estimulados, mas que, sobretudo, se articulem com o fixos do local.

Nota-se que o fenômeno turístico atual, analisado a partir de diferentes perspectivas sociais, transforma os lugares em produtos simbólicos, culturais e econômicos. Logo, de

acordo com Trigo (2003), esse processo de consumo do lugar é, ao mesmo tempo, fator de influência para o desenvolvimento de identidade e economia para o local, mas também pode ocasionar problemas como a descaracterização do território, mercantilização da cultura e espetacularização do espaço.

Portanto, a ausência de infraestrutura adequada pode comprometer a experiência turística e acentuar os impactos negativos do consumo do lugar. De acordo com Trigo (2003, p. 112), “o turismo, quando mal planejado, pode acentuar desigualdades regionais e provocar um consumo do território descontrolado, gerando impactos sociais, ambientais e culturais profundos.”

No caso do Vale dos Dinossauros em Sousa, embora vital para a economia local, frequentemente se depara com um turismo vazio, onde a grandiosidade dos dinossauros é exaltada, mas o poder real da história do local é negligenciado, uma vez que, para muitos, a visita se resume a uma experiência visual voltada para as estátuas de dinossauros presentes na cidade e no Vale (Fig. 4), dissociada do contexto que torna o complexo de visitação verdadeiramente monumental.

Observa-se que, em áreas onde os fluxos turísticos não possuem planejamento e valorização das potencialidades, ocasiona a descaracterização do patrimônio cultural e exploração econômica sem retorno efetivo para a população local. Logo, nota-se a importância da criação de

estratégias inteligentes e sustentáveis de desenvolvimento econômico, social e cultural.

Figura 4: Turistas no Vale dos Dinossauros em Sousa-PB

Fonte: Destino Paraíba, 2011

Disponível em: www.destinoparaiba.pb.gov.br. Acesso em: 04 março 2025

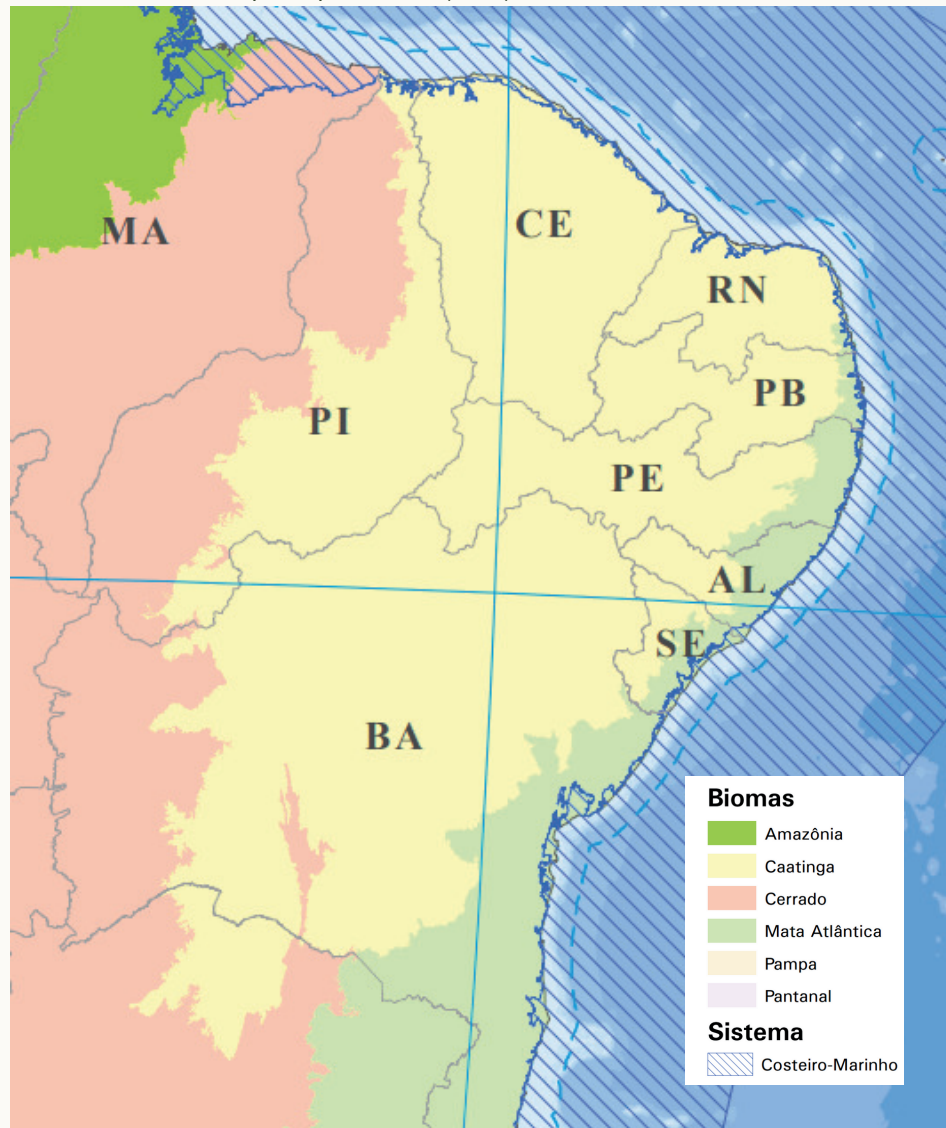


2.3. A Caatinga

A Caatinga (Fig. 5) é um bioma típico da Região Nordeste que se estende até uma pequena porção do sudeste, ocupando uma área de aproximadamente de 800 mil km² - representando 10,1% do território brasileiro - e está presente em nove estados, sendo eles: Piauí, Ceará, Paraíba, Rio Grande do Norte, Alagoas, Sergipe, Bahia,

Figura 5: Biomas presentes no Nordeste

Fonte: IBGE 2024, Adaptado pela autora (2025)



O nome “Caatinga” possui origem tupi-guarani, na qual significa mata (caa) branca (tinga), devido a aparência esbranquiçada presente na maioria das plantas nativas do bioma, que perdem as folhas no período de estiagem (Fig. 6). O bioma é considerado o mais seco do Brasil e apresenta baixos índices pluviométricos, uma vez que é marcado pela escassez e irregularidade espaço-temporal de chuvas com longos períodos de estiagem, apresentando uma temperatura média anual entre 25 °C e 30 °C (Moura, 2021).

Nessa região há uma rica variedade de animais, na qual existem registros de 178 espécies de mamíferos, 590 de aves, 116 de répteis, 51 de anfíbios e 240 de peixes. Apesar da quantidade de espécies parecer pequena em comparação aos demais biomas, é importante observar que, na caatinga, há um elevado nível de endemismo, com diversas espécies que desenvolveram adaptações específicas para resistir às condições adversas do clima semiárido (ISPN, 2020).

A flora da Caatinga também possui várias características singulares, apresentando uma estrutura que se adapta às condições climáticas, proporcionando a resistência ao clima quente e pouca chuva. As plantas nativas apresentam diversas utilidades e são aproveitadas de muitas maneiras, podendo ser medicinais, frutíferas - conhecidas pela abundância de cores e sabores -, forrageiras, ornamentais, fontes de fibra e óleos, entre outros usos e funções. Existem

aproximadamente 1.000 espécies vegetais no bioma, sendo 318 endêmicas, ou seja, existem apenas na Caatinga e não crescem de forma natural em outros lugares do planeta. Destacam-se plantas como cactos, bromélias e leguminosas.

Figura 6: Paisagem da Caatinga

Fonte: Ministério do Meio Ambiente - MMA (2024)



Apesar da grande riqueza do Bioma, existem uma série de problemas que ameaçam o desenvolvimento ecológico da Caatinga. Além da ocorrência da seca prolongada no sertão, a Caatinga tem sido constantemente modificada por ações humanas, ocasionando desequilíbrio ecológico. Ações como desmatamento, extrativismo, agricultura, pecuária, construção de barragens estão entre outras atividades que causam danos à Caatinga. De acordo com o Ministério do Meio Ambiente - MMA (2024), metade da vegetação original da Caatinga já foi desmatada, o que consequentemente ocasiona danos intensos no aumento de escassez de recursos do ecossistema, como água, nutrientes do solo, entre outros. Ressalte-se ainda que, inúmeras espécies animais do Bioma estão ameaçadas de extinção, como a onça-parda, o tatu-bola e o soldadinho do Araripe. Segundo o Instituto Sociedade, População e Natureza – ISPN (2020), já foram registradas cerca de 125 espécies ameaçadas de extinção.

Portanto, nota-se a necessidade de um manejo adequado alinhado do bioma, tendo em vista que apenas com medidas de conservação será possível proporcionar a preservação de recursos naturais da Caatinga para que haja a valorização e restauro desse patrimônio único do Brasil.

2.4. Traçando percursos teórico-metodológicos

A tabela a seguir apresenta um resumo dos três percursos teóricos metodológicos selecionados, considerando a contribuição e o impacto esperado para o projeto. Juntos, esses caminhos apresentados oferecem uma base integrada que fundamenta a proposta de requalificação do Vale dos Dinossauros, tornando-a coerente com valor patrimonial, ambiental, cultural e social.

Tabela 01: Análise de Referencial Teórico-Metodológico
Fonte: Elaborado pela autora, 2025

TABELA SÍNTESE DE ANÁLISE DO REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO		
PERCURSO TEÓRICO/METODOLÓGICO	CONTRIBUIÇÃO PARA O PROJETO	IMPACTO ESPERADO
Sítios paleontológicos	Orienta intervenções que preservem pegadas fossilizadas e promovam educação e valorização patrimonial	Proteção do patrimônio, conscientização do público e fortalecimento da relevância científica
Turismo e consumo do lugar	Define percursos, equipamentos e serviços para turismo sustentável, considerando a cultura, a sociedade e a história local	Experiência turística qualificada, economia local fortalecida, equilíbrio entre uso público e conservação
Bioma da Caatinga	Orienta escolhas de paisagismo, vegetação, manejo hídrico e integração com o entorno	Sustentabilidade e educação ambiental, preservação do solo e da vegetação nativa, integração paisagística com o território

03

**Entre Eras e Espaços:
a cidade de Sousa e o Vale dos Dinossauros**

3. Entre Eras e Espaços: a cidade de Sousa e o Vale dos Dinossauros

De acordo com Santos (1996), os cursos d'água desempenharam, historicamente, um papel essencial na formação dos assentamentos urbanos devido às condições favoráveis que poderiam ser proporcionadas por eles não só com abastecimento, mas com auxílio fundamental para a agricultura e pecuária, por exemplo. Em áreas de escassez hídrica, tal amenidade torna-se ainda mais importante, como é o caso do Rio do Peixe, elemento essencial para a formação da ocupação humana que hoje corresponde à cidade de Sousa, localizada no sertão paraibano.

Além da formação da cidade, o Rio do Peixe é responsável por expor e conservar as rochas sedimentares da Bacia do Rio do Peixe, onde estão registradas milhares de pegadas fósseis de dinossauros. Logo, entende-se a grande importância do Rio como principal fator de integridade da memória geológica e cultural da região, desempenhando um papel muito importante do que apenas um curso d'água que funciona como um conector entre a formação de Sousa e a descoberta paleontológica no local.

3.1. A formação e estruturação de Sousa

No sertão brasileiro, o surgimento das redes urbanas ocorreram, em grande parte, a partir dos entroncamentos dos caminhos das boiadas, refletindo a peculiaridade na ocupação do interior do país. A cidade de Sousa, denominada inicialmente como “Povoação do Jardim do Rio do Peixe”, teve sua formação no final do século XVIII, nas margens da planície do rio do Peixe, onde se localizava a fazenda Jardim, cujas áreas ribeirinhas foram sendo ocupadas aos poucos por colonos que passavam a estabelecer novas fazendas de gado. A fertilidade do solo atraiu a chegada de luso-brasileiros, aumentando a população que, conseqüentemente, passava a ocupar as várzeas do rio do Peixe, ocasionando a formação de um povoado (Sarmiento, 2007).

Posteriormente, em 1730, Bento Freire de Sousa, devoto de Nossa Senhora dos Remédios, auxiliado pelo sargento-mor José Gomes de Sá, avançou os fundamentos da futura cidade de Sousa com um aglomerado que já atingia 1468 habitantes. Após a doação da sesmaria pela Casa da Torre da Bahia, foi iniciada a construção da pequena Igreja do Rosário dos Pretos (Fig. 07), que constitui o ponto inicial de desenvolvimento do que mais tarde viria a se tornar cidade.

Em Sousa, a proximidade com o Rio do Peixe foi um fator determinante para o desenvolvimento do povoado, visto que garantiu o abastecimento de água e facilitou atividades econômicas, como a agricultura de subsistência e a

pecuária que desencadeou na formação do povoado (Sarmiento, 2007). Segundo Galizza (1993), durante o século XIX, a Paraíba excedeu em quase o dobro da produção bovina dos Estados do Rio Grande do Norte, Sergipe e Alagoas, nesse quadro Sousa se destacava entre as cidades que possuíam maior número de gado.

Figura 07: Igreja do Rosário dos Pretos (direita) e Nossa Senhora dos Remédios (esquerda) em 1960

Fonte: Ministério do Meio Ambiente - MMA (2024)

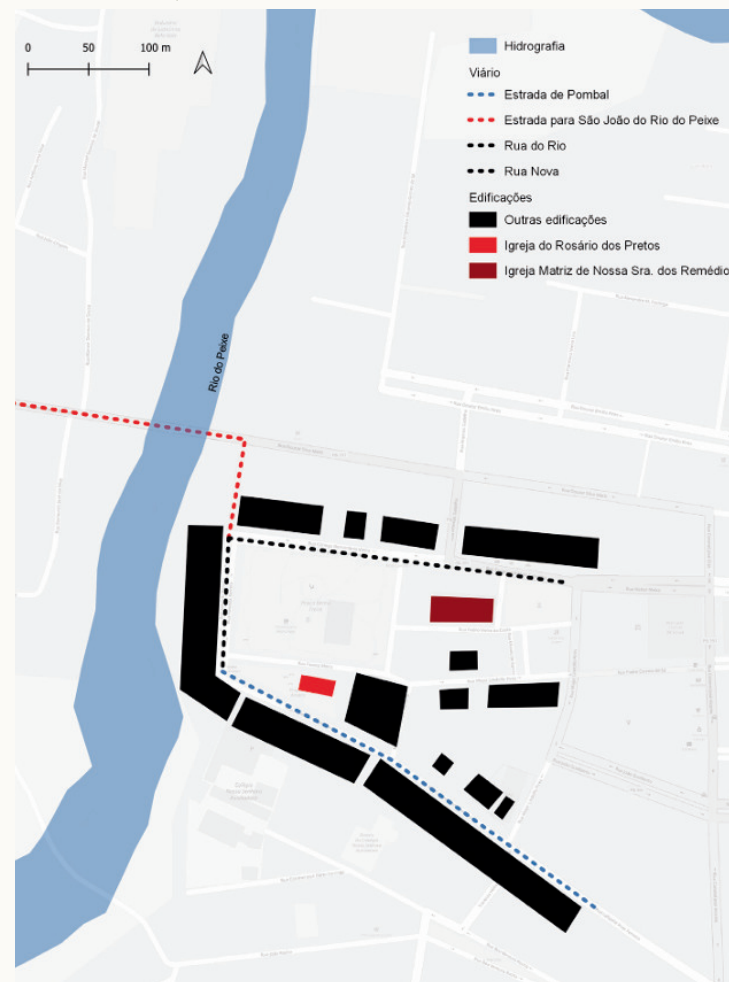


No Brasil, tradições portuguesas oriundas da colonização determinaram que a construção de igrejas fosse o ponto inicial da fundação de vilas e cidades, com a praça ao redor envolvida como espaço público de encontros, feiras e eventos comunitários (Marx, 1991). Portanto, essa configuração favoreceu o comércio e a administração local, pois as primeiras edificações da região foram

erguidas nas imediações da igreja, ao lado do Rio do Peixe (Fig. 08 e 09).

Figura 08: Cartograma com indicação das ruas e edificações existentes em Sousa em 1847

Fonte: Pinheiro, 2022



De acordo com o Dicionário Aurélio (Ferreira, 2010), a palavra “Vila” designa-se a um aglomerado urbano de tamanho intermediário e, caracteriza-se por ser maior que uma aldeia, mas menor que uma cidade. Já a “freguesia” destina-se a um pequeno conjunto urbano ou rural, geralmente uma vila ou aldeia, localizado em torno de uma paróquia. Logo, a povoação do Jardim do Rio do Peixe, segundo a Carta Régia de 22 de julho de 1766, foi elevada à categoria de vila, e, na segunda metade do século XVIII, recebeu o título de freguesia. Mais tarde, de acordo com a Lei Provincial de nº 28, no dia 10 de julho de 1854, ela recebeu o título de cidade, mudando o seu nome para Sousa (Sarmento, 2007).

Figura 09: Praça Bento Freire (atual Praça da Matriz) em 1930
Fonte: Ferraz, 2004



Ao longo do tempo, o traçado urbano de Sousa passou por mudanças significativas. Pinheiro (2022) explica que a cidade teve seu núcleo primaz expandido para o lado oeste, em direção à cidade de Cajazeiras-PB, impulsionada pela construção do Mercado Central, em 1915, e da Casa de Câmara e a Cadeia Pública entre 1880 e 1905.

Considerando a cronologia dos fatos históricos que influenciaram o desenvolvimento tanto de Sousa quanto de outras cidades do sertão, o Plano Diretor de Sousa, publicado em 1978, abrange uma trajetória temporal que apresenta momentos importantes para o crescimento local. Ao analisar a linha do tempo e demais registros históricos, pode-se destacar episódios cruciais, sendo: o período da valorização e plantio do algodão no sertão e, a implantação da estação ferroviária da cidade em 1926.

Com a expansão da indústria têxtil no âmbito internacional e a redução na produção de algodão nos Estados Unidos nas primeiras décadas do século XX, esse insumo se firmou como o principal produto comercial do semiárido para exportação. Além da questão lucrativa para o mercado, o algodão se tornou vantajoso devido a facilidade no cultivo, os baixos custos iniciais, a aplicação para a subsistência e para o aproveitamento dos resíduos da colheita que serviam como ração para o gado. Dito isso, a partir de 1930, a riqueza gerada pela produção algodoeira atraiu investimentos, promovendo melhorias na infraestrutura urbana.

De acordo com Pinheiro (2022), à época, houve um impulso no crescimento econômico da cidade, sendo conhecido como o período do “ouro branco do Nordeste”, na qual o algodão se firmou como o produto de maior importância no comércio do semiárido e assim, ocasionou o avanço da cultura do algodão. Esse impulso ocasionou a chegada de usinas que fortaleceram a economia de Sousa por muitas décadas, proporcionando empregos e ativando o crescimento de serviços e comércios, especialmente para venda de produtos agropecuários.

Figura 10: Fábricas de algodão em Sousa nas datas: 1930, 1940 e 1970
Fonte: Ferraz, 2004



Por muitas décadas, algumas empresas de algodão foram instaladas no espaço urbano e fortaleceram a economia sousense. Segundo Silva (2017), funcionava na urbe, desde 1924, a fábrica Santa Tereza e, na década de 1940, a usina Sarmento & Filho. Desde 1957, operacionalizando na cidade, havia similarmente a usina do senhor Luiz Oliveira & Filho, cujas atividades foram encerradas em 1970. Por muito tempo também existiu o armazém da SANBRA, como também a fábrica do André Gadelha & irmãos, outra usina de algodão que se fez presente a princípio no período compreendido entre 1940 e 1983 (Fig. 10).

Nesse contexto, para que o comércio de algodão de Sousa continuasse em alta por décadas, foi necessário o investimento na melhoria do transporte da mercadoria. Assim, as linhas férreas foram instaladas, introduzindo uma nova dinâmica econômica e urbana. De acordo com o Plano Diretor de Sousa (1978, p. 20), em 1872 foi feita a concessão pelo governo imperial ao engenheiro João Pedro de Almeida para construção de uma estrada de ferro ligando Sousa a Mossoró-RN, entretanto, a estação ferroviária da cidade foi inaugurada apenas em 1926 (Fig. 11) no bairro Estação.

Ademais, a ferrovia intensificou o comércio local, e o bairro Estação passou a ser ponto de negócio, assumindo a condição de “ponta de trilho”. A partir de 1970, a ocupação do bairro se intensificou, ainda que a dinâmica no entorno da região representasse uma porção marginalizada da

cidade (Pinheiro, 2022). Logo, o bairro marcado pelos trilhos passou a se caracterizar pela presença de mercadinhos, pousadas, comércio de alimentos e bordéis, fazendo com que o traçado urbano se expandisse em outras direções.

Ademais, a ferrovia intensificou o comércio local, e o bairro Estação passou a ser ponto de negócio, assumindo a condição de “ponta de trilho”. A partir de 1970, a ocupação do bairro se intensificou, ainda que a dinâmica no entorno da região representasse uma porção marginalizada da cidade (Pinheiro, 2022). Logo, o bairro marcado pelos trilhos passou a se caracterizar pela presença de mercadinhos, pousadas, comércio de alimentos e bordéis, fazendo com que o traçado urbano se expandisse em outras direções.

Ainda no início do século XX, antes do início de funcionamento da ferrovia, um período de estiagem prejudicou o cultivo na região e o aumento populacional, fatos que tornaram necessário tomar medidas para suprir a carência hídrica da região. Nesse contexto, o Açude de São Gonçalo (Fig. 12), oriundo do Rio do Peixe, teve suas obras iniciadas em 1919 pelo Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS), sendo inaugurado em 1930 com capacidade de 44,6 milhões de metros cúbicos de água, diminuindo a dependência dos poços e cacimbas que havia para o abastecimento hídrico da área.

Figura 11: Inauguração da Estação

Ferrovária de Sousa em 1926

Fonte: Ferraz, 2004



Figura 12: Complexo Hídrico

São Gonçalo em 1930

Fonte: Ferraz, 2004

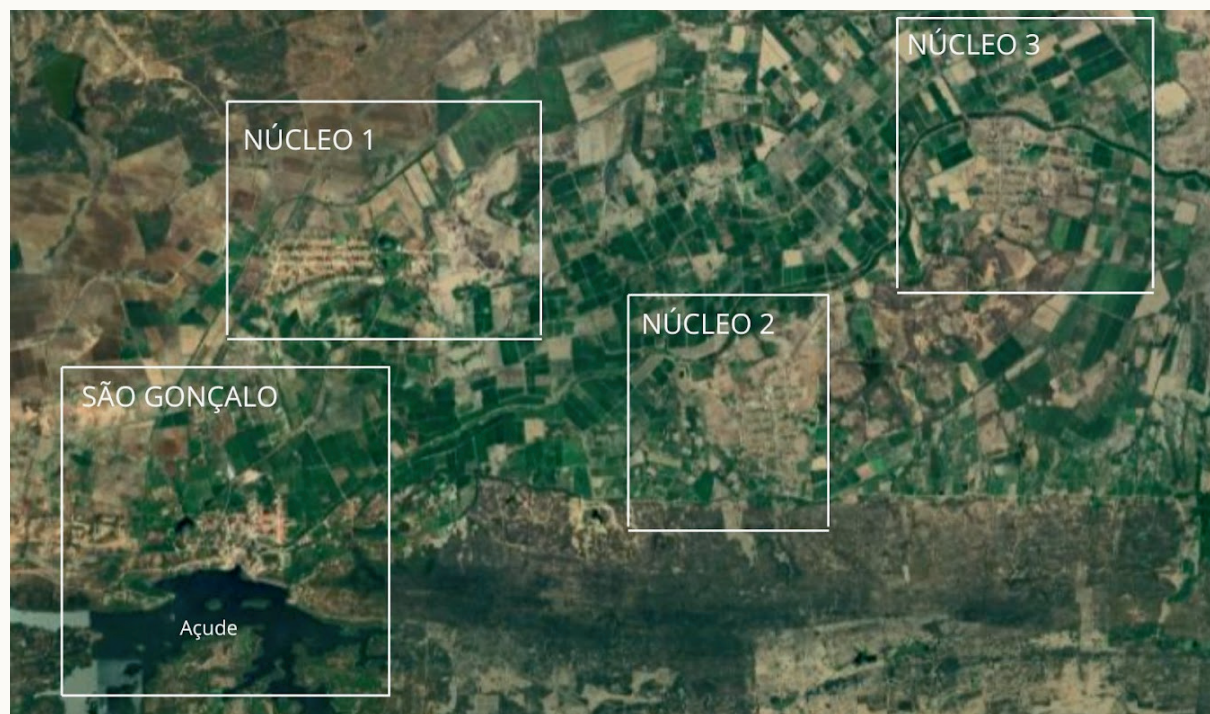


Com a regularização do fornecimento de água, a cidade pôde crescer de forma mais estruturada, atraindo mais habitantes e fortalecendo setores como a pecuária e a agricultura irrigada (Rodrigues, 2024).

Posteriormente, em 1973, o DNOCS aproveitou o potencial natural e infraestrutura e implantou seu primeiro projeto de irrigação em uma região semiárida, no município de Sousa-PB, sendo ele conhecido como o Perímetro Irrigado de São Gonçalo (PISG) que teve sua implantação nos mesmos moldes de assentamento oficial do DNOCS (Soares, 2018). Pode-se dizer que essa implantação ocasionou uma integração entre atividades rurais e urbanas na região, tendo em vista que foram criados quatro núcleos habitacionais interligados por uma estrada — a Rodovia da Produção — conectando a cidade às áreas agrícolas irrigadas, sendo eles: Distrito Sede de São Gonçalo; Núcleo Habitacional I, Núcleo Habitacional II, e Núcleo Habitacional III (Fig. 13).

Figura 13: Complexo Hídrico São Gonçalo em 1930.

Fonte: Google Earth, modificado pela autora (2025)



Essa estrutura rompeu com o modelo produtivo tradicional da cidade e introduziu um sistema voltado ao mercado, com infraestrutura urbana planejada com casas, escolas e canais, o que promoveu a segurança alimentar e fortaleceu vínculos econômicos com mercados de diferentes localidades, tendo em vista que a distribuição de lotes agrícolas incentivou a produção em escala de arroz, banana, coco, goiaba, manga e algodão. Esse aumento na produtividade impulsionou um ciclo de desenvolvimento que, ao articular campo e cidade, influenciou diretamente a expansão da malha urbana de Sousa, estimulando o crescimento habitacional e a conectividade viária regional (Rodrigues, 2024).

Desse modo, tais avanços influenciaram diretamente na estruturação da cidade. A interrelação entre a ferrovia, o algodão e a construção do açude e perímetro irrigado de São Gonçalo, não apenas estruturou a cidade, mas também determinou seu papel como um polo de desenvolvimento regional. Esses elementos promoveram, direta e indiretamente, a organização do espaço urbano, fortaleceram a economia local e criaram condições para o crescimento da população e da infraestrutura. Mesmo com as mudanças ao longo do tempo, os impactos dessas forças permanecem visíveis na identidade e no dinamismo da formação urbana da cidade (Pinheiro, 2022).

No entanto, apesar da boa repercussão das referidas ações, é possível observar em Sousa a presença de processos e fenômenos urbanos comuns às formações urbanas brasileiras. De acordo com Corrêa (1997), o planejamento urbano, em muitas situações, não consegue acompanhar as dinâmicas sociais e espaciais em constante transformação, atuando mais sobre os efeitos — como ocupações irregulares e deficiências de infraestrutura — do que sobre as causas da desorganização urbana. Em Sousa, esse cenário é perceptível.

A cidade apresentou, inicialmente, um crescimento com características radiais, partindo de um núcleo situado às margens do Rio do Peixe e expandindo-se em torno dele. Em 1978, foi desenvolvida uma proposta de Plano Diretor

Diretor (Sousa, 1978) que visava orientar o crescimento urbano de forma planejada seguindo a formação urbana original (Fig. 23). Entretanto, na prática, o processo de expansão foi fortemente influenciado por fatores diversos, como a implantação de equipamentos urbanos, políticas públicas pontuais e transformações socioeconômicas locais que ocorreram após a divulgação do mencionado plano diretor. De acordo com o Artigo 40, § 3º da Lei Federal nº 10.257/2001, conhecida como Estatuto da Cidade:

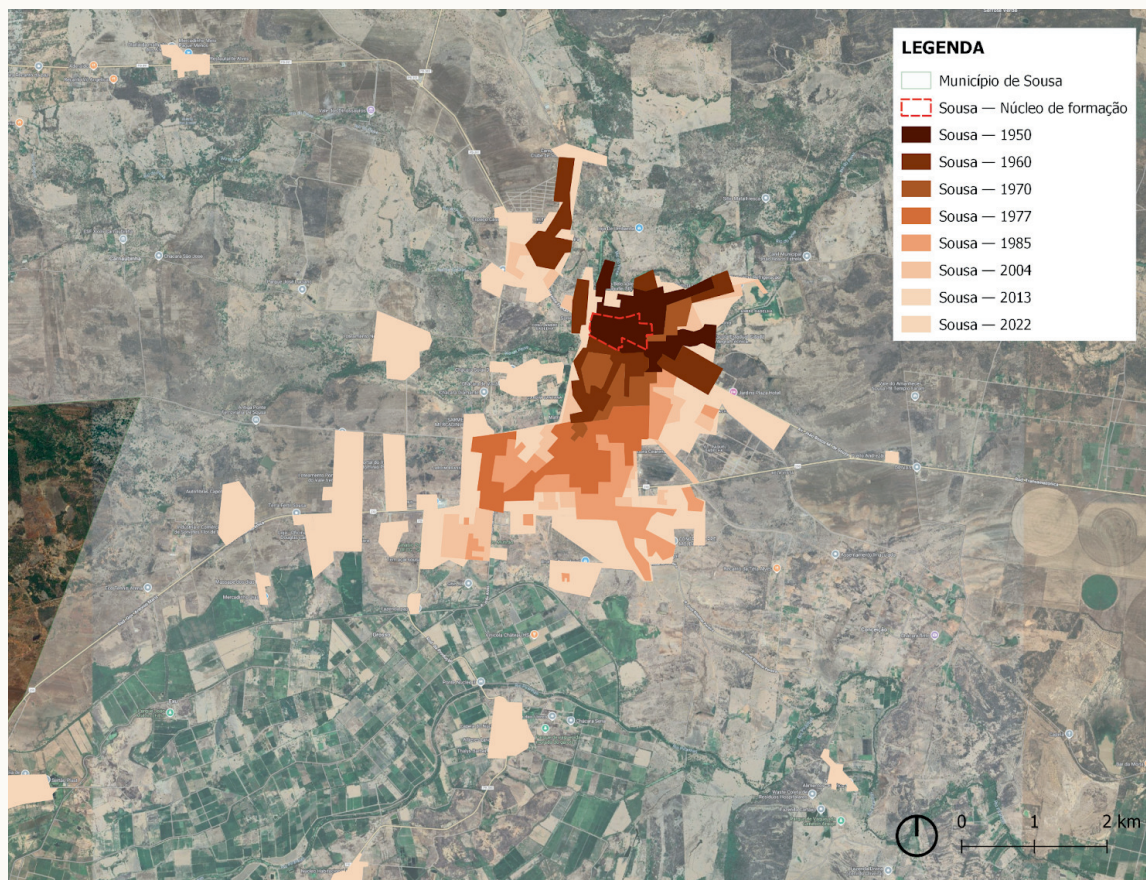
Art. 40, § 3º — “O plano diretor deverá ser revisto, pelo menos, a cada 10 (dez) anos.”

Figura 14: Proposta de zoneamento urbano para Sousa
Fonte: Plano Diretor de Sousa (1978)



Figura 15: Proposta de zoneamento urbano para Sousa

Fonte: IBGE, 2022. Google Maps. Elaborado pela autora (2025)



O Plano Diretor de Sousa ainda não passou por revisão, em desacordo com o que estabelece a Lei Federal nº 10.257/2001. Essa defasagem gera entraves ao ordenamento urbano, uma vez que a cidade apresenta hoje uma configuração distinta daquela vigente à época da elaboração do plano, permanecendo regida por uma legislação desatualizada. Como consequência surgem dificuldades na

surgem dificuldades na gestão da urbanização, sobretudo em áreas periféricas e de ocupação recente, onde os problemas de infraestrutura e integração urbana se tornam mais evidentes, com uma organização espacial parcialmente desordenada, refletindo a desconexão entre planejamento e realidade urbana.

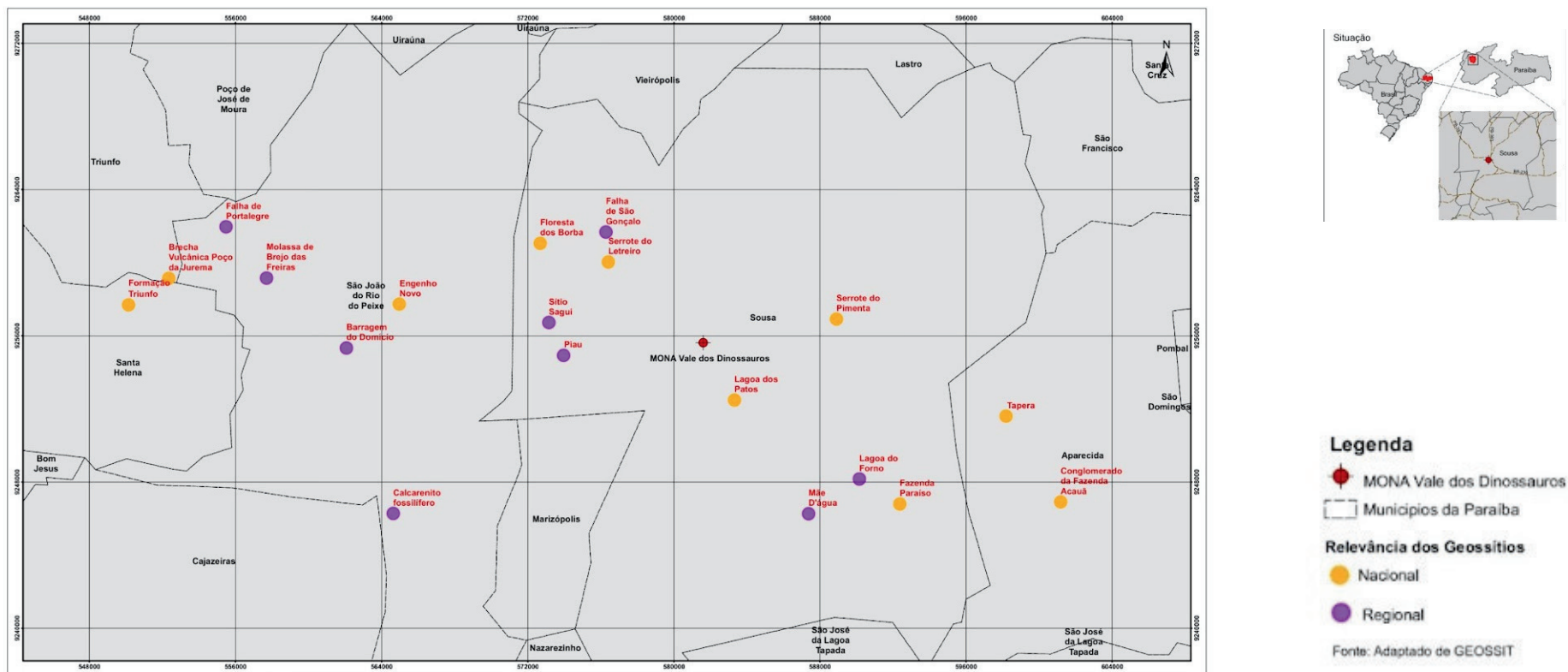
Entende-se também que o crescimento urbano desordenado de Sousa tem provocado a expansão do perímetro urbano em direção ao Vale dos Dinossauros. Essa expansão, marcada pela falta de planejamento adequado, fez com que áreas próximas ao monumento natural passassem a assumir um caráter periférico, incorporando ocupações recentes. Além disso, essa porção da cidade não dispõe de equipamentos públicos de lazer, o que acentua a vulnerabilidade socioespacial da região e evidencia a necessidade de políticas que conciliem a preservação do patrimônio natural com a qualificação urbana do seu entorno.

3.2. O Vale dos Dinossauros

O Vale dos Dinossauros, classificado como Monumento Natural, situa-se fora do perímetro urbano da cidade, na Bacia do Rio do Peixe, sub-bacia de Sousa. Distanciando-se aproximadamente 6 km do centro da cidade, o acesso ao local se dá pela rodovia estadual PB-391, que estabelece a ligação direta entre a área central e o sítio paleontológico e, comporta o maior número de vestígios de pegadas de Dinossauros do período Cretáceo registrado no país. É conhecido por seus registros icnofósseis de diversas espécies de dinossauros cujo os primeiros registros datam de 1920, mas que só vieram a ser estudados com afinco na década de 1970. Apesar de sua importância, somente em 2002 foi criado o Complexo de Visitação do Vale dos Dinossauros, uma parceria do Governo Federal com a Superintendência de Administração do Meio Ambiente (SUDEMA) e com a Prefeitura Municipal de Sousa.

De acordo com os estudos realizados por Siqueira et al., (2011), a bacia do Rio do Peixe possuem mais de 20 sítios paleontológicos georreferenciados, que seriam: Sítio Passagem das Pedras, Serrote do Letreiro, Floresta dos Bordas, Serrote da Bênção de Deus, Pereiros, Cabra Assada, Matadouro, Poço do Motor, Piau/Caiçara, Serrote da Pimenta (Estreito), Várzea dos Ramos, Fazenda Paraíso, Mãe D'água, Riacho Novo (Araçás), Engenho Novo, Juazeirinho, Rio Novo, Curral Velho, Sagui, Riacho do Cazé, Lagoa dos Patos, Pedregulho e Piedade (Fig. 16).

Figura 16: Mapa dos sítios paleontológicos georreferenciados das bacias do Rio do Peixe



Fonte: Superintendência de Administração do Meio Ambiente - SUDEMA (2021)

Para mais, Siqueira et al. (2011, pág. 10) aponta que:

A importância das bacias do Rio do Peixe é dada por seu numeroso registro de pegadas de dinossauros, além de icnofósseis de invertebrados, palinórfos, fragmentos de vegetais, ostracóides, conchostráceos, escamas de peixes e ossos de crocodilomorfos (Leonardi & Carvalho, 2002). As pegadas de dinossauros dessas bacias foram relatadas pela primeira vez por Luciano Jacques de Moraes, em 1924. Vários outros trabalhos foram feitos sobre essas pegadas, entre eles onde podem ser destacados. (Carvalho, 1989 ; 1996; 2000; Leonardi, 1984; 1985; 1987; 1989; Leonardi & Carvalho, 2002; 2007). (Siqueira et al., 2011, pág. 10)

Figura 17: Mapa de localização do Complexo de Visitação do Vale dos Dinossauros em Sousa - PB
Fonte: IBGE, 2022. Google Maps. Elaborado pela autora (2025)

Diante disso, a implantação do complexo de visitação foi realizada no sítio Passagem das Pedras (Fig.17), o que tornou o local mais conhecido entre os demais sítios paleontológicos existentes na região, isso ocorreu devido ao fácil acesso - pois fica a 7 km da sede do município - e, também, por possuir o maior registro de pegadas (Siqueira et al., 2011).

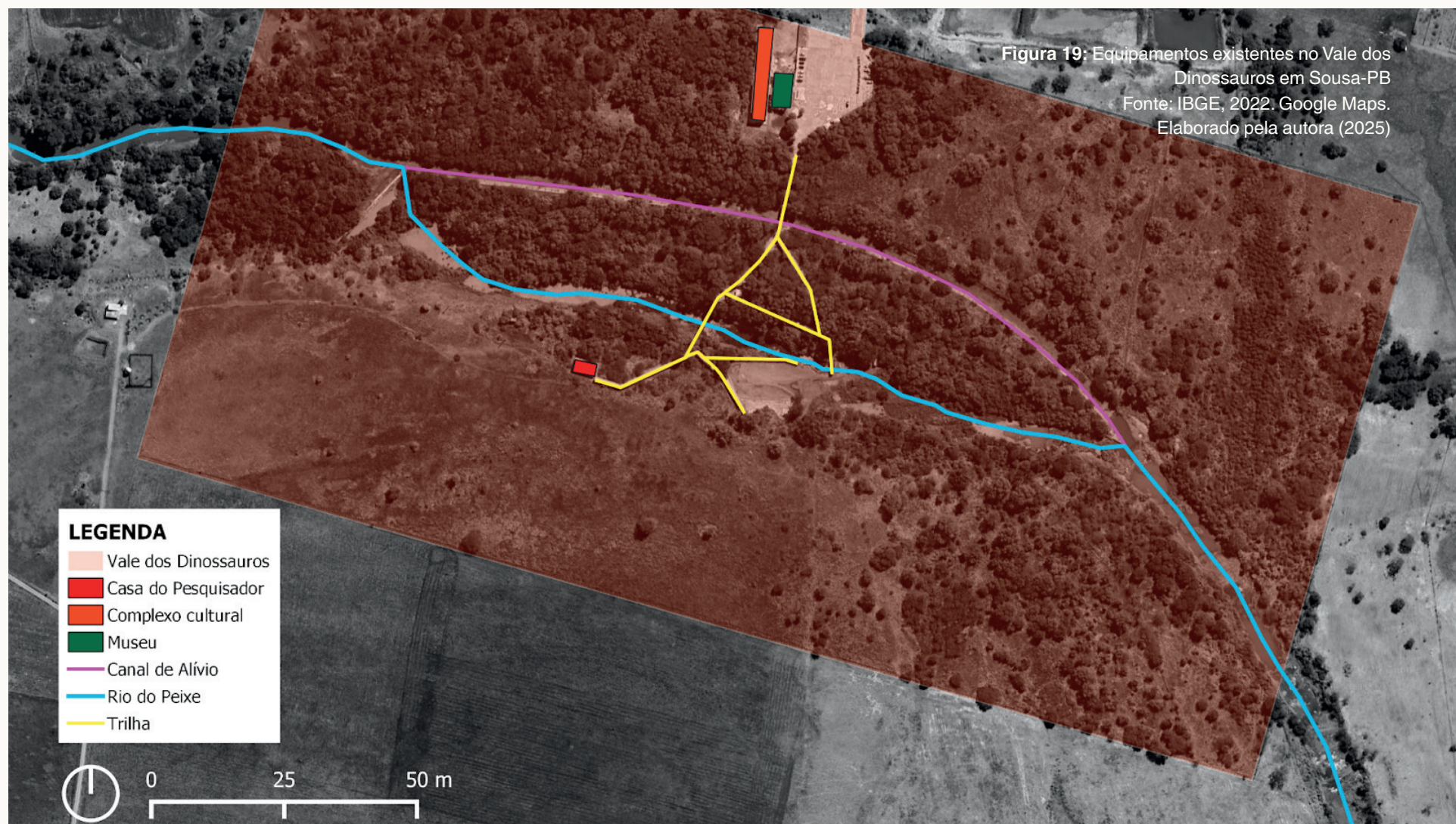


Figura 18: Delimitação do Monumento Natural: Vale dos Dinossauros em Sousa-PB
Fonte: IBGE, 2022. Google Maps.
Elaborado pela autora (2025)

Esse sítio paleontológico está situado às margens do Rio do Peixe, cuja dinâmica fluvial contribuiu para a preservação das pegadas ao longo do tempo. De acordo com Siqueira et al., (2011) o local é um dos únicos do mundo onde se encontram registros arqueológicos ao lado de pegadas de animais do passado geológico da Terra. (Fig. 18).



O Complexo de Visitação conta atualmente com um conjunto de equipamentos públicos. Entre eles estão o museu/recepção, passarelas, quiosques, estacionamento, mirantes e pontes que permitem a observação das pegadas fossilizadas (Fig. 19).



3.2.1. História e características do Vale

As pegadas foram vistas pela primeira vez no início do século XX pelo agricultor Anísio Fausto da Silva. De acordo com depoimentos de moradores da região, ao procurar animais perdidos em suas terras, Anísio Fausto deparou-se com pegadas de animais no solo, que chamou na época de Rastro do Boi e da Ema, assim foi sendo divulgado, gerando curiosidade entre os habitantes locais, já que até então nunca se tinha ouvido falar em pegadas fossilizadas na região (Queiroga, 2014).

De acordo com o Ministério da Integração e do Desenvolvimento Regional (2022), no início da década de 1920, o geólogo Luciano Jacques Moraes, enquanto atuava como engenheiro de minas para DNOCS na Paraíba, encontrou duas pistas de animais pré-históricos nas rochas do leito do rio do Peixe, na Fazenda Ilha. Após a descoberta, o engenheiro enviou uma laje com uma pegada original escavada e um molde de uma pegada da pista para os Estados Unidos, para que fossem estudadas por profissionais qualificados e, apesar de nunca ter recebido retorno sobre o material, o mesmo é considerado o primeiro a tratar as pistas de forma científica.

Em 1924, Luciano Jacques de Moraes publicou o terceiro volume de Serras e Montanhas do Nordeste, apresentando registros de pegadas fossilizadas, gotas de chuva petrificadas e vestígios de vegetação primitiva na região de Sousa (Queiroga, 2014). Após esse estudo, não há

registros de novas pesquisas até 1970 quando, em 1972, o geólogo e paleontólogo italiano Giuseppe Leonardi chegou à região a convite do prefeito Gilberto de Sá Sarmento. Leonardi realizou estudos aprofundados, na qual catalogou pegadas de dinossauros e publicou seus resultados na obra *Sulle Orme dei Dinosauri* (1993), além de diversos artigos em revistas nacionais e internacionais que contribuíram para a valorização da riqueza paleontológica na localidade de Sousa e fomentaram a informação de que o Vale seria um dos mais importantes do mundo.

Em 1970, o geólogo conseguiu formalizar o Monumento Nacional Vale dos Dinossauros, que visava a recuperação das áreas de pesquisa, além de promover novas escavações nas imediações da bacia do Rio do Peixe. Vale mencionar que nessa época não existia infraestrutura de apoio no local, logo, tratava-se apenas de limitações do espaço de ocorrência do fenômeno paleontológico (Queiroga, 2014). A partir de 1990, as autoridades locais passaram a dar mais atenção ao Vale, isso ocorreu porque houve a repercussão na mídia sobre a importância das pegadas encontradas no município de Sousa, com isso, tornava-se perceptível que a área precisava de mais cuidado e valorização. Nesse âmbito, muitas ONGs foram fundadas, entretanto, poucas conseguiram sucesso com o trabalho de preservar e difundir o Vale dos Dinossauros (Queiroga, 2014).

Figura 20: Vale dos Dinossauros no Jornal em 1999

Fonte: IBGE, 2022. Google Maps. Elaborado pela autora (2025)



(Fig. 20). Com isso, foi realizada a parceria da Prefeitura Municipal de Sousa com o Governo do Estado da Paraíba para a construção do Monumento Natural Vale dos Dinossauros com o objetivo de proteger as pegadas fossilizadas de dinossauros e promover o turismo na cidade, atraindo pesquisadores, estudantes e visitantes interessados na paleontologia e na história natural (Pereira, 2017).

Como mencionado, o Complexo de Visitação do Vale dos Dinossauros foi inaugurado em dezembro de 2002, localizado no sítio Passagem das Pedras em Sousa, ocupando aproximadamente 40 mil hectares. O monumento natural faz parte da Bacia do Rio do Peixe que abrange uma área de aproximadamente 3.419 km², o que equivale a 341.900 hectares e atinge os municípios de: Sousa, Aparecida, Marizópolis, Vieirópolis, São Francisco, São José da Lagoa Tapada, Santa Cruz, Santa Helena, Nazarezinho, Triunfo, Uiraúna, São João do Rio do Peixe e Cajazeiras. De acordo com Pereira (2017), poucas pessoas sabem que o Vale

Pode-se dizer que “MOVISSAUROS”, Movimento de Preservação do Vale dos Dinossauros, foi a ONG que obteve maiores resultados pois desempenhou um papel fundamental no reconhecimento do Vale por diferentes populações, visto que tinha como objetivo pesquisar, preservar e divulgar o Vale dos Dinossauros

não se restringe apenas ao local onde na atualidade encontra-se o Complexo de Visitação do Monumento Natural Vale dos Dinossauros, além do grande potencial de se encontrar novos sítios na região.

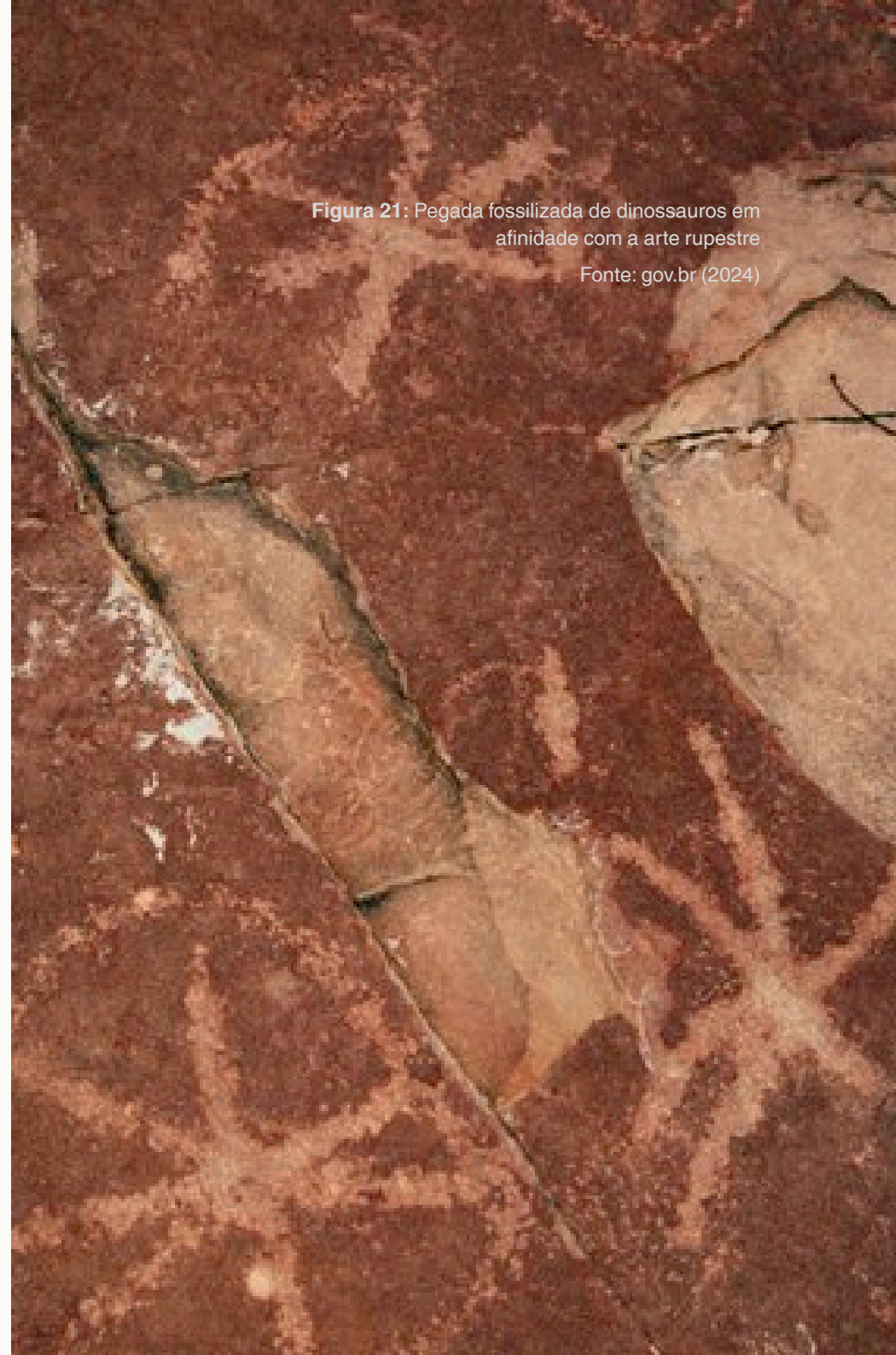
Entretanto, constantemente são realizadas pesquisas científicas no local, resultando em novas descobertas que ampliam o reconhecimento do monumento natural em nível nacional e internacional. Essas descobertas contínuas no perímetro, por sua vez, reafirmam o município de Sousa como um dos principais pólos de investigação paleontológica no Brasil. Recentemente, a Agência Gov (2024) apresentou que:

O Sítio do Serrote do Letreiro trata-se do primeiro sítio no mundo em que foram encontradas pegadas fossilizadas de dinossauros em afinidade com a arte rupestre de povos pré-coloniais, criada milhões de anos depois da existência daqueles animais, o que indica que essas populações reconheceram esses registros fósseis e os assimilaram em seus desenhos e sua expressão simbólica. A descoberta foi publicada em março na revista científica internacional Scientific Report, do portfólio Nature, em artigo dos arqueólogos Heloísa Bitú e Leonardo Troiano e dos paleontólogos Aline Chilardi e Tituo Aureliano, e levou ao recente recadastramento do sítio pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). (Agência Gov, 2024, s/ pg.).

O recente descobrimento paleontológico e arqueológico (Fig. 21) representa a possibilidade de atrair mais pesquisas, proteção e valorização do patrimônio, além de impulsionar o turismo cultural e científico.

Figura 21: Pegada fossilizada de dinossauros em afinidade com a arte rupestre

Fonte: gov.br (2024)



3.2.2. Regulamentação do Monumento Natural Vale dos Dinossauros

O termo Monumento Natural e suas peculiaridades foi definido na Lei Federal nº 9.985, de 18 de julho de 2000:

Art.12 O Monumento Natural tem como objetivo básico preservar sítios naturais raros, singulares ou de grande beleza cênica.

§ 1º O Monumento Natural pode ser constituído por áreas particulares, desde que seja possível compatibilizar os objetivos da unidade com a utilização da terra e dos recursos naturais do local pelos proprietários.

§ 2º Havendo incompatibilidade entre os objetivos da área e as atividades privadas ou não havendo aquiescência do proprietário às condições propostas pelo órgão responsável pela administração da unidade para a coexistência do Monumento Natural com o uso da propriedade, a área deve ser desapropriada, de acordo com o que dispõe a lei.

§ 3º A visitação pública está sujeita às condições e restrições estabelecidas no Plano de Manejo da unidade, às normas estabelecidas pelo órgão responsável por sua administração e àquelas previstas em regulamento. (Brasil, 2000, art. 12).

Diante disso, Monumento Natural Vale dos Dinossauros com uma área que equivale a aproximadamente 388.238 metros quadrados está oficialmente delimitada e protegida pelo Decreto Estadual n.º 23.832/2002 - conforme estabelecido no Plano de Manejo elaborado pela

Diante disso, Monumento Natural Vale dos Dinossauros com uma área que equivale a aproximadamente 388.238 metros quadrados está oficialmente delimitada e protegida pelo Decreto Estadual n.º 23.832/2002 - conforme estabelecido no Plano de Manejo elaborado pela Superintendência de Administração do Meio Ambiente (SUDEMA, 2021) - e foi tombado em 2004 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP), ou seja, vinte e oito anos depois do documento que Leonardi enviou a Noronha.

Segundo a pesquisa de Azevedo (2012), essa demora é explicada pela preocupação em tomar bens arquitetônicos, já que a política da época (anos 1970) do IPHAEP era pautada em diretrizes que se voltavam ao tombamento e a restauração dos bens de pedra e cal, logo, apesar do Vale dos Dinossauros possuir valor científico e histórico, não foi imediatamente reconhecido como patrimônio a ser protegido sob o ponto de vista cultural. Ademais, a preservação e cuidados desse monumento natural é de competência comum da União, do Estado e do Município, que institui normas legais para a efetivação da preservação do patrimônio histórico e cultural local.

3.3. A cidade e o Vale: o crescimento urbano em Sousa-PB e a espetacularização do Vale dos Dinossauros

Em uma perspectiva econômica e cultural, Sousa passou, em meados do século XX, por um processo de transformação e desenvolvimento que foi diretamente influenciado pela relevante descoberta paleontológica e arqueológica. Logo, a revelação das pegadas de dinossauros provocou uma alteração significativa no desenvolvimento urbano e na identidade da cidade de Sousa. De acordo com Queiroga (2014), após os estudos de Giuseppe Leonardi, em 1990, o Vale dos Dinossauros passou a desempenhar um papel simbólico de representação do município, sendo divulgado em vários meios de comunicação, destacando assim, a relevância da descoberta, apresentando a importância do patrimônio natural na região de Sousa.

Tendo em vista que a cidade era ritmada pela agricultura e atividades comerciais, após a descoberta das pegadas de dinossauros, o município deixou de ser identificado apenas como uma localidade de perfil agrícola para assumir o popularmente o título de “Cidade dos Dinossauros”, com reconhecimento em escala nacional e internacional. Essa mudança de paradigma mobilizou não só o poder público - refletindo no investimento em ações voltadas ao fortalecimento do turismo, como a criação do complexo de visitação -, mas a dinâmica da cidade como um todo.

Nesse sentido, pode-se dizer que esse espaço, além de preservar importantes registros do período Cretáceo, tornou-se um símbolo do território sousense, refletindo na paisagem urbana da cidade. Elementos que remetem aos dinossauros estão presentes em fachadas de empresas, nomes de comércios, esculturas e diversos outros espaços públicos e privados (Fig. 22 a 33) - localizados próximos ou distantes do vale -, evidenciando como o patrimônio paleontológico foi incorporado ao cotidiano e à cultura visual de Sousa.



Figura 22: Supermercado Dinossauro
Fonte: Google Maps (2022)



Figura 24: Troodon Food Park
Fonte: Google Maps (2024)



Figura 26: Madeireira Dinossauro
Fonte: Google Maps (2024)



Figura 23: Papeleria
Papirossauros em Sousa-PB
Fonte: Google Maps (2022)



Figura 25: Troodon Hotel, em Sousa-PB
Fonte: Google Maps (2024)



Figura 27: Lojão Metalsauro
Fonte: Google Maps (2024)

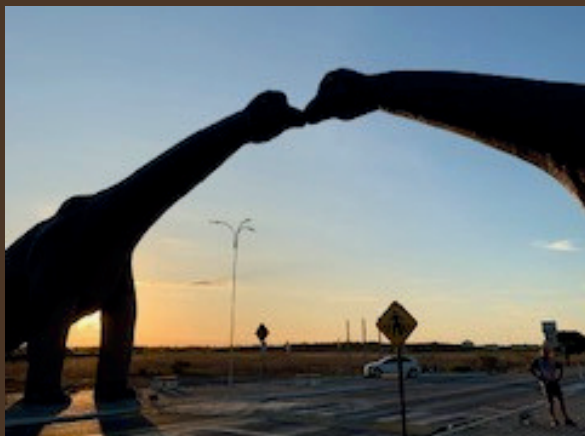


Figura 28: Portal da cidade de Sousa
Fonte: Acervo Pessoal (2025)



Figura 30: Rotatória com réplica de dinossauro na
Rua Cel Manoel Mendes em Sousa
Fonte: Google Maps (2022)



Figura 32: Réplica de dinossauro na
Avenida Monsenhor Vicente Freitas
Fonte: Google Maps (2024)



Figura 29: Rotatória com réplica de dinossauro
na Rua Manoel Gadelha Filho em Sousa
Fonte: Google Maps (2024)



Figura 31: Réplica de dinossauro na Rua
Sinfrônio Nazaré em Sousa
Fonte: Google Maps (2022)



Figura 33: Réplicas de dinossauros
durante a Pandemia na cidade de Sousa
Fonte: Metrôpoles (2020)

Nesse contexto, é pertinente destacar também o Sousa Esporte Clube, time de futebol da cidade de Sousa, uma vez que adotaram o dinossauro como símbolo identitário do time (Fig. 34). O mascote é mobilizado como símbolo de força, resistência e longevidade, atributos estrategicamente incorporados ao discurso do clube, ao mesmo tempo em que se apresenta como elemento de valorização da memória local e de afirmação do pertencimento regional.

Figura 34: Escudo do Sousa Esporte Clube
Fonte: Globo Esporte (2021)



Com base no material apresentado, é possível dizer que os sousenses, de certa forma, souberam apropriar-se estrategicamente dessa notoriedade, tendo em vista que o Vale não compreende apenas a localidade de Sousa, mas cerca de 30 localidades do Alto Sertão da Paraíba. No entanto, ao ouvir falar em Dinossauros, Sousa figura-se como a principal referência regional associada ao tema

(Queiroga, 2014). Foi a partir de 1990 que emergiu a construção identitária da cidade como 'Terra dos Dinossauros' no imaginário coletivo e nas estratégias de promoção local, tendo em vista que a ideia se fez cada vez mais presente no senso comum dessa população. Entretanto, apesar da importante apropriação simbólica, vale ressaltar que há pouca valorização do monumento em si.

De acordo com Jacques (2008), as cidades têm se tornado cada vez mais cenográficas, priorizando a imagem e o espetáculo em detrimento da experiência cotidiana dos habitantes. Dito isso, pode-se dizer que esse processo resulta na perda da corporeidade dos espaços urbanos, que se tornam simples cenários, sem vida própria, destinados mais à observação passiva do que à vivência ativa. Em relação a Sousa, diante dos dados apresentados, percebe-se que, em vez de fomentar o contato direto com o patrimônio paleontológico, natural e cultural do local, órgãos públicos e privados da cidade estão focados em transformar a área urbanizada em um grande cenário temático, valorizando o espetáculo de reconhecimento por meio dos símbolos e esculturas presentes em diversos espaços do perímetro sousense.

Pereira (2017) explica que, devido a grande importância do monumento para o município, o Vale tornou-se uma referência para a cidade até mesmo antes de ser inaugurado como monumento de visitação, fazendo parte

do cotidiano da cidade. No entanto, a ausência de investimentos e incentivos para beneficiar os visitantes, reflete a fragilidade dos serviços de turismo ofertados, uma vez que a cidade possui potencial, mas o patrimônio e a história não são bem explorados e valorizados pela sociedade local, refletindo assim, no baixo aproveitamento turístico e na ausência de aprofundamento sobre a história e cultura da cidade por parte dos habitantes da região, o que compromete diretamente a sua conservação.

O equipamento de suporte turístico e científico do Vale dos Dinossauros, localizado no Sítio Passagem das Pedras, abrange uma área que comporta um museu, casa do pesquisador, estacionamento, trilhas e mobiliário urbano como bancos e lixeiras. Atualmente, este complexo apresenta uma estrutura física limitada e com sinais de desgaste, mesmo após reformas que aconteceram recentemente. A partir de visita in loco, foi possível realizar algumas observações:

- a) O caminho que conecta o centro urbano de Sousa ao Monumento do Vale dos Dinossauros é pavimentado e margeado por pastagens e pequenas plantações;
- b) A paisagem evidencia a topografia plana da área, com poucas serras visíveis ao longe;
- c) O portão de entrada (fig. 35), discretamente localizado próximo à PB-391, passa quase despercebido por não estar exatamente à beira do asfalto e, ao se posicionar diante dele, é impossível imaginar o que se encontra no interior do Vale;
- d) O único elemento visível para o visitante é a estrada com cerca de 700 metros de extensão, que conecta o portão ao estacionamento do Centro de Visitação do Monumento do Vale dos Dinossauros.



Figura 35: Vista do portão de acesso ao Vale dos Dinossauros, Sousa-PB

Fonte: Acervo Pessoal (2025)



Figura 36: Rua de acesso ao Vale dos Dinossauros, Sousa-PB

Fonte: Acervo Pessoal (2025)

e) Ao longo dessa estrada, currais e plantações situam-se a poucos metros das margens, sendo separados da via apenas por uma cerca de arame farpado que acompanha todo o seu trajeto (Figura 36);

f) Não há qualquer tipo de sombra, seja natural ou construída, assim como também não existem atrativos adicionais ao longo do caminho, tanto para quem percorre de carro quanto para aqueles que optam por caminhar.

g) No espaço de visitação (Fig. 37), há uma escultura de dinossauro, um pequeno ponto comercial em estado de abandono, o museu e um estacionamento que possui uma escala que, à primeira vista, pode causar a sensação de desproporção ao visitante (Fig. 37).



Figura 37: Escultura e ponto comercial no Vale dos Dinossauros, Sousa-PB

Fonte: Acervo Pessoal (2025)

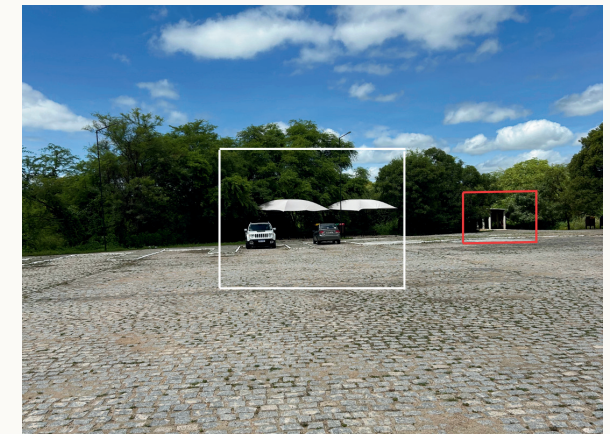


Figura 38: Estacionamento do Vale dos Dinossauros, Sousa-PB

Fonte: Acervo Pessoal (2025)

A ampla área destinada ao estacionamento de carros e ônibus cria uma sensação de afastamento em relação à edificação, que se sobressai unicamente por contrastar com o vazio predominante na paisagem ao seu redor (Fig. 38), nesse grande vazio, também é possível identificar uma pequena quantidade de bancos de madeira cobertos por duas estruturas em lona e, o acesso às trilhas com as pegadas históricas. Em frente ao museu, é possível identificar mais vagas de estacionamento que não possuem sombreamento, apenas a marcação de piso (Fig. 39). Ressalta-se a ausência da vegetação na conformação desses espaços, o que faz da área livre um espaço pouco convidativo e pouco confortável, dada a alta temperatura do clima da região.

Em relação à estrutura do museu, a edificação apresenta uma escala discreta frente à vastidão do terreno e encontra-se em um bom estado de conservação devido à reforma realizada em 2024, na qual foi significativamente alterado. A nova estrutura, que é acessível, conta, em seu interior, com espaços expositivos abertos ao público e banheiros. O espaço também conta com ambientes administrativos do parque e áreas restritas ao uso dos funcionários.

A área expositiva ocupa a maior parte da edificação. O acervo apresentado é composto por fragmentos de fósseis e icnofósseis que foram encontrados nas proximidades do Vale, painéis informativos, equipamentos utilizados por pesquisadores, além de réplicas em 3D (Fig. 40 e 41). Esses elementos representam, de forma didática e visual, as espécies pré-históricas que habitaram a região, contribuindo para a contextualização científica e histórica do sítio.



Figura 39: Fachada do Museu do Vale dos Dinossauros, Sousa-PB
Fonte: Acervo Pessoal (2025)



Figura 40: Museu do Vale dos Dinossauros, Sousa-PB
Fonte: Acervo Pessoal (2025)

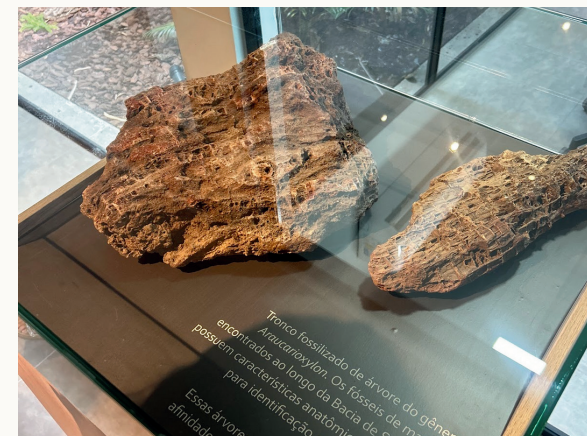


Figura 41: Museu do Vale dos Dinossauros, Sousa-PB
Fonte: Acervo Pessoal (2025)

Em relação à análise de estratégias arquitetônicas do equipamento, o Museu apresenta um pátio interno que promove iluminação natural e possivelmente ventilação natural quando aberto (Fig. 43). Além disso, é também utilizado como espaço expositivo para miniaturas de dinossauros (Fig. 42).

Como mencionado anteriormente, o local não possui sombreamento na área externa, seja por árvores ou espaços construídos. O acesso à área das pegadas de dinossauros, localizado próximo ao edifício principal, é feito por uma trilha pavimentada em concreto que se estende entre a vegetação característica da caatinga. Apesar de apresentar bifurcações ao longo do trajeto, o percurso é bem sinalizado, o que facilita a orientação dos visitantes durante o percurso (Fig. 44 e 45).



Figura 42: Pátio interno do Museu do Vale dos Dinossauros, Sousa-PB
Fonte: Acervo Pessoal (2025)



Figura 43: Pátio interno do Museu do Vale dos Dinossauros, Sousa-PB
Fonte: Acervo Pessoal (2025)



Figura 44: Acesso às trilhas do Vale dos Dinossauros, Sousa-PB
Fonte: Acervo Pessoal (2025)



Figura 45: Acesso às trilhas do Vale dos Dinossauros, Sousa-PB
Fonte: Acervo Pessoal (2025)

Ao longo do caminho, é possível notar a existência de quiosques instalados em pontos estratégicos, concebidos como áreas de apoio. Contudo, os bancos desses quiosques não possuem qualquer estrutura de sombreamento (Fig. 46), o que compromete seu uso como espaços de descanso, sobretudo nos períodos de maior incidência solar devido ao clima predominante na região.

A trilha também apresenta em seu trajeto, duas passarelas metálicas implantadas: uma sobre o Rio do Peixe e outra sobre um “canal de alívio” (Fig. 47 e 48). Este canal foi projetado com a finalidade de regular a vazão excedente do Rio do Peixe durante o período chuvoso, atuando como medida preventiva para a proteção da área paleontológica, evitando sua inundação e contribuindo para a preservação das icnitas ali presentes.

Além disso, possui passarelas para visualização das pegadas que apresentam a mesma tipologia das pontes: estrutura e guarda-corpo metálico e piso em madeira em um nível superior ao nível natural do solo (Fig. 49 e 50). As mesmas não possuem proteção contra o sol, expondo os visitantes à radiação solar, entretanto, vale mencionar o bom estado de conservação em que se encontram.



Figura 46: Área de descanso do Vale dos Dinossauros, Sousa-PB
Fonte: Acervo Pessoal (2025)

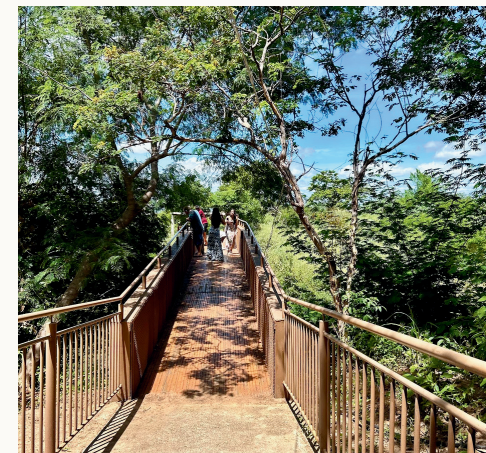


Figura 47: Ponte sobre Canal de Alívio no Vale dos Dinossauros, Sousa-PB
Fonte: Acervo Pessoal (2025)



Figura 48: Ponte sobre Canal de Alívio no Vale dos Dinossauros, Sousa-PB
Fonte: Acervo Pessoal (2025)

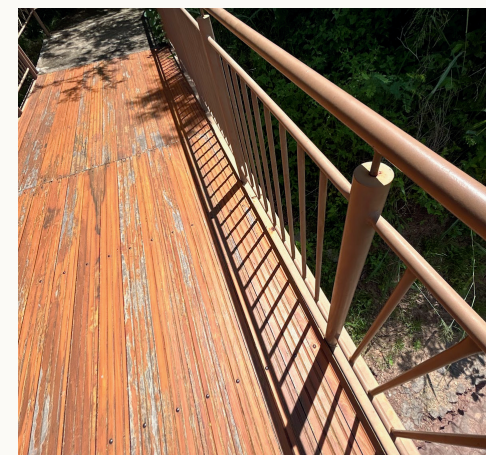


Figura 49: Passarelas no Vale dos Dinossauros, Sousa-PB
Fonte: Acervo Pessoal (2025)

E, embora o espaço conte com lixeiras distribuídas ao longo da trilha (Fig. 51 e 52) — o que representa um aspecto positivo em relação à conservação ambiental —, carece de infraestrutura básica como banheiros e pontos de apoio comercial, o que limita a permanência do visitante e compromete a qualidade da experiência turística que, em sua totalidade, pode ser concluída em aproximadamente quinze minutos de caminhada, acrescido do tempo de permanência na área de observação das pegadas, o qual varia conforme o interesse e ritmo individual de cada visitante.

Por fim, foi encontrada apenas uma placa de sinalização com informações sobre o espaço (Fig. 53). Logo, é possível observar uma carência significativa de recursos interpretativos ao longo do percurso e nas áreas de visitação do Vale dos Dinossauros, visto que no percurso não há painéis explicativos que contextualizam historicamente as pegadas ali preservadas, ou à existência de outros sítios arqueológicos e paleontológicos que integram o território do monumento.

No âmbito dessa análise, pode-se concluir que o local não possui atividades ou ações que impulsionam o turismo, a educação e a apropriação do espaço por parte da população do município, fundamentando-se apenas em uma abordagem generalista que explora a imagem do parque e dos objetos paleontológicos, desconsiderando a história e a importância do real patrimônio.



Figura 50: Passarelas no Vale dos Dinossauros, Sousa-PB
Fonte: Acervo Pessoal (2025)



Figura 51: Lixeiras no Vale dos Dinossauros, Sousa-PB
Fonte: Acervo Pessoal (2025)



Figura 52: Lixeiras no Vale dos Dinossauros, Sousa-PB
Fonte: Acervo Pessoal (2025)



Figura 53: Sinalização de informações no Vale dos Dinossauros, Sousa-PB
Fonte: Acervo Pessoal (2025)

04

Referencial Projetual

4. Referencial Projetual

Este capítulo examina experiências projetuais que se destacam por sua relevância para embasar a proposta de requalificação em estudo, por meio da seleção de três referências que se mostram adaptáveis a distintos contextos, apresentam diversidade geográfica e abrangem diferentes tipologias. A análise foi conduzida com base nas propostas de baixo impacto ambiental e inclusivos em espaços públicos e patrimônios naturais, à luz das contribuições e reflexões obtidas a partir do referencial teórico.

Para tanto, foram analisados os seguintes aspectos projetuais: volume/inserção, programa de necessidades, materialidade e público-alvo. A definição dessas categorias justifica-se pela relevância para orientar uma abordagem integrada e consistente ao desenvolvimento do projeto urbano em nível de estudo preliminar proposto. Para sistematizar os resultados, criou-se uma tabela que tem como objetivo sintetizar e apontar as soluções projetuais com maior potencial para aplicação ao objeto de estudo deste trabalho, destacando o que melhor dialoga com o projeto de requalificação a ser desenvolvido.

4.1. Parque Paleo

Localização: Bale, Croácia

Autoria: NFO Architects

Área: 16.000 m²

Ano: 2020

O Parque Paleo (Fig. 54), localizado dentro do complexo Mon Perin em Bale na Croácia, é inserido em um sítio paleontológico considerado o único do mundo que esconde restos fossilizados no fundo do mar e se destaca por seus traços arquitetônicos que transformam a vista aérea em um símbolo do local. O equipamento faz a união de um parque aquático temático e um centro de pesquisa educacional que tem como objetivo principal a divulgação e conhecimento sobre a importância do patrimônio paleontológico.

VOLUME/INSERÇÃO

Com aproximadamente 16.000 m² de área total construída, na qual é distribuída entre ambientes internos e externos, a área externa é subdividida entre o térreo e uma coberta que se integra aos telhados verdes e incorpora à topografia local, proporcionando a criação de uma arquitetura fluida que se adapta ao entorno natural.

Figura 54: Vista aérea do Parque Paleo, Croácia
Fonte: ArchDaily, 2021



PROGRAMA DE NECESSIDADES

O programa do parque é dividido em zonas de lazer, serviço, alimentação e educação. Os espaços fechados comportam a recepção, vestiários, loja, restaurante e áreas educacionais, enquanto a espacialidade é configurada a partir de uma grande piscina temática em formato de dinossauro (Fig. 55), a qual funciona como um eixo para distribuição dos outros usos do equipamento, fazendo com que o percurso seja tão fluido quanto a sua forma.

As áreas abertas do parque, como a piscina temática, telhado verde, e as instalações de alimentação e lazer, seguem as linhas suaves da topografia local, minimizando o impacto ambiental e preservando a vegetação existente.



Figura 55: Planta baixa térreo do Parque Paleo
Fonte: ArchDaily, 2021

MATERIALIDADE

O Parque Paleo se destaca por sua aparência geométrica camuflada devido a incorporação dos traços arquitetônicos que se unem ao entorno a partir da criação de planos de cobertura com interligação ao nível do solo natural (Fig. 55), de igual modo, o projeto dá ênfase ao uso de materiais que proporcionam o diálogo sustentável, com a presença do concreto aparente, madeira, vidro e jardins, tanto no térreo quanto na cobertura.

PÚBLICO-ALVO

O parque se configura como um equipamento com recurso valioso que faz a junção dos usos recreativos e educativos com elementos e formas lúdicas a partir de espaços de entretenimento e lazer, e de aulas e estudos de ciência e da natureza. Devido ao programa apresentado, o público-alvo é representado por entusiastas de paleontologia - devido o contexto histórico do local -, grupos escolares e visitantes de diferentes faixas etárias que buscam lugares que estimulem a curiosidade e diversão.



Figura 56: Pátio do
Parque Paleo, Croácia
Fonte: ArchDaily, 2021

4.2. Proposta para o Concurso Parque do Mirante

Localização: Piracicaba, São Paulo, Brasil

Autoria: Ravaglia & Philot et al.

Área: 37.000 m²

Ano: 2015

Figura 57: Anúncio do Concurso Parque do Mirante em Piracicaba

Fonte: ArchDaily, 2014

Em 2014, a Prefeitura de Piracicaba, juntamente com o Departamento de São Paulo do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB-SP), promoveu o Concurso Nacional Parque do Mirante de Piracicaba, que teve o objetivo escolher projetos para a requalificação do Parque do Mirante que fica localizado nas margens do Rio Piracicaba. A proposta de Ravaglia & Philot et al. (2014), escolhida como correlato projetual para este trabalho, foi desenvolvida para esse concurso. O trabalho teve como foco a reintegração da cidade com o Rio Piracicaba, proporcionando o respeito à história e os elementos existentes no parque. O projeto buscou valorizar a mobilidade urbana e os elementos naturais e arquitetônicos presentes, visando intervenções de baixo impacto e reversíveis.

VOLUME/INSERÇÃO

A área do parque é um lugar de grande importância para a cidade por se caracterizar como patrimônio natural, cultural, histórico e turístico do município. Logo, a inserção do projeto foi pensada para estabelecer a reconexão da cidade com as margens pluviais por meio do parque, tendo como principal estratégia a inserção de uma malha cicloviária que conectaria os espaços por meio de um estímulo ao transporte sustentável e a criação de equipamentos e percursos (Fig. 58) que se adaptam a topografia do lugar.



PROGRAMA DE NECESSIDADES

O programa apresenta uma abordagem leve e multifuncional, priorizando a integração dos seguintes espaços: 1 e 2) circulação com passarelas metálicas e conexões viárias; 3, 4, 6 e 7) permanência com mirante requalificado, deck à beira do rio e área coberta para uso livre; 5) uso público com módulos móveis com uso flexível em todo o percurso do parque (Fig. 59).

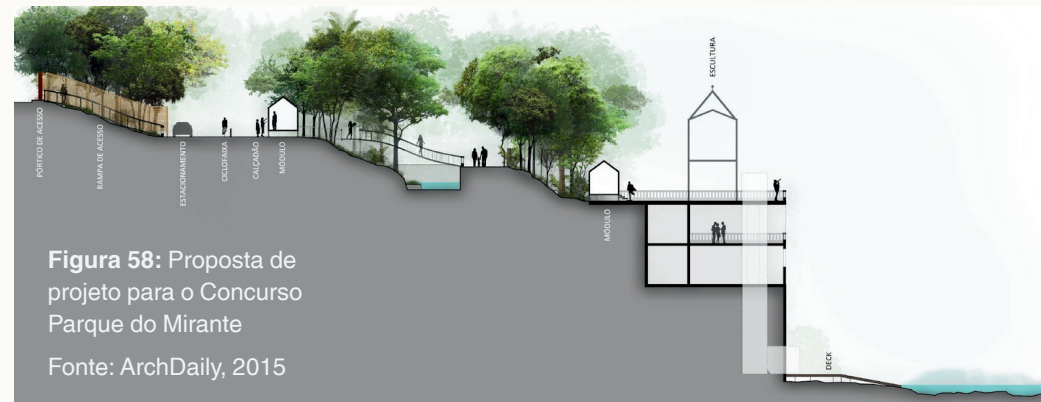


Figura 59: Proposta de projeto para o Concurso Parque do Mirante

Fonte: ArchDaily, 2015



MATERIALIDADE

A proposta apresenta materiais leves e contemporâneos, com a presença de estruturas metálicas, madeiras e materiais modulares que proporcionam uma abordagem de adaptação com o entorno, mantendo o patrimônio existente ainda como foco principal.

O projeto também propõe a inserção de volumes modulares em pequena escala para promover suporte funcional ao uso público com uma arquitetura leve que se adapta com a paisagem local. Entre eles, destacam-se módulos destinados a serviços de apoio (sanitários e guarita), pontos de informação e recepção para visitantes, além de módulos de feira, bicicletário, lanchonete, aquário e outros. Cada elemento foi projetado de forma independente e flexível, permitindo tanto o deslocamento quanto a adaptação conforme as demandas de uso.

PÚBLICO-ALVO

O público-alvo abrange a comunidade local da cidade de diferentes faixas etárias, gêneros e perfis sociais que possam usufruir do parque como extensão do cotidiano urbano. Além de se tornar também um espaço para rota de mobilidade ativa. A variedade de atividades e iluminação pública proposta permitem o uso e permanência em diferentes horários do dia.

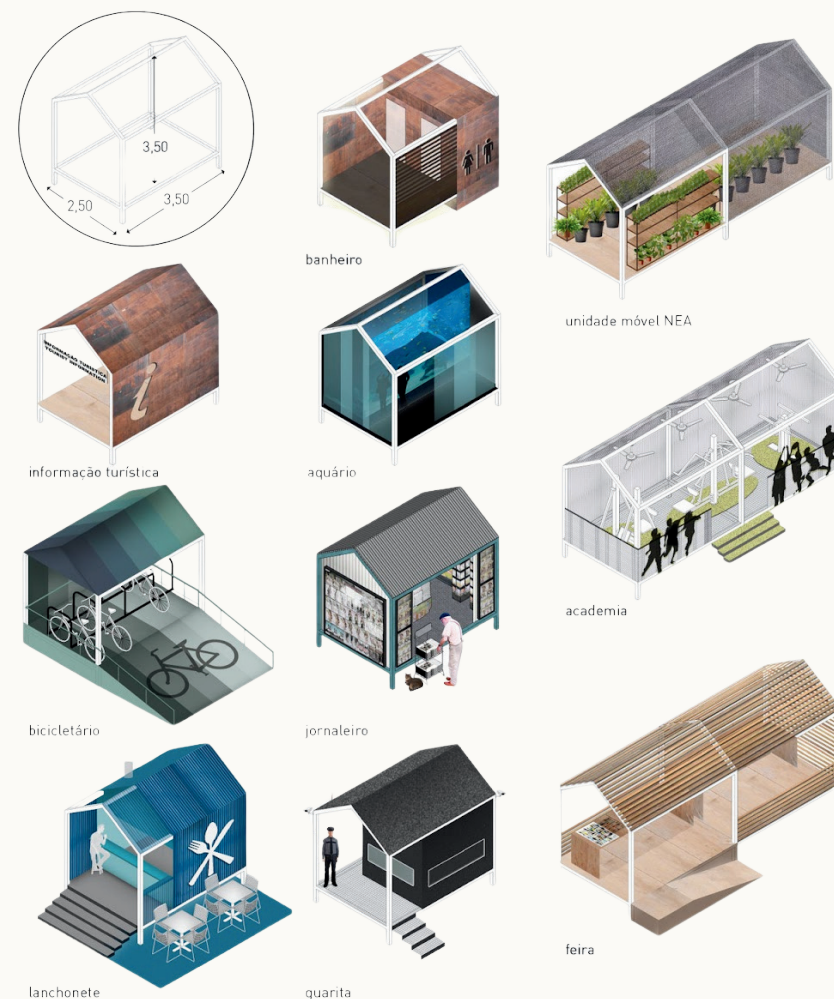


Figura 60: Módulos da proposta de projeto para o Concurso Parque do Mirante
Fonte: ArchDaily, 2015

4.3. Museu da Natureza

Localização: Coronel José Dias, Piauí, Brasil

Autoria: Elizabete Buco e AD Arquitetura

Área: 4.000 m²

Ano: 2018

O Museu da Natureza (Fig. 61), localizado no município de Coronel José Dias no Piauí, está implantado no território do Parque Nacional da Serra da Capivara, um dos principais sítios arqueológicos do Brasil e Patrimônio Mundial da UNESCO, funcionando como uma porta de entrada ao monumento natural. O equipamento foi projetado pela arquiteta Elizabete Buco em parceria com o escritório AD Arquitetura em 2012 e inaugurado em dezembro de 2018.

VOLUME/INSERÇÃO

O museu foi desenvolvido em formato de espiral, possui dois pavimentos e uma área total de 4000m². A inserção do equipamento no parque está estrategicamente dialogando com a paisagem natural da Serra da Capivara (Fig. 62), logo, a escolha da implantação permite a sensação ampliada de conexão com a natureza do parque, tendo em vista o terreno de topografia acidentada, com chapadas e vales, desníveis significativos e vegetação típica da Caatinga. O projeto apresenta soluções construtivas de baixo impacto, colocando a eficiência térmica e a sustentabilidade em primeiro plano.



Figura 61: Vista aérea do Museu da Natureza, Piauí
Fonte: LINS, 2019

PROGRAMA DE NECESSIDADES

O equipamento possui, aproximadamente, 60% da sua área destinada às exposições permanentes e temporárias. O espaço expositivo permanente conta com 12 salas interativas apresentando a história da formação do universo, ciclos climáticos, biodiversidade da caatinga, entre outros. Além disso, a infraestrutura de apoio ao turista contém auditório, restaurante, loja, sanitários e, também, instalações administrativas e área técnica.

MATERIALIDADE

Quanto à materialidade, o projeto utiliza, predominantemente, elementos metálicos leves, permitindo grandes vãos e curvas livres que reforçam a ideia de movimento ascensional. O equipamento concilia o vidro com painéis opacos (Fig. 63), na qual o vidro proporciona tanto a iluminação natural quanto a visualização privilegiada da paisagem natural do parque, enquanto os painéis opacos exercem o controle térmico e solar, proporcionando o conforto ambiental.

PÚBLICO-ALVO

Devido a sua inserção no Parque da Capivara, o Museu da Natureza atende a um público variado que abrange pessoas interessadas em ciência e meio ambiente, turistas culturais que visitam o parque, grupos escolares e famílias, aliando atividades educativas a atividades de lazer.



Figura 62: Inserção do Museu da Natureza na paisagem

Fonte: LINS, 2019



Figura 63: Fachada e materiais do Museu da Natureza, Piauí

Fonte: LINS, 2019

4.4. Síntese analítica de projetos correlatos

A tabela a seguir apresenta uma avaliação dos parâmetros selecionados, por meio da atribuição de pontos de 1 a 5 aos projetos correlatos. A pontuação corresponde ao nível de compatibilidade dos projetos com o objetivo do projeto de requalificação proposto para o Vale dos Dinossauros, em Sousa. Logo, quanto maior a quantidade de pontos, maior será o alinhamento conceitual e potencial de aplicabilidade. Foram analisados os seguintes aspectos: programa de necessidades, materialidade, volume/inserção e público alvo (Tabela 2).

TABELA SÍNTESE DE ANÁLISE DOS PROJETOS CORRELATOS			
ASPECTOS	PALEO PARK	PROPOSTA PARA O CONCURSO PARQUE DO MIRANTE	MUSEU DA NATUREZA
PROGRAMA DE NECESSIDADES	4	5	4
MATERIALIDADE	4	5	4
VOLUME/INSERÇÃO	5	4	5
PÚBLICO ALVO	4	5	5

Tabela 02: Análise dos projetos correlatos
Fonte: Elaborado pela autora, 2025

05

Estudos Pré-Projetuais

5. Estudos Pré-projetuais

Este tópico trata-se de um estudo aprofundado da área em questão para a elaboração do projeto de requalificação proposto. Trata-se de um processo estratégico para orientar o posicionamento, volumetria e materialidade, uma vez que tem o intuito de fundamentar todas as decisões projetuais de forma crítica, coerente e embasada.

5.1. O terreno e seus condicionantes ambientais

Para a análise mais detalhada do terreno, foram consideradas as seguintes condicionantes: ventilação predominante, insolação, relevo e tipologias vegetais. O terreno apresenta ventos predominantes de leste e sudeste (Fig. 64), especialmente durante os meses mais quentes (setembro a fevereiro), com espaços abertos, característica que permite boa circulação. O local possui alta incidência solar durante todo o ano, e, devido ao clima semiárido quente e seco, as temperaturas médias são elevadas (acima de 30°C) e a umidade relativa do ar é baixa.

Figura 64: Mapa com representação de condicionantes naturais
Fonte: Elaborado pela autora, 2025

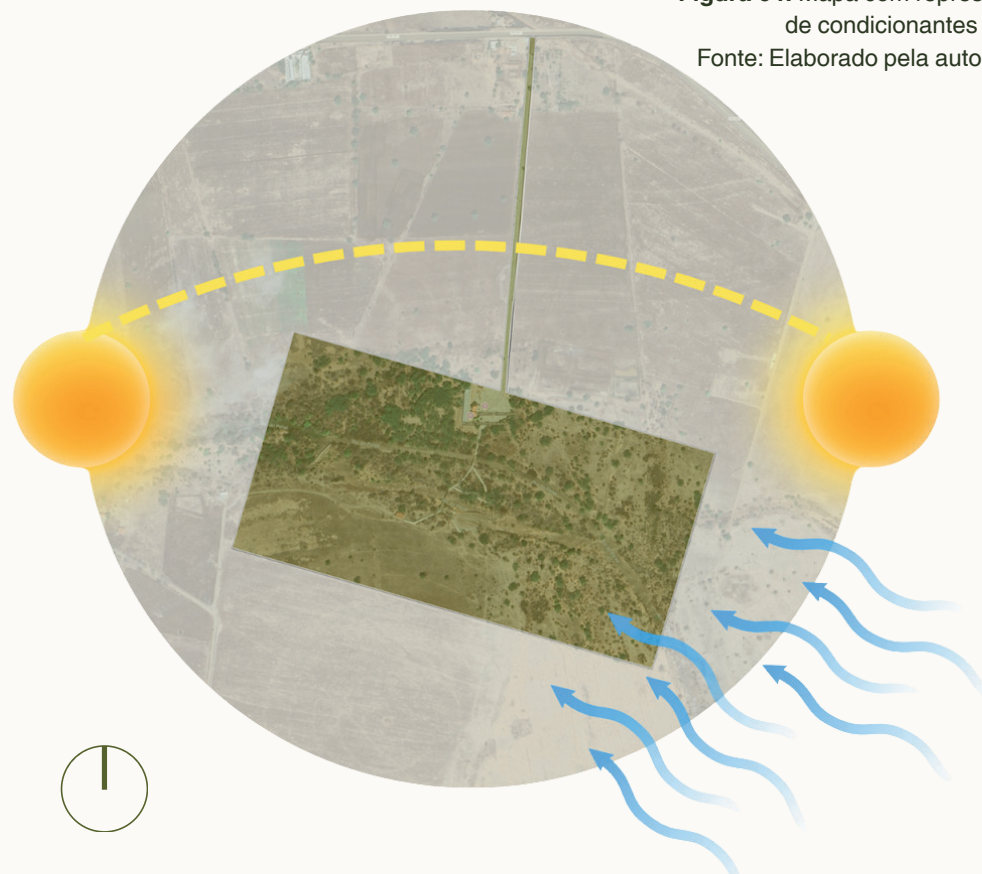
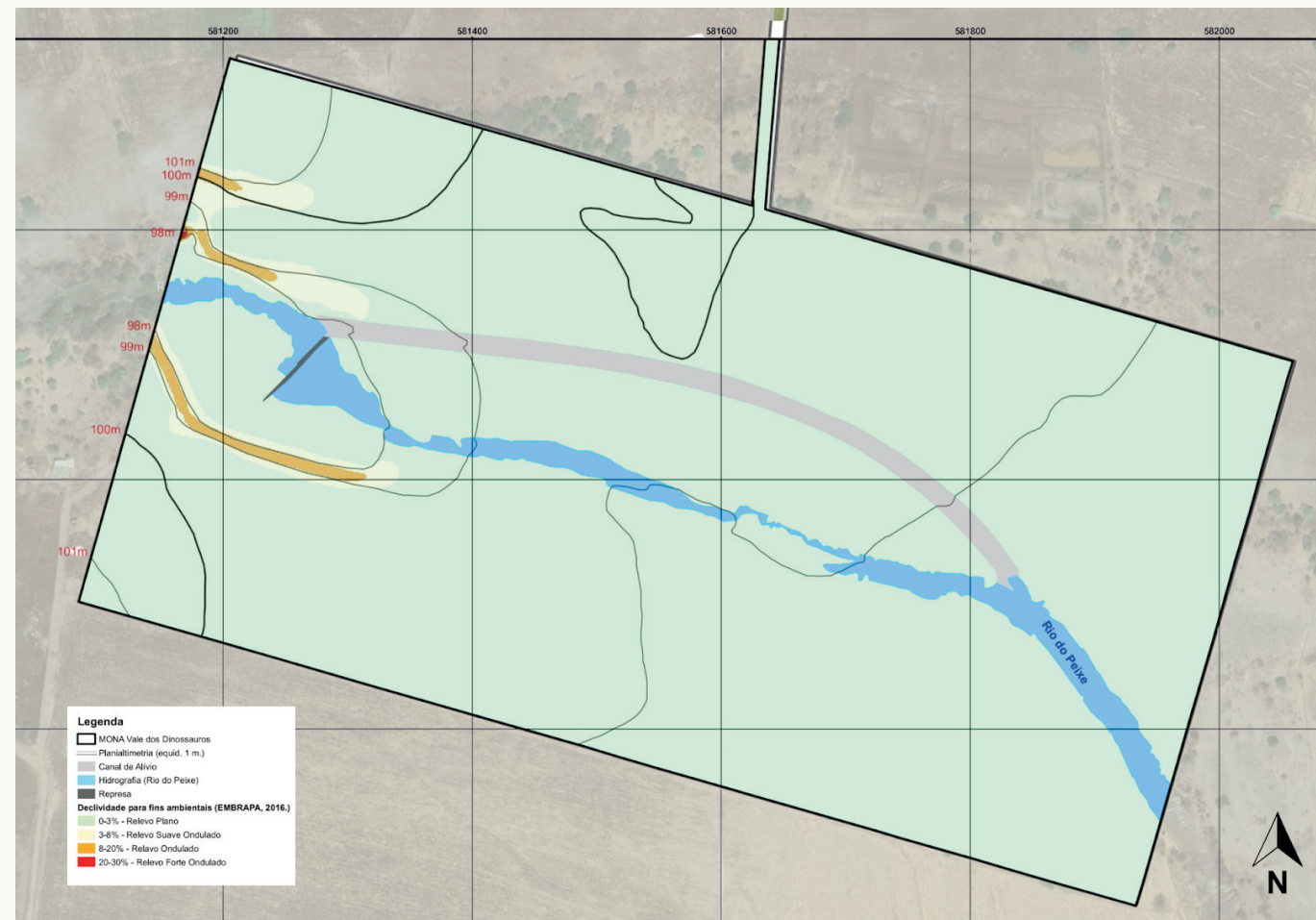


Figura 65: Cartograma de declividade ambiental do MONA Vale dos Dinossauros
Fonte: SUDEMA, 2021. Adaptado pela autora (2025).

De acordo com o Plano de Manejo do Monumento Natural Vale dos Dinossauros (SUDEMA, 2021), o terreno em questão possui altitude com variação entre 97,50m e 101,50m, apresentando curvas de nível com variação de 1 metro (Fig. 65). O relevo plano ocupa uma área de 398.984,86 m², o que representa 97,32% da área total. Ademais, o restante da área apresenta 1,98% de relevo suave ondulado, 0,69% de relevo ondulado e 0,01% de relevo forte ondulado. Pode-se concluir que a área não apresenta declividades acentuadas, o que facilita a implantação de trilhas, edificações leves e mirantes com acessibilidade facilitada.



O perímetro do Monumento Natural (MONA) abrange predominantemente áreas de caatinga arbórea e caatinga arbustiva, com a existência de vegetação nativa com diferentes níveis de densidade (Fig. 66). A caatinga arbórea (Fig. 67), representada em verde escuro, predomina na porção leste e norte da área, atuando como importante elemento de sombreamento natural e manutenção da biodiversidade. Já a caatinga arbustiva (Fig. 68), em verde mais claro, ocupa áreas intermediárias e de transição, com menor porte vegetativo.

Figura 66: Cartograma de espacialização de tipologias vegetais do MONA Vale dos Dinossauros

Fonte: SUDEMA, 2021. Adaptado pela autora (2025).

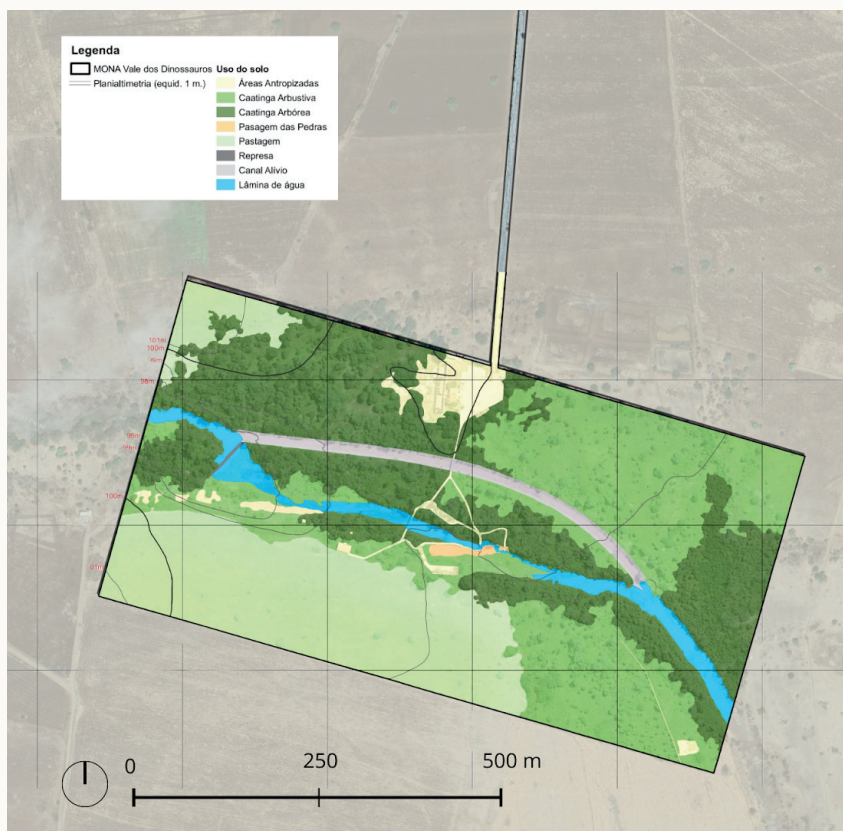


Figura 67: Caatinga arbórea do Vale dos Dinossauros

Fonte: Acervo Pessoal (2025)



Figura 68: Caatinga arbustiva do Vale dos Dinossauros

Fonte: Acervo Pessoal (2025)



Figura 69: Pastagem do Vale dos Dinossauros

Fonte: Acervo Pessoal (2025)

5.2 Conceitos e diretrizes

O projeto de requalificação do Vale dos Dinossauros originou-se da vontade de proporcionar à cidade de Sousa, um espaço urbano que conte, por meio da paisagem e da arquitetura, as histórias que o local carrega. Logo, a proposta nasce da necessidade de criar um local dotado de equipamentos públicos que contemplem múltiplos públicos e atividades fomentando a importância preservar e valorizar o patrimônio natural e o bioma da Caatinga que, apesar da grande importância para o mundo, ainda são pouco compreendidos e explorados de forma integrada. Logo, o conceito partiu da integração entre o Rio do Peixe, a Caatinga e a história paleontológica do terreno.

Por outro lado, também idealiza-se a criação de um movimento de afeto e pertencimento entre a memória do surgimento da cidade e o território sertanejo, na qual o Rio do Peixe caracteriza-se como um elo que une o passado dos dinossauros e a resistência da Caatinga. Dito isso, as diretrizes projetuais foram elaboradas a partir do conceito de valorizar os principais elementos que estruturam a identidade do território - o Rio, o Vale, e a Caatinga - integrando-os ao lazer e educação da população local e visitante.

Figura 70: Colagem conceitual ilustrativo do percurso do MONA Vale dos Dinossauros

Fonte: Elaborado pela autora, 2025



DIAGRAMA DE DIRETRIZES			
DIRETRIZES	ESTRATÉGIAS		
Valorização e proteção do patrimônio e bioma	Criação de áreas de reflorestamento com espécies nativas da Caatinga, contribuindo para a conservação do bioma.	Adequação de percursos e trilhas que permitam a observação das pegadas fossilizadas e das áreas de reflorestamento.	Interligação de equipamentos públicos com mirantes que permitam a observação da paisagem sem danificar o solo.
Integração com elementos naturais e simbólicos do território	Utilização de materiais e técnicas construtivas compatíveis com a paisagem da Caatinga, garantindo harmonia visual e ambiental.	Criação de espaços de contemplação e interação com a natureza, integrando, jardins nativos, trilhas, áreas de descanso e ambientes de lazer.	Inserção de espelhos d'água integrados a passarelas e áreas de contemplação, que remetem ao Rio e funcionam como elemento visual e de conforto térmico.
Fortalecimento do vínculo entre população local, território e memória coletiva	Implantação de espaços culturais e educativos para exposições sobre a história do lugar e da cidade, ressaltando a importância da conservação frente às mudanças climáticas.	Criação de praças e áreas de convivência integradas ao Vale, que sirvam como pontos de encontro para moradores e visitantes.	Adequação de espaços ao ar livre acessíveis a todos os públicos que permitam atividades recreativas, educativas e culturais.

Tabela 03: Diagrama de diretrizes
Fonte: Elaborado pela autora, 2025

5.3. Programa de necessidades, pré-dimensionamento e zoneamento

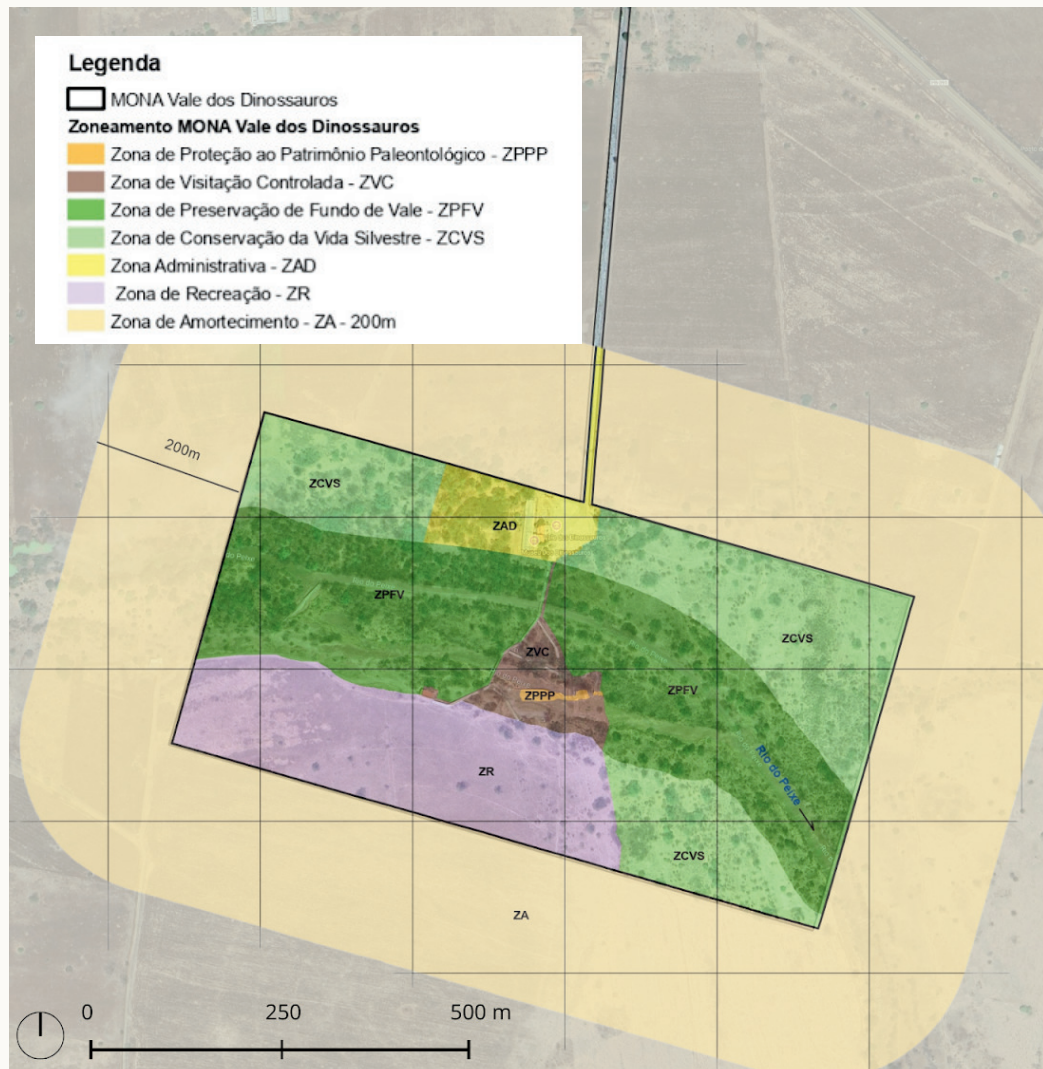


Figura 71: Cartograma de zoneamento do MONA Vale dos Dinossauros

Fonte: SUDEMA, 2021.

Adaptado pela autora (2025)

O Monumento Natural Vale dos Dinossauros, de acordo com o seu Plano de Manejo (SUDEMA, 2021), é subdividido em 7 (sete) zonas, cada uma com objetivos e normas específicas para harmonizar a preservação com as atividades permitidas, sendo elas: 1) Zona de Proteção ao Patrimônio Paleontológico - ZPPPP; 2) Zona de Visitação Controlada - ZVC; 3) Zona de Preservação de Fundo de Vale - ZPFV; 4) Zona de Conservação da Vida Silvestre - ZCVS; 5) Zona Administrativa - ZAD; 6) Zona de Recreação - ZR; 7) Zona de Amortecimento - ZA.

1. A **Zona de Proteção ao Patrimônio Paleontológico (ZPPP)** corresponde ao sítio paleontológico Passagem das Pedras e é a área de maior restrição, visando a preservação máxima dos fósseis. As atividades permitidas são a pesquisa científica, monitoramento, conservação, restauração, vigilância e fiscalização e obras para ampliação ou melhoria da infraestrutura de proteção e conservação do patrimônio, com aprovação prévia e acompanhamento de um paleontólogo. Nessa zona é proibido o contato direto para fins de visitação, recreação, contemplação ou turismo.

2. A **Zona de Visitação Controlada (ZVC)** abrange a área no entorno imediato da ZPPP, incluindo as trilhas, passarelas e quiosques destinados à contemplação dos registros fossilíferos. As atividades permitidas são a visitação, recreação, contemplação, turismo e educação ambiental de forma controlada, pesquisa científica, atividades de educação ambiental e obras de manutenção ou ampliação da infraestrutura de visitação, com aprovação prévia e acompanhamento técnico. As atividades proibidas são obras que configurem risco de dano ao patrimônio paleontológico, à flora, à fauna e aos recursos hídricos.

3. A **Zona de Preservação de Fundo de Vale (ZPFV)** compreende as faixas marginais de 50 metros do Rio do

Peixe e do canal de alívio, além de áreas sujeitas a alagamentos. O objetivo é proteger os recursos hídricos e os ecossistemas associados. Fica permitido atividades voltadas para a pesquisa, educação ambiental, monitoramento, vigilância, fiscalização e recuperação ambiental, realizadas de forma controlada, além de obras de baixo impacto ambiental para criar acessos entre a Zona Administrativa (ZAD) e a Zona de Recreação (ZR). É proibido atividades ou obras que representem risco aos recursos naturais e ao patrimônio paleontológico.

4. A **Zona de Conservação da Vida Silvestre (ZCVS)** inclui as áreas recobertas por vegetação nativa (Caatinga Arbórea e Arbustiva) adjacentes à ZPFV, destinadas à preservação dos ecossistemas e à formação de corredores ecológicos. Nessa zona é permitido atividades humanas limitadas à pesquisa, educação ambiental, monitoramento, vigilância e recuperação ambiental e, obras para proteção dos recursos naturais, implantação de acessos de baixo impacto, infraestrutura de apoio à pesquisa e demarcação dos limites da zona. É proibido atividades ou obras que configurem risco ao patrimônio paleontológico, à flora, à fauna e aos recursos hídricos.

5. A **Zona Administrativa (ZAD)** abrange a área de acesso principal, o estacionamento, o museu e outras edificações à administração da unidade e recepção de visitantes. É

permitida a implantação e ampliação de infraestrutura e edificações para administração, educação ambiental e apoio à visitação.

6. **Zona de Recreação (ZR)** localizada na porção sul da unidade, é uma área de baixa fragilidade ambiental, coberta por pastagem, apta a receber infraestrutura para uso público. Fica permitido a implantação de infraestrutura e edificações para atividades recreativas, turísticas e de educação ambiental. Pode haver autorização para exploração comercial e de serviços, nos termos da legislação vigente e com aprovação do órgão gestor.

7. A **Zona de Amortecimento (ZA)** corresponde a uma faixa de 200 metros no entorno imediato do MONA Vale dos Dinossauros, com o propósito de minimizar os impactos negativos sobre a unidade de conservação.

Esse zoneamento tem como premissa a conservação do Sítio Passagem das Pedras, situado na Zona de Proteção ao Patrimônio Paleontológico, assim como a definição de setores e normas para possibilitar a realização de atividades de modo a propiciar a integração da unidade de conservação com o processo de desenvolvimento do local.

O zoneamento proposto (Tabela 03) foi essencial para nortear o desenvolvimento do programa de necessidades do projeto de requalificação do Vale dos Dinossauros que será apresentado mais adiante, uma vez que estabeleceu

diretrizes de uso e ocupação do solo compatíveis com os aspectos ambientais, patrimoniais e turísticos da área. Essa delimitação prévia permitiu a organização espacial das funções propostas, respeitando as áreas de preservação, de visitação controlada e de infraestrutura, garantindo a viabilidade ambiental e a integração do projeto com o contexto natural e normativo do sítio paleontológico.

Para melhor organizar o zoneamento da proposta de requalificação, foi realizada a distribuição dos ambientes conforme categorias de uso e ocupação do solo, as quais foram: zona administrativa, zona de visitação controlada, zona de preservação de fundo de vale, zona de conservação da vida silvestre, e zona de recreação.

ZONA DE PRESERVAÇÃO DE FUNDO DE VALE (ZPFV)		
TIPOLOGIA	DESCRIÇÃO	ÁREA
Passarela	Elemento de conexão entre espaços com cobertura	1303,7m²
Ponte	Estrutura metálica com madeira para ligação entre setores separados pelo Rio	156,92m²
Área de Reflorestamento	Área de plantio de árvores	-

Tabela 04: Programa de necessidades da Zona de Preservação de Fundo de Vale (ZPFV)
Fonte: Elaborado pela autora, 2025

ZONA ADMINISTRATIVA (ZAD)				
TIPOLOGIA	DESCRIÇÃO	QT.	ÁREA	ÁREA TOTAL
Estacionamento	Espaço existente para carros com vagas acessíveis adaptadas	1	-	3780,89 m²
Apoio ao turista	Ponto de apoio na entrada com estrutura leve e aberta	1	-	80 m²
Bloco administrativo	Adaptação de equipamento existente com espaço para coordenação técnica geral	1	-	252,45 m²
Laboratório/Sala de Pesquisa	Adaptação de estrutura de complexo cultural existente para adição de salas de trabalho, laboratórios e acervo	1	-	713 m²

Tabela 05: Programa de necessidades da Zona Administrativa (ZAD)
Fonte: Elaborado pela autora, 2025

ZONA DE VISITAÇÃO CONTROLADA (ZVC)				
TIPOLOGIA	DESCRIÇÃO	QT.	ÁREA	ÁREA TOTAL
Passarela	Elemento de conexão entre espaços com cobertura	-	-	2720,23 m²
Ponte	Estrutura metálica para ligação entre setores separados pelo Rio	-	-	519,76 m²
Museu do pesquisador	Museu do pesquisador em casa existente	1	-	176 m²
Espaço de loga	Espaço destinado à prática de ioga e atividades de relaxamento corporal.	1	-	176 m²
Sanitário Público	Banheiro Masculino, feminino e PCD	1	-	74,98 m²

Tabela 06: Programa de necessidades da Zona de Visitação Controlada (ZVC)
Fonte: Elaborado pela autora, 2025

ZONA DE RECREAÇÃO (ZC)				
TIPOLOGIA	DESCRIÇÃO	QT.	ÁREA	ÁREA TOTAL
Passarela	Elemento de conexão entre espaços com cobertura	-	-	5.493,24 m²
Ponte	Estrutura metálica com para ligação entre setores separados pelo Rio	-	-	84,96 m²
Banheiro de uso público	Banheiro Masculino, feminino e PCD	2	74,98	150 m²
Mirante	Estrutura elevada para contemplação do Vale e da paisagem	1	-	1.817,30 m²
Parque Infantil	Playground com piso emborrachado e mobiliário amadeirado	1	-	706,87 m²
Redário	Espaço de descanso entre árvores com redes	3	40 m²	120 m²
Quiosque	Espaço com mesas, bancos e cobertura	4	20 m²	80 m²
Anfiteatro	Espaço para apresentações ao ar livre	1	-	493,97 m²
Espaço esportivo	Espaço para esportes ao ar livre e lazer	1	-	7.752,65 m²
Loja	Espaço para vendas de produtos temáticos do Vale	-	-	56,97 m²
Museu	Espaço para exposição permanente e interativa	-	-	1.203,11 m²
Restaurante	Ambiente para refeições com capacidade média para 100 pessoas	1	-	1.429,72 m²
Auditório	Ambiente para eventos com capacidade média para 200 pessoas	1	-	1.171,97 m²

Tabela 07: Programa de necessidades da Zona Administrativa (ZAD)
 Fonte: Elaborado pela autora, 2025

MUSEU			
AMBIENTE	DESCRIÇÃO	QT.	ÁREA
Hall de Entrada e Recepção	Elemento de conexão entre espaços com cobertura	1	109,07 m ²
Guarda-volumes	Estrutura metálica com para ligação entre setores separados pelo Rio	1	9,40 m ²
Banheiro de uso público	Banheiro Masculino, feminino e PCD	2	32,24 m ²
Esp. exposição permanente	Espaço para exposição de acervo fixo	2	368,92 m ²
Esp. exposição temporária	Espaço para exposição rotativa	2	75,20 m ²
Espaço imersivo	Espaço com tecnologias interativas, projeções e realidade aumentada	2	85,14 m ²
Sala de Curadoria	Espaço para pesquisa e organização do acervo	1	43,31 m ²
Sala de reserva técnica	Espaço para armazenamento e conservação das peças não expostas	1	23,95 m ²
Secretaria	Espaço para gestão do museu	1	18,80 m ²
DML	Espaço para armazenamento de materiais e equipamentos	1	9,40 m ²
Copa	Espaço para apoio aos funcionários e eventos	1	15,75 m ²

Tabela 08: Programa de necessidades do Museu

Fonte: Elaborado pela autora, 2025

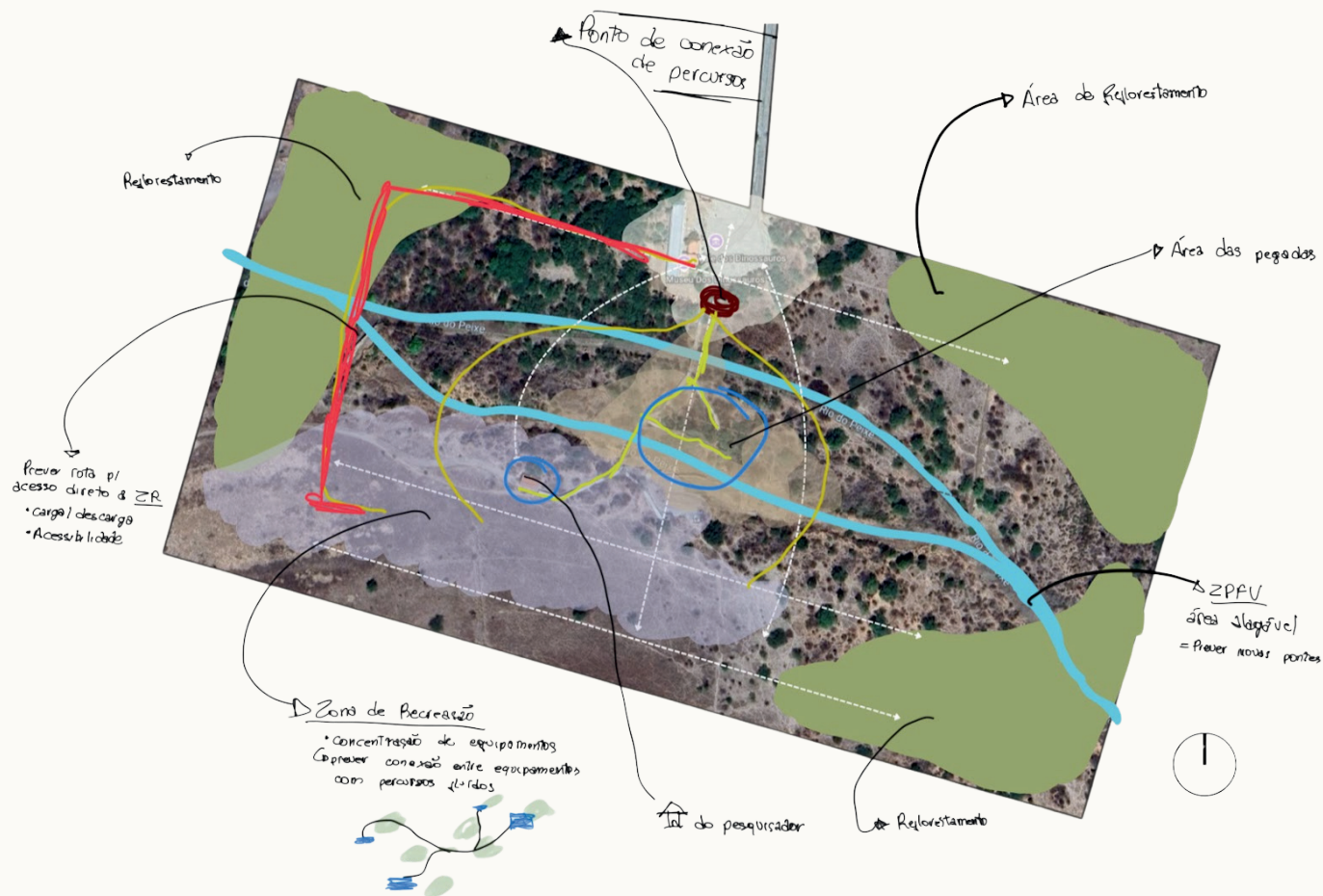
RESTAURANTE			
AMBIENTE	DESCRIÇÃO	QT.	ÁREA
Salão Interno	Área para atendimento aos clientes	1	381,46m²
Salão externo	Área para atendimento aos clientes	1	329,54 m²
Cozinha industrial	Espaço para preparação de refeições	1	60,55 m²
Sanitário para clientes	Banheiro masculino, feminino e PCD	1	41,10 m²
Sanitário para funcionários	Ambiente para higiene e troca de roupa dos funcionários	1	50,76m²
Pátio para funcionários	Espaço para descanso dos funcionários ao ar livre	1	164,16 m²
Refeitório para funcionários	Ambiente para as refeições dos funcionários	1	36,62 m²
Hall Funcionários	Espaço de entrada e recepção dos funcionários	1	17,67 m²
Depósito de resíduos	Armazenamento temporário de lixo	1	5,56 m²
Jardim Interno	Espaço verde interno de contemplação natural	1	56,18 m²

Tabela 09: Programa de necessidades do Restaurante
Fonte: Elaborado pela autora, 2025

AUDITÓRIO			
AMBIENTE	DESCRIÇÃO	QT.	ÁREA
Recepção	Área responsável por acolher, direcionar e prestar suporte aos visitantes	1	14,70m ²
Hall de entrada/Foyer	Espaço para acolhimento do público	1	98,22 m ²
Sanitários públicos	Masculino, feminino, PCD	1	42,80 m ²
Sala principal	Espaço para público sentado	1	255,74 m ²
Palco	Espaço para palestrante e apresentações	1	103,71 m ²
Camarim	Espaço de apoio e preparação de palestrantes ou artistas	1	36 m ²
Sala técnica	Espaço para operação de luz, áudio, multimídia	1	10,80 m ²
Sala de apoio	Armazenamento de equipamentos e organização de eventos	1	17,57 m ²
Bastidores	Espaços laterais de apoio ao palco do auditório	1	26,78 m ²
DML	Espaço dedicado ao armazenamento de materiais de limpeza	1	7,82 m ²

Tabela 10: Programa de necessidades do Auditório
 Fonte: Elaborado pela autora, 2025

5.3. Estudo de fluxos



Para melhor auxiliar o desenvolvimento do projeto, foi desenvolvido um estudo de conceito e fluxo que teve o intuito estabelecer os fundamentos que orientaram as decisões projetuais para o Vale dos Dinossauros, a partir da leitura sensível da paisagem, da valorização do território e da articulação entre natureza, memória e experiência, com o objetivo de compreender como o visitante irá percorrer e vivenciar o espaço.

Figura 72: Estudo de fluxos para proposta de requalificação do Vale dos Dinossauros
Fonte: Elaborado pela autora (2025)

06

A Proposta de Requalificação

6. A proposta de requalificação

Este capítulo apresenta a proposta, em nível preliminar, para a requalificação do Vale dos Dinossauros. O projeto apresenta soluções arquitetônicas e paisagísticas e é resultado das análises históricas, ambientais e urbanísticas desenvolvidas ao longo do trabalho.

A proposta busca integrar conservação do patrimônio existente no local, com sustentabilidade ambiental e vivências sociais, estruturando espaços que dialoguem com a essência do local e possibilitem novas formas de apropriação pela comunidade e pelos visitantes.

6.1. Masterplan

Área total da zona: 409.955,55 m²

Área total construída: 33.280,92 m²

Índice de aproveitamento: 0,081

O Masterplan proposto foi inicialmente guiado pelo zoneamento do Plano de Manejo da SUDEMA. A locação dos percursos e equipamentos visa o equilíbrio entre a conservação do patrimônio natural e a otimização da visitação tanto para os turistas quanto para a população local. A concepção do projeto tem como foco a sustentabilidade e função social.

Com ênfase no reflorestamento da vegetação nativa, o Vale se torna um museu vivo do sertão. Além das grandes áreas de sombreamento, o reflorestamento proposto visa o aumento da vitalidade ambiental e atua como uma ferramenta de educação ambiental e conservação.

Os percursos criados tiveram o intuito de incentivar a exploração e a contemplação. Isso transforma a simples passagem em uma experiência de contato com a natureza e com o patrimônio paleontológico existente.

Figura 73: Maquete Proposta Masterplan
Fonte: Elaborado pela autora (2025)



Figura 74: Proposta Masterplan
Fonte: Elaborado pela autora (2025)



01 Zona Administrativa

03 Zona de Preservação do Fundo do Vale

05 Zona de Recreação

02 Zona de Visitação Controlada

04 Zona de Conservação da Vida Silvestre

6.2. Zona Administrativa

Área total da zona: 27.307,27 m²

Área total construída: 4.826,34m²

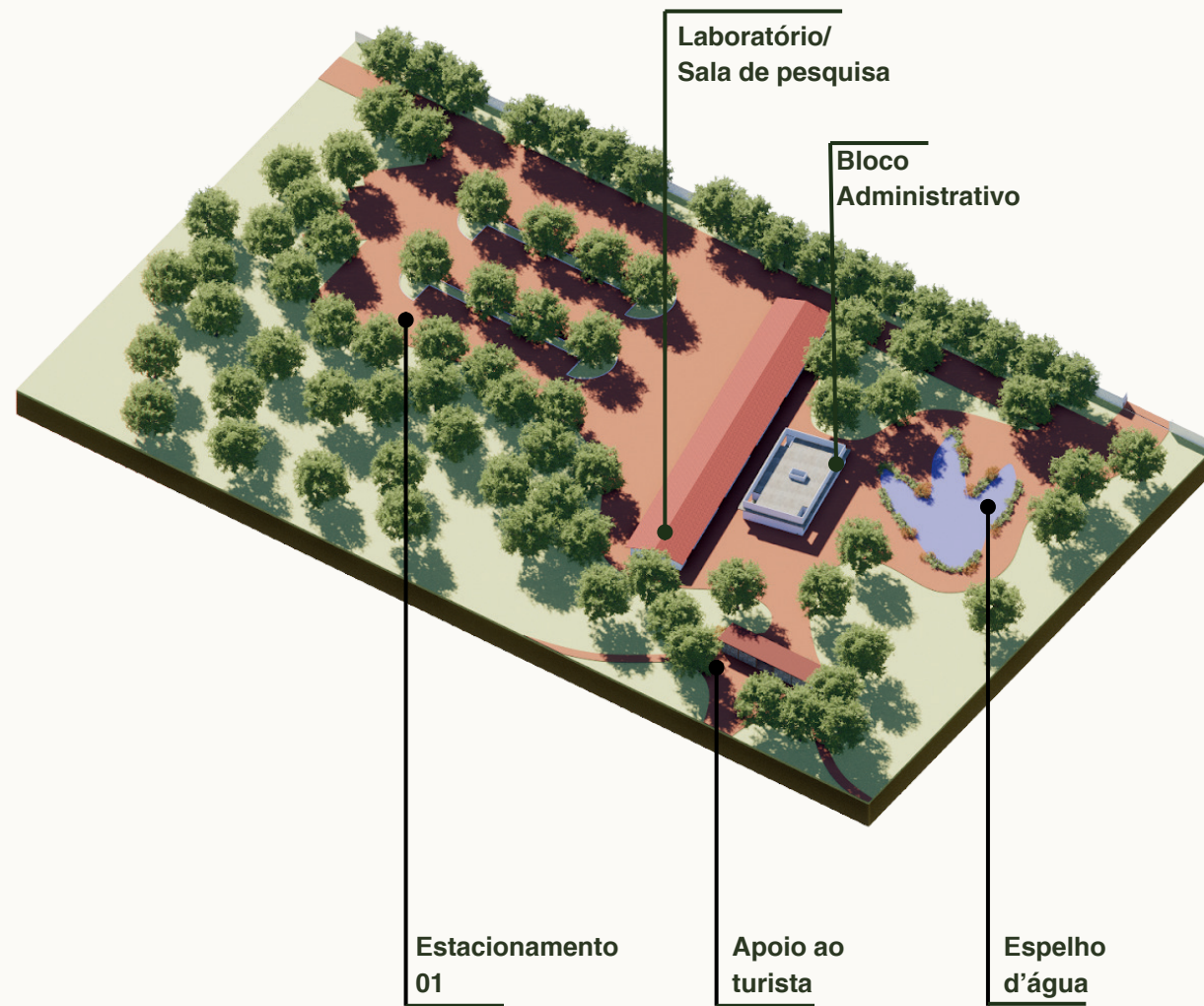
Índice de aproveitamento: 0,17

A **Zona Administrativa** foi reconfigurada para funcionar como o Portal de Recepção e controle de acesso do complexo. Esta área estratégica abrigará os seguintes equipamentos:

Bloco Administrativo: Esta intervenção envolve a relocação do museu para que a Zona de Recreação, assim o espaço será inteiramente dedicado à área administrativa do Vale;

Laboratório/Sala de pesquisa: Envolve a adaptação do complexo cultural existente para adição de salas de trabalho, laboratórios e acervo do Vale dos Dinossauros e da vegetação da Caatinga.

Figura 75: Proposta Zona Administrativa
Fonte: Elaborado pela autora (2025)



Espaço de apoio ao turista

Criado para funcionar como portal de acesso controlado às trilhas e local de informações gerais e descanso para turistas, o equipamento dispõe de bebedouros, assentos e totens informativos.

A materialidade do equipamento é composta por elementos vazados em cobogós e parede em pedra rústica, enquanto a cobertura é composta por uma telha termoacústica, além disso, possui estrutura metálica revestida em alumínio anodizado bronze que remetem ao material existente nas passarelas e pontes existentes.

Figura 76: Maquete Apoio ao Turista
Fonte: Elaborado pela autora (2025)

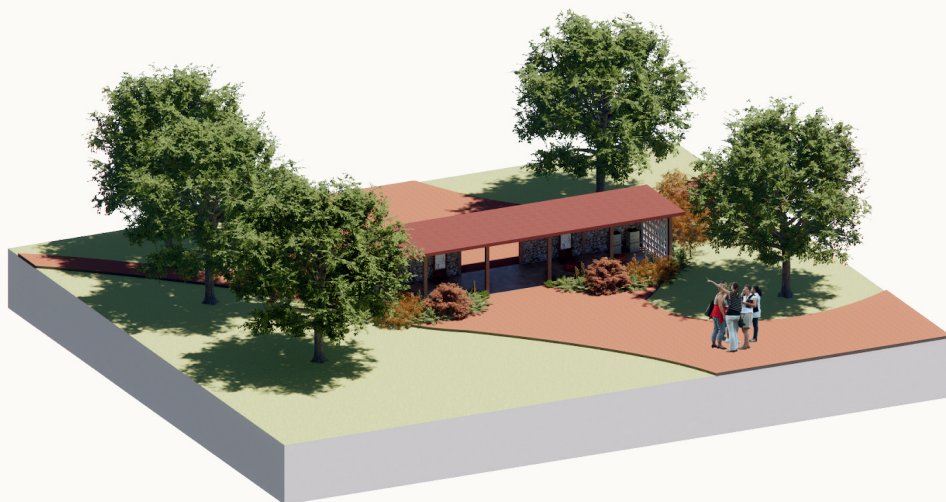


Figura 77: Imagem Apoio ao Turista
Fonte: Elaborado pela autora (2025)



Figura 78: Imagem Apoio ao Turista
Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Estacionamento 01

Criado para comportar mais vagas que o estacionamento existente, de maneira ordenada.

O estacionamento foi projetado com canteiros e árvores para promover sombreamento e consequentemente melhorar o bem-estar térmico. Possui 63 vagas, sendo 3 vagas PCD e 5 vagas para ônibus.

Possui acesso direto por rota existente e se interliga a rota acessível proposta.

Figura 79: Maquete Estacionamento 01
Fonte: Elaborado pela autora (2025)

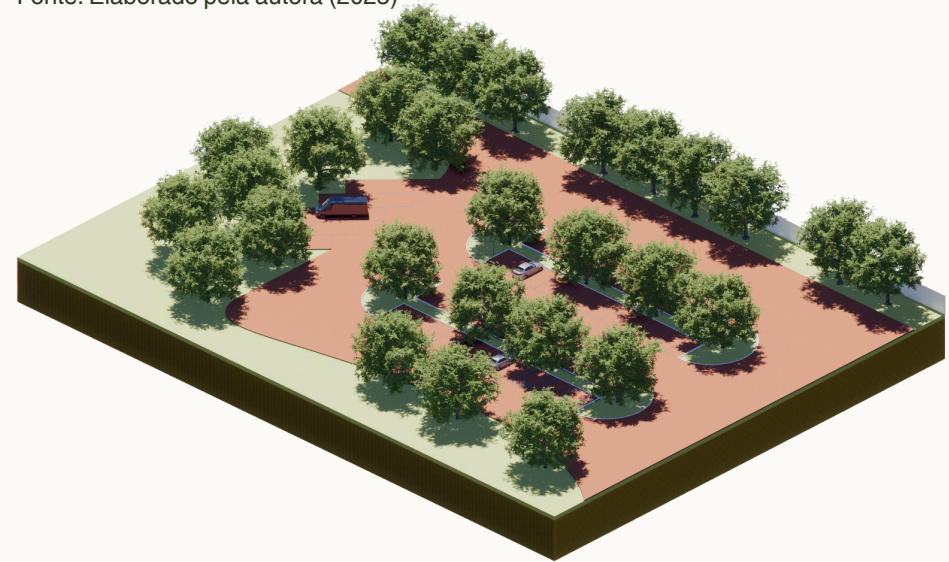


Figura 80: Imagem Estacionamento 01
Fonte: Elaborado pela autora (2025)



6.2. Zona de Visitação Controlada

Área total da zona: 14.658,38 m²

Área total construída: 3.739,23 m²

Índice de aproveitamento: 0,25

A Zona de Visitação Controlada foi reconfigurada para abranger uma rede de trilhas, passarelas e pontes, todos planejados para a contemplação do patrimônio.

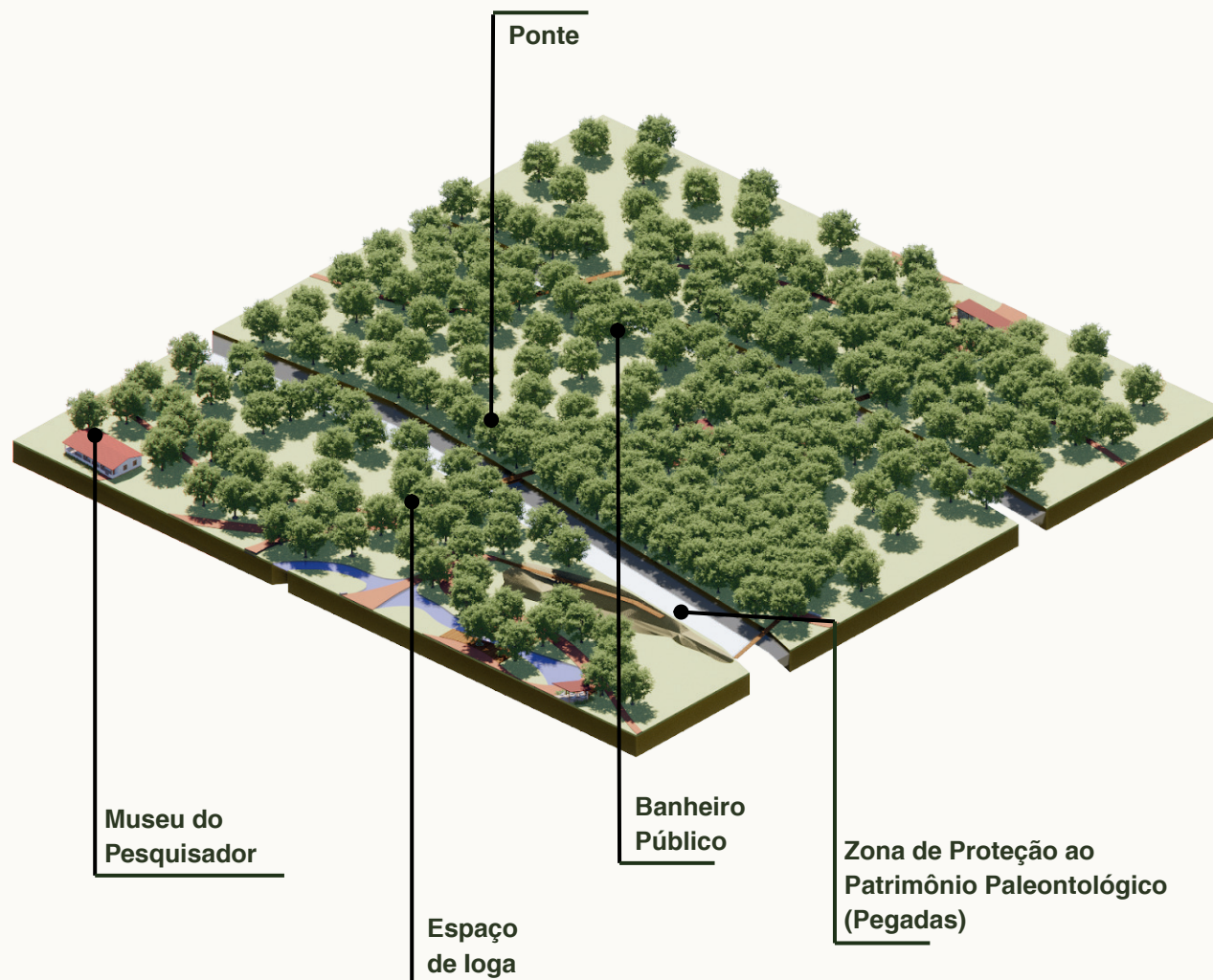
Os percursos, desenhados em forma curvas e orgânicas, destacam o piso intertravado em terracota, que se integra à paisagem natural. Foram pensados para enriquecer a experiência do visitante, conduzindo-o de maneira imersiva pelo conhecimento e pelos equipamentos do Vale, o que intensifica a vivência do usuário no local.

Na área dos percursos, foram adicionados bancos de concreto, lixeiras e sinalizações.

A zona também é composta por um módulo de banheiro público, um equipamento que foi revitalizado para abrigar o acervo de pesquisadores e um espaço de ioga.

Figura 81: Maquete Zona de Visitação Controlada

Fonte: Elaborado pela autora (2025)



Museu do Pesquisador

O Museu trata-se da reconfiguração da casa do pesquisador existente para abrigar o acervo de equipamentos utilizados por pesquisadores durante as pesquisas.

A proposta visa a adição de novas janelas e portas, além da adição de um jardim no percuso para entrar no local.

Figura 82: Maquete Museu do Pesquisador
Fonte: Elaborado pela autora (2025)

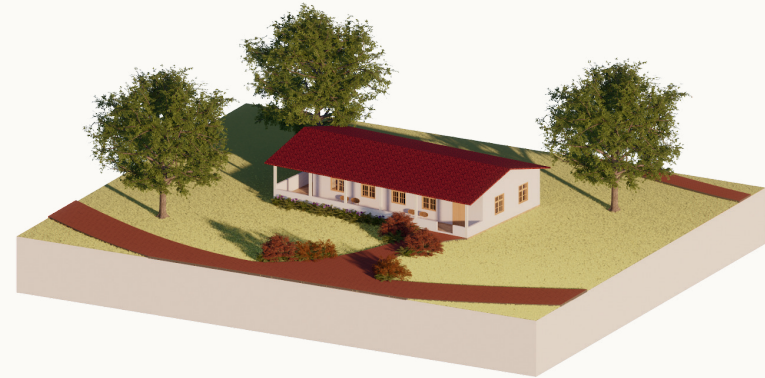


Figura 83: Imagem Museu do Pesquisador
Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Espaço de loga

O espaço foi implantado em um setor reservado do projeto, localizado em uma área de menor interferência sonora, próxima ao redário e voltada para a área de contemplação, com vista para o patrimônio tombado. A área trata-se de um deck de madeira que contém uma ponte de vidro com estrutura metálica, formando um espelho d'água que remete à passagem do rio, que integra-se à paisagem. O espaço é sombreado por árvores de médio porte que proporcionam um ambiente propício à prática de ioga e relaxamento.

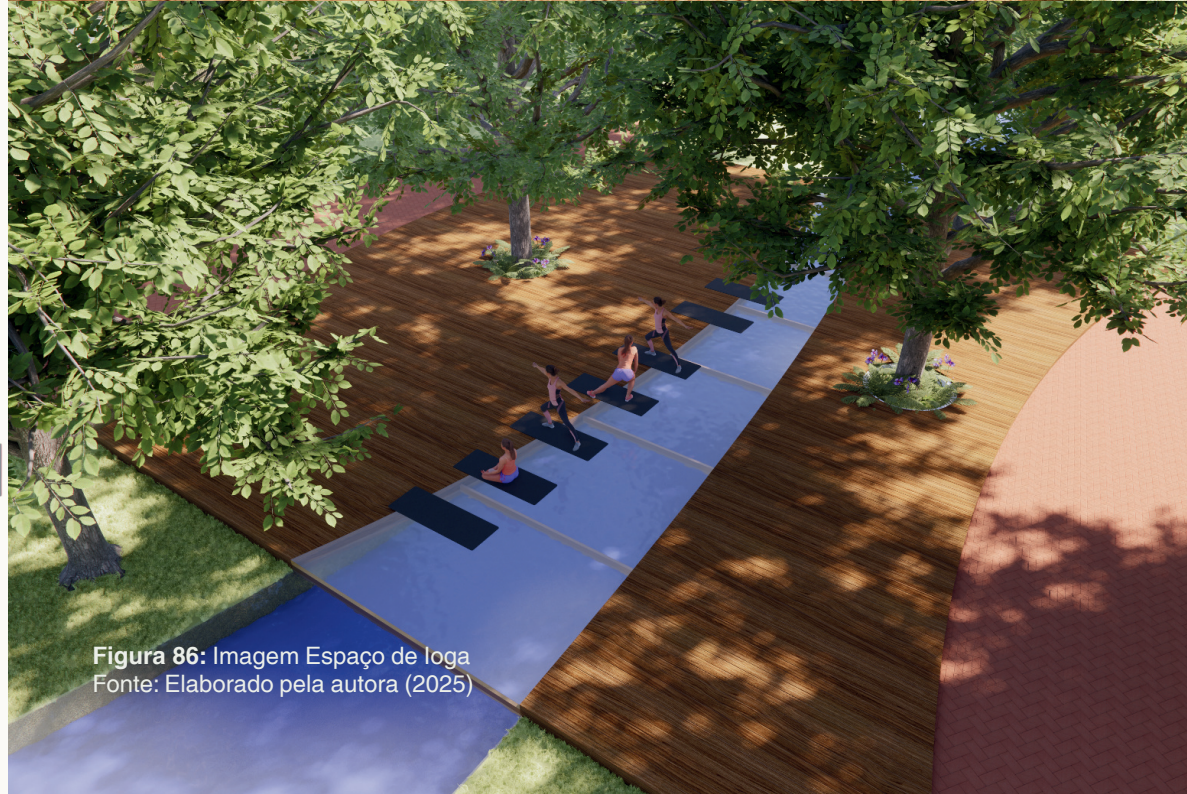
Figura 84: Maquete Espaço de loga
Fonte: Elaborado pela autora (2025)



Figura 85: Imagem Espaço de loga
Fonte: Elaborado pela autora (2025)



Figura 86: Imagem Espaço de loga
Fonte: Elaborado pela autora (2025)



6.4. Zona de Preservação do Fundo do Vale

Área total da zona: 152.221,30 m²

Área total construída: 1.460,62 m²

Índice de aproveitamento: 0,009

As propostas implementadas na ZPFV são baseadas em duas ações projetuais: o reflorestamento da área com o plantio de novas árvores e da proteção da vegetação remanescente, e a adição de trilhas de acesso controlado, com novas passarelas e pontes.

Essas trilhas foram idealizadas para imergir visitantes no conhecimento da área e da vegetação do local, preservando a estética da materialidade das pontes já existentes na ZPPP e ZVC. Na área dos percursos, foram adicionados bancos de concreto, lixeiras e sinalizações.

6.4. Zona de Conservação da Vida Silvestre

Área total da zona: 128.139,62 m²

A ZCVS seguiu rigorosamente o que é imposto no plano de manejo. Portanto, a ação implementada na zona é baseada na proteção da vegetação nativa existente, e no reflorestamento, com a adição de novas árvores nativas do bioma.

Figura 87: Imagem ZPFV
Fonte: Elaborado pela autora (2025)

6.6. Zona de Recreação

Área total da zona: 86.419,80 m²

Área total construída: 23.254,73 m²

Índice de aproveitamento: 0,26

A ZR é a área que concentrou a maioria da infraestrutura planejada na fase pré-projetual. Foi implantado edificações para atividades diversas e espaços abertos para recreação, esporte e lazer.

Foi criado também, propostas de equipamentos comerciais e de serviços, baseado em necessidades reais para visitantes e atrativos para população local. Os percursos foram desenhados para garantir uma circulação fluida, permitindo que a exploração do ambiente ocorra de forma contínua e intuitiva.

E, Na área dos percursos, também foram adicionados bancos de concreto, lixeiras e sinalizações.

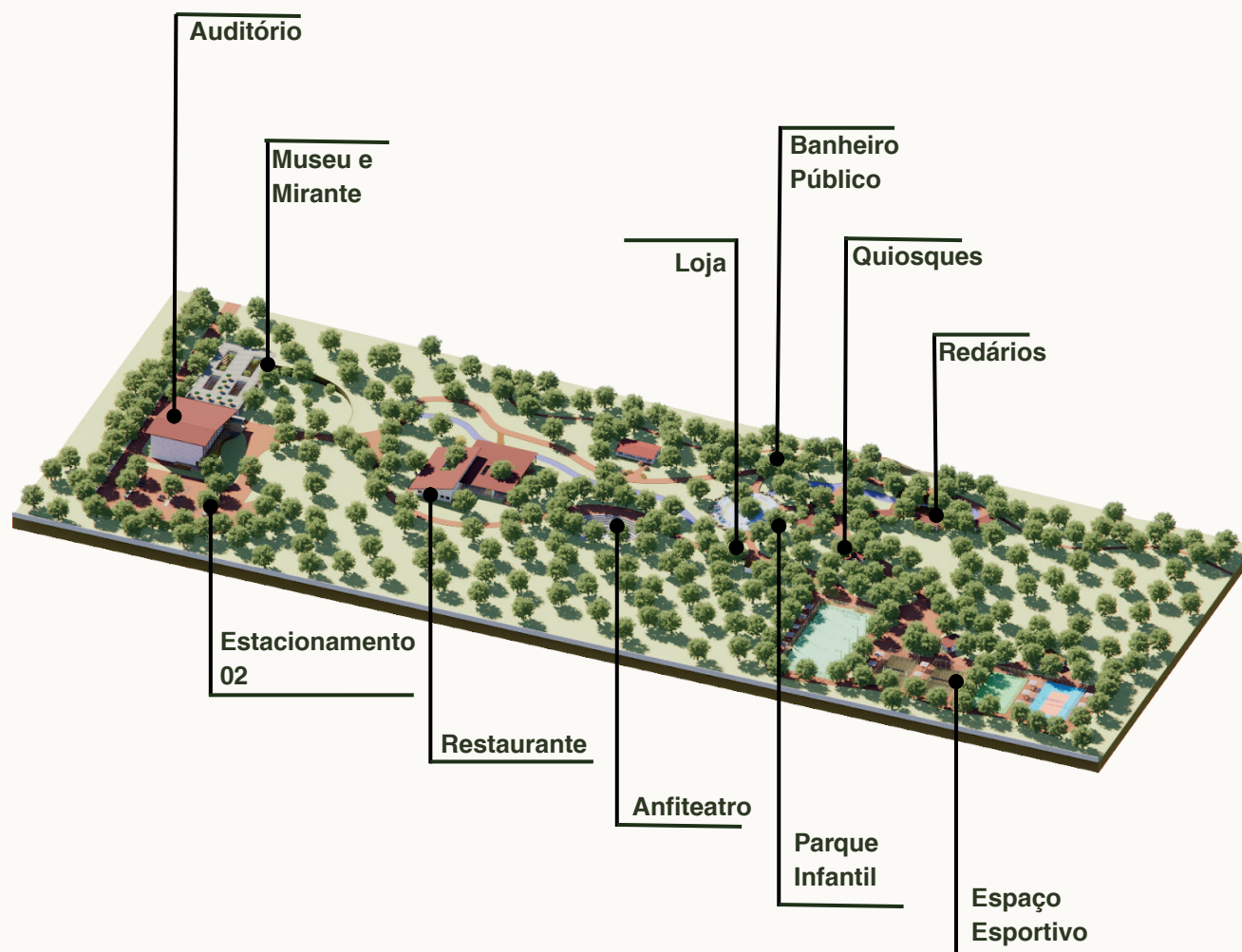


Figura 88: Maquete Zona de Recreação
Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Redário

O redário foi implantado em uma área tranquila, caracterizado por um espaço de descanso com redes e composto com jardins na área frontal e lateral, que promovem o sombreamento e a sensação termicamente agradável para melhorar a experiência do usuário. Localiza-se próximo aos banheiros, garantindo suporte e conforto aos turistas e visitantes. Elementos vazados em cobogós permitem a entrada de iluminação natural ao espaço, enquanto a cobertura é composta por uma telha termoacústica com estrutura metálica revestida em alumínio anodizado bronze.



Figura 89: Imagem Redário
Fonte: Elaborado pela autora (2025)



Figura 90: Imagem Redário
Fonte: Elaborado pela autora (2025)



Figura 91: Maquete Redário
Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Sanitário Público

Foi adicionado três módulos de sanitários no projeto, de maneira que foram posicionados em localidades estratégicas, espalhados pelo Vale, com o intuito de servir de apoio aos outros equipamentos de lazer abertos, sem que os visitantes tenham que se deslocar longas distâncias.

Sua composição foi pensada de forma a receber ventilação natural cruzada com a utilização de cobogós e aberturas altas, além de fazer uso da mesma materialidade dos demais equipamentos, a exemplo do quiosque, redário e o apoio aos turistas, criando uma linguagem estética única dos módulos projetados.

O módulo possui área de circulação com bancada de pia, banheiro feminino e masculino, contendo três cabines, e dois banheiros acessíveis PCD.

Figura 92: Maquete Banheiro Público
Fonte: Elaborado pela autora (2025)

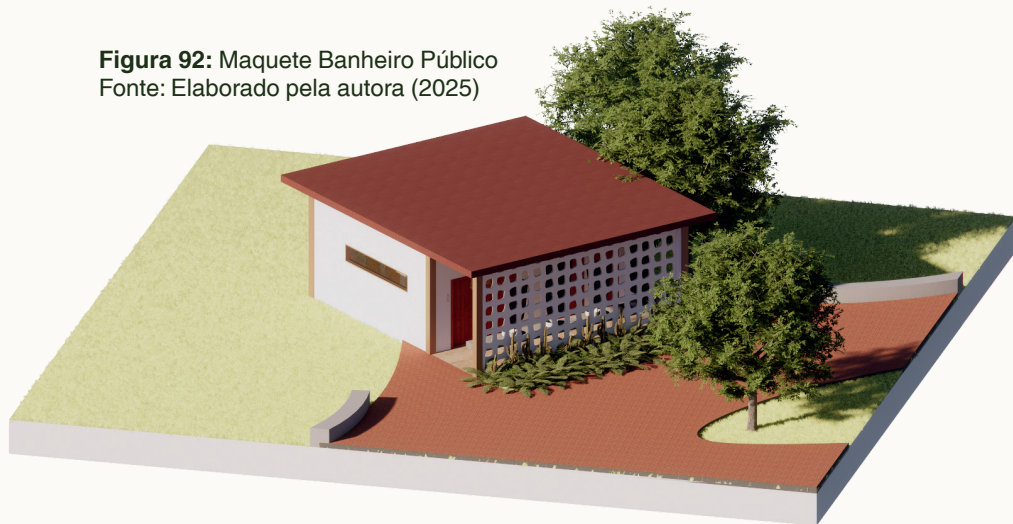


Figura 93: Imagem Banheiro Público
Fonte: Elaborado pela autora (2025)



Figura 94: Imagem Banheiro Público
Fonte: Elaborado pela autora (2025)



Figura 95: Imagem Banheiro Público
Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Quiosques

O espaço de quiosques é composto por mesas e bancos cobertos e uma bancada com pia, que servem de apoio aos visitantes e turistas para momentos de confraternização, descanso e pequenos eventos.

Sua implantação foi posicionada próximo ao parque infantil, estrategicamente para ser área de suporte para os pais e crianças.

Em relação a materialidade, é utilizado o mesmo material do redário, WC Público e Apoio ao turista.



Figura 98: Maquete Quiosques
Fonte: Elaborado pela autora (2025)



Figura 96: Imagem Quiosques
Fonte: Elaborado pela autora (2025)



Figura 97: Imagem Quiosques
Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Figura 100: Imagem Parque Infantil
Fonte: Elaborado pela autora (2025)

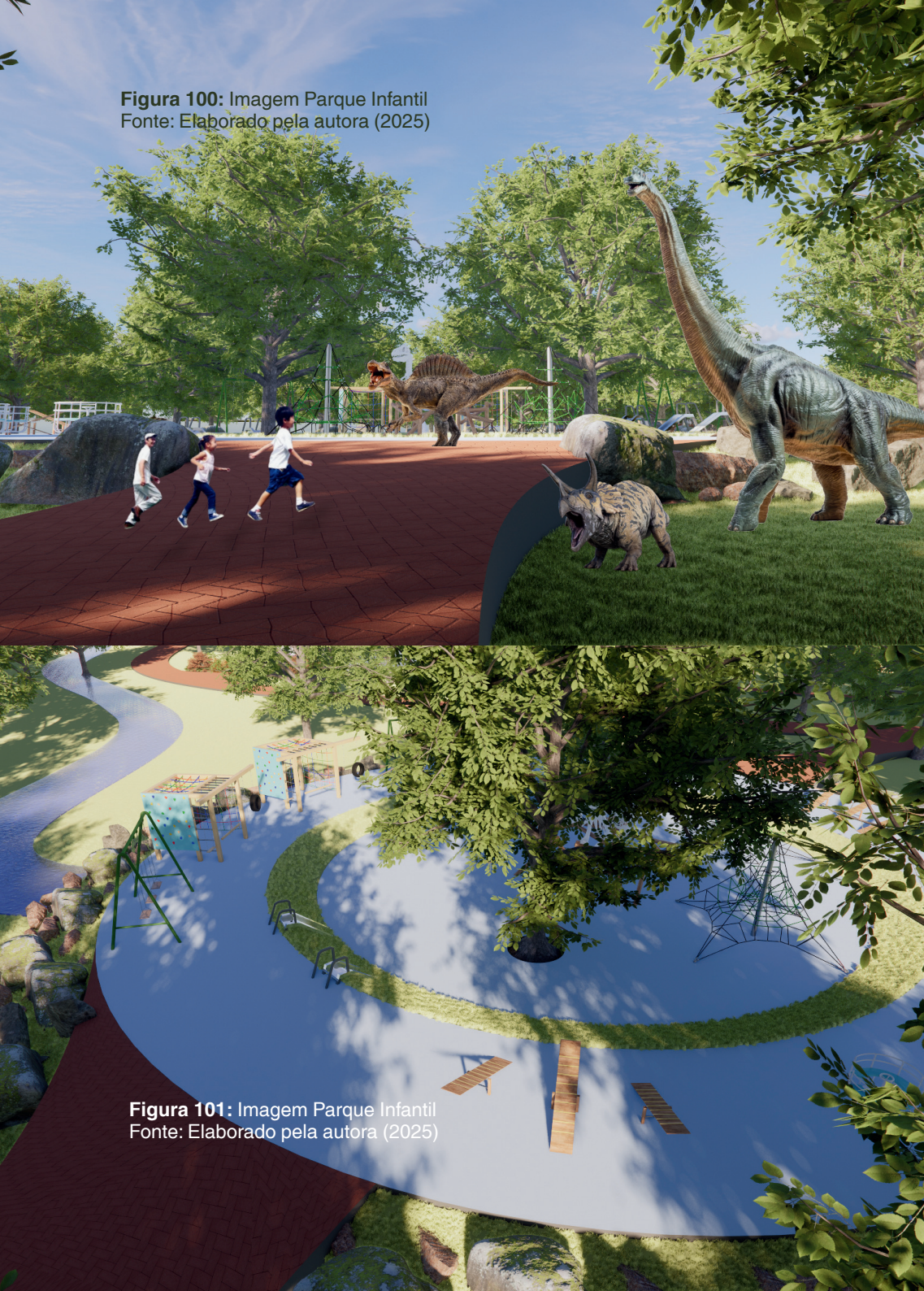


Figura 101: Imagem Parque Infantil
Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Parque Infantil

O parque infantil, localizado próximo aos quiosques, possui formato convidativo e lúdico para as crianças. O espaço é composto por árvores que promovem sombreamento ao parque, além de possuir um talude de grama para as crianças se aproveitarem do desnível como elemento interativo de escorrego e escalada. O espaço também conta com um piso amortecedor de borracha, garantindo segurança durante o uso do equipamento. A utilização de pedras, espelho d'água e réplicas de dinossauros, remetem a criação de um ambiente temático e reforça a integração com a paisagem e história do espaço, também se caracteriza como outro elemento compositor do espaço.

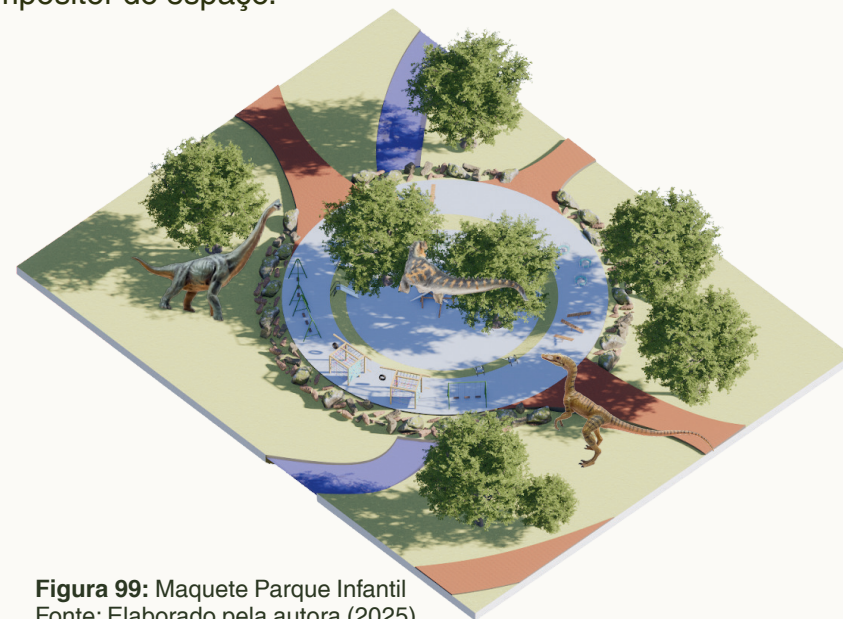


Figura 99: Maquete Parque Infantil
Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Loja

A Loja do Vale dos Dinossauros se caracteriza como um equipamento de venda de elementos personalizados, como ímãs, chaveiros, placas de cerâmicas, brinquedos temáticos entre outros, como forma de lembrança do sítio paleontológico.

A materialidade é composta por vidro, madeira e metal na cor cobre. Possui jardim frontal de acesso e coberta inclinada com ventilação cruzada, com o intuito de melhorar a temperatura térmica no equipamento.

Figura 102: Maquete Loja
Fonte: Elaborado pela autora (2025)

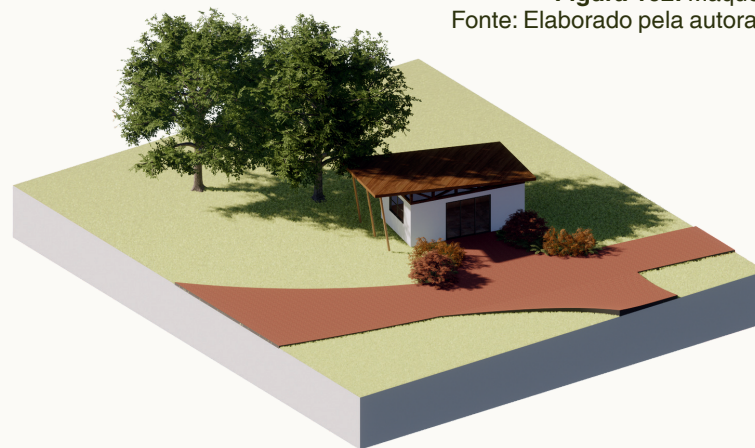


Figura 103: Imagem Loja
Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Anfiteatro

O espaço destinado a apresentações ao ar livre foi implantado para garantir a visualização interna e acústica natural. O espaço se integra à paisagem, sendo rodeado por árvores, que garantem um ambiente termicamente confortável e sombreado, além de não constituir barreira visual aos visitantes.

Figura 104: Maquete Anfiteatro
Fonte: Elaborado pela autora (2025)

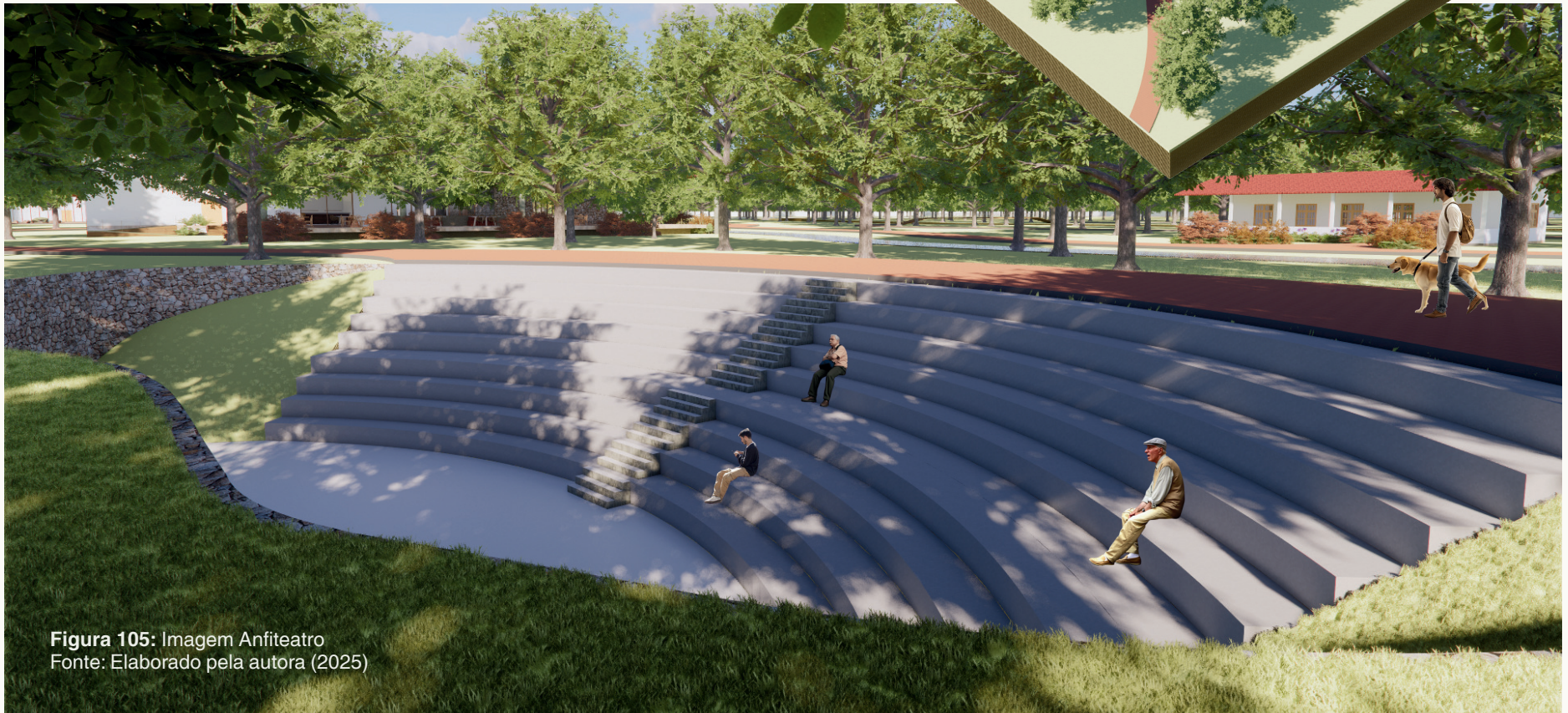
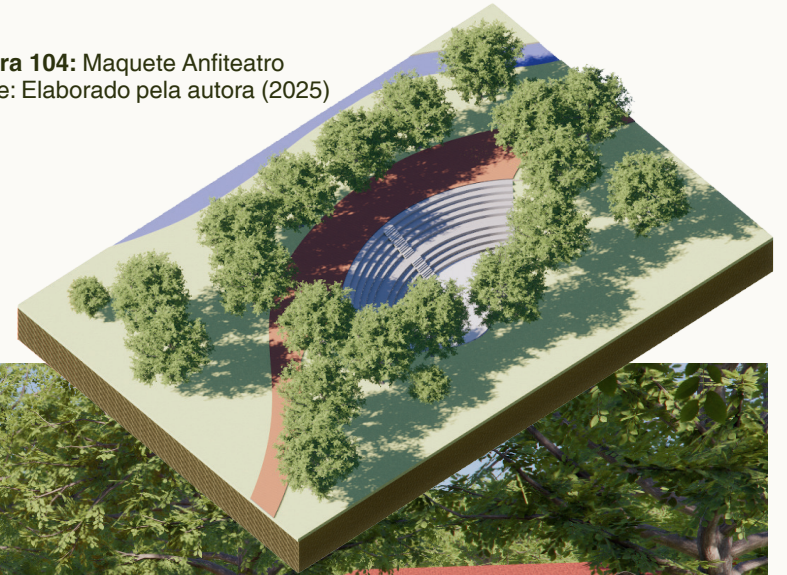


Figura 105: Imagem Anfiteatro
Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Espaço esportivo

Este espaço se caracteriza como um equipamento potencializador de esportes, dispondo de quadras que abarcam modalidades de areia, futebol, tênis e basquete. Com isso, o emprego dos esportes no programa do Vale o torna ainda mais atrativo e com vida, não só para visitantes, mas para moradores locais, aumentando a frequência de usuários.

A área possui um campo de futebol, duas quadras de areia, uma quadra de tênis e uma quadra poliesportiva. Entre elas, é possível identificar jardins e guarda-sol com cadeiras de descanso e apoio aos jogadores e visitantes.

O espaço também dispõem de bicicletários, lixeiras, bancos de concreto, um módulo de banheiro e um ponto comercial para venda de sucos, água e lanches rápidos.

Figura 108: Maquete Espaço esportivo
Fonte: Elaborado pela autora (2025)

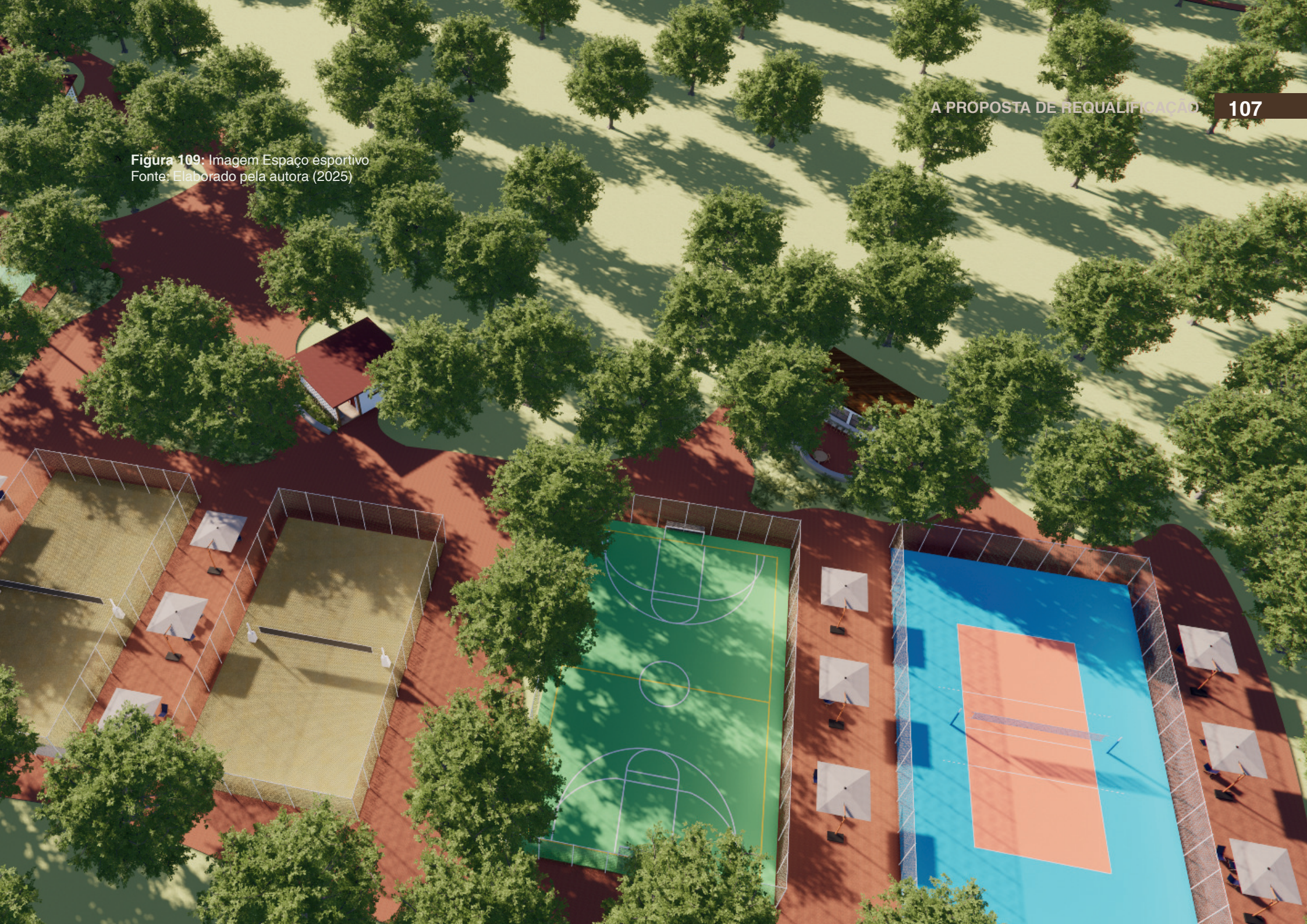


Figura 106: Imagem Espaço esportivo
Fonte: Elaborado pela autora (2025)



Figura 107: Imagem Espaço esportivo
Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Figura 109: Imagem Espaço esportivo
Fonte: Elaborado pela autora (2025)



Restaurante

O restaurante foi implantado de forma estratégica, no centro da Zona de Recreação, sendo pensado como apoio à alimentação dos visitantes do Vale, garantindo uma experiência completa com comidas típicas da cidade e região. Além disso, o restaurante conta com árvores que formam um jardim em seu pátio interno, criando uma zona verde que ameniza o clima quente do local, intensificando, ainda mais, a vivência dos usuários.

Somado a isso, sua materialidade conta com um estilo rústico com mesclas da modernidade, em que o emprego de tons em terracota com o uso da madeira, do concreto e do vidro, criam um espaço autêntico, em meio à Caatinga, destacando elementos como o telhado aparente e o cobogó, que, além de contribuir na estética, também auxilia na ventilação. Além disso, possui uma ponte de madeira sob um espelho d'água que remete a passagem do rio existente.

Figura 110: Maquete Restaurante
Fonte: Elaborado pela autora (2025)

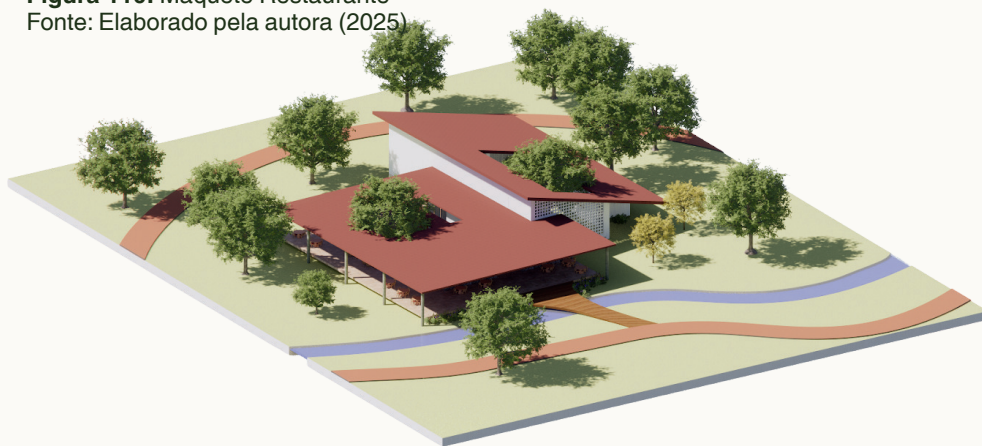
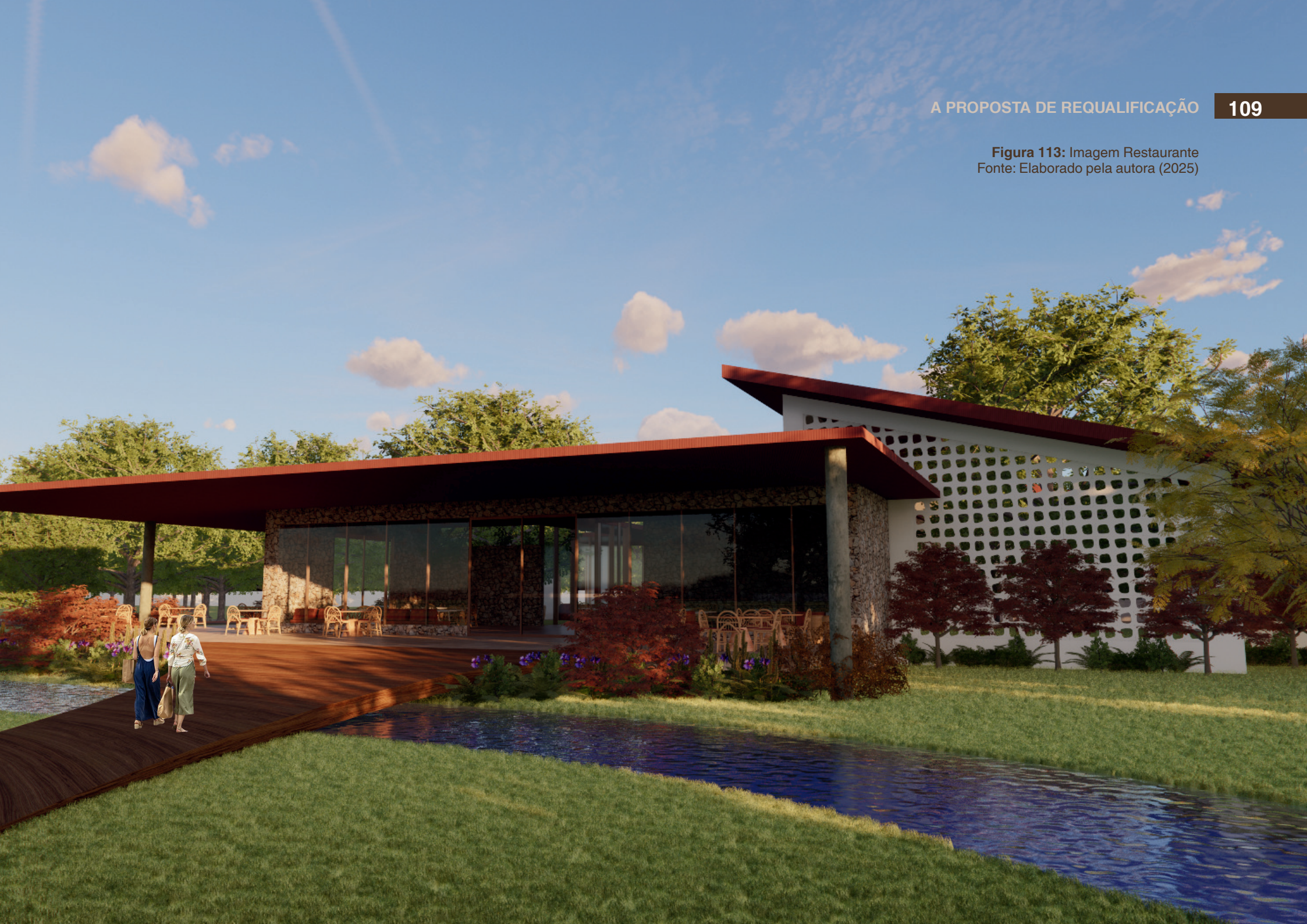


Figura 111: Imagem Restaurante
Fonte: Elaborado pela autora (2025)



Figura 112: Imagem Restaurante
Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Figura 113: Imagem Restaurante
Fonte: Elaborado pela autora (2025)



Auditório

O auditório foi pensado para cerca de 200 pessoas, com o intuito de atrair eventos e potencializar os espaços, sendo um ambiente de suporte ao Vale e à cidade. O espaço foi projetado para ser convidativo para o público local e visitantes externos para diferentes eventos, como apresentações culturais, congressos e shows. Além da cultura, o espaço também fortalece o turismo e a economia local, através da atração de pessoas e movimentação da cidade.

A materialidade é semelhante ao do restaurante, loja e museu e, se destaca com a presença de um “Jardim de Dinossauros”, composto por réplicas, pedras e espelho d’água que referenciam a história e cultura do local.

Figura 114: Maquete Auditório
Fonte: Elaborado pela autora (2025)

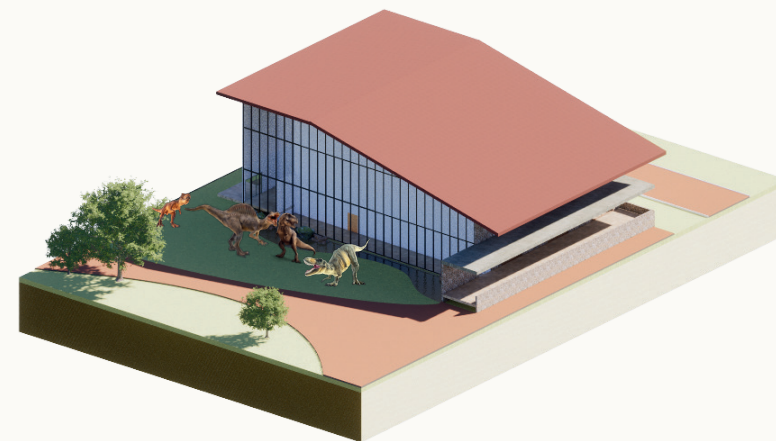


Figura 115: Imagem Auditório
Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Museu e Mirante

O museu se classifica como um dos equipamentos mais importantes do vale: abriga todo acervo paleontológico que remontam à era pré-histórica do Vale. Esse espaço convida, ainda mais, os visitantes a conhecerem sobre a história do sítio, da cidade, da Caatinga e ainda abrange espaço para exposições temporárias. Somado ao Mirante, localizado no pavimento superior ao Museu, o espaço serve como um equipamento de contemplação do parque. Nele, o visitante possui uma vista horizontal dos demais equipamentos da zona de recreação e ao pôr do sol, tornando a experiência ainda mais única.

Figura 116: Maquete Museu e Mirante
Fonte: Elaborado pela autora (2025)

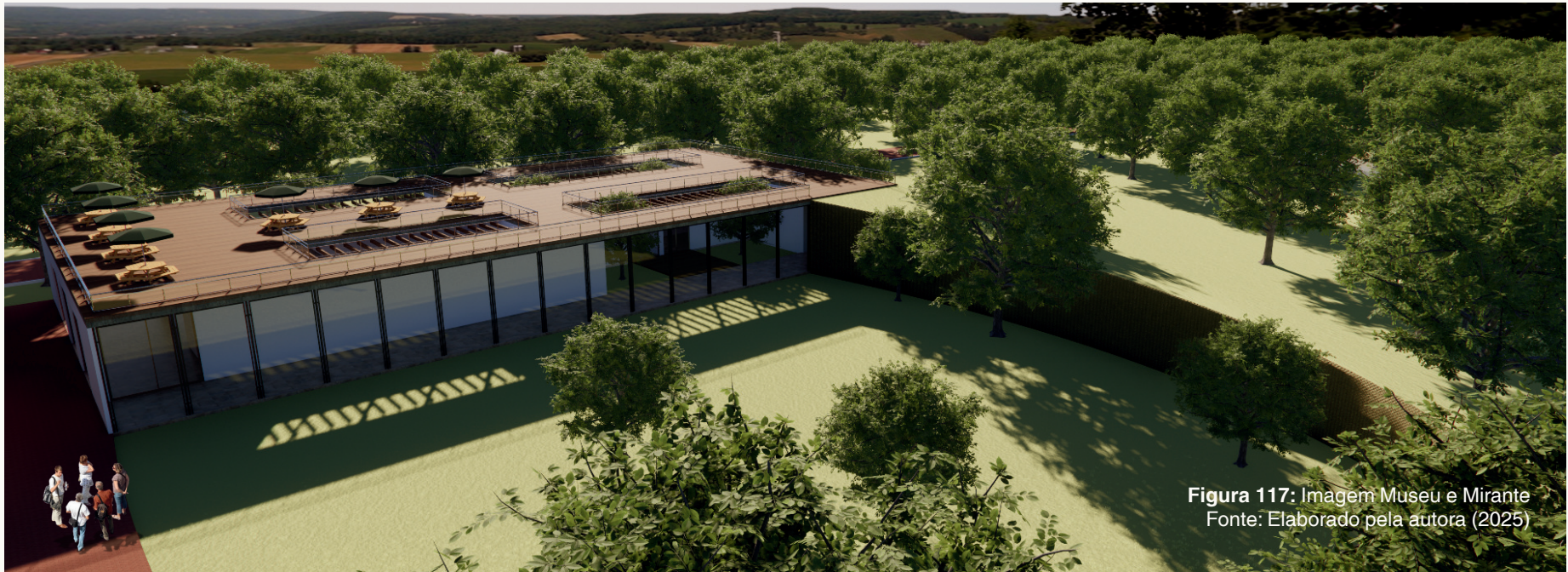


Figura 117: Imagem Museu e Mirante
Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Figura 118: Maquete Estacionamento 02
Fonte: Elaborado pela autora (2025)



Estacionamento 02

Este espaço se localiza na zona de recreação com acesso pela rota acessível, funcionando como uma rota alternativa para os visitantes que não irão percorrer as trilhas.

Construído também, com o intuito de promover vagas para funcionários. Além disso, funciona como estacionamento de carga e descarga para proporcionar suporte aos equipamentos propostos na Zona.



Figura 119: Imagem Estacionamento 02
Fonte: Elaborado pela autora (2025)

07

Considerações Finais

O desenvolvimento da proposta preliminar de requalificação do Vale dos Dinossauros, em Sousa, teve como premissa a integração entre a história natural, a identidade local e as estratégias de crescimento econômico sustentável a partir da vitalidade do espaço.

O seguinte trabalho se aprofundou na compreensão de que a cidade detém um patrimônio singular: os sítios paleontológicos. A análise da formação e estruturação de Sousa, e a relação com as pegadas de dinossauros revelou que este acervo não é apenas um recurso científico e histórico, mas sim um motor que impulsiona a identidade local e o crescimento econômico e cultural do município.

Dito isso, vale ressaltar os três pilares conceituais guiaram a criação desta proposta por meio de estudo detalhado: o patrimônio paleontológico e ações de valorização; o turismo, focando no consumo do lugar como experiência integral; a Caatinga, que é presente na região e foi valorizada como a moldura viva deste projeto. A análise de referências, voltadas para projetos de valorização de patrimônios paleontológicos e naturais, foi crucial para a definição das estratégias pré-projetuais. Logo, a requalificação proposta é, portanto, a materialização da tese de que o planejamento urbano, quando fundamentado no seu legado natural, é uma ferramenta eficaz para catalisar o desenvolvimento.

Os estudos desenvolvidos neste trabalho, demonstrou

que a importância do Vale está ligada à valorização e ao respeito do espaço existente, devido a grande riqueza paleontológica e natural da região, mas, a vitalidade desejada para espaço está dependente de ações da arquitetura e do urbanismo, que devem ser pensadas com um olhar sensível, voltado para as necessidades e desejos do público. Logo, este trabalho espera contribuir para o debate sobre como pode-se atuar, transformando o que é antigo em riqueza contemporânea e, refletindo sobre a importância de valorizar o ambiente e as pessoas que o integram.

A proposta de requalificação do Complexo de Visitação do Vale dos Dinossauros, transcende a intervenção em uma simples infraestrutura. O projeto se consolida como um imperativo de resgate histórico e sustentável. Logo, a proposta desenvolvida, estabelece um modelo de requalificação que é simultaneamente conservacionista, inclusivo, vital e estruturalmente consciente com o Bioma e com o Plano de Manejo existente.

Desse modo, é possível afirmar que os objetivos traçados foram alcançados, tendo em vista que o trabalho resultou em uma solução que não apenas responde à demanda do turismo, mas contribui para criação de um espaço completo para o lazer e bem-estar na cidade de Sousa, alinhado com a valorização e conservação do patrimônio e bioma, de uma maneira equilibrada e sustentável.

08

Referências

Referências

Agência BNDES de Notícias. **Museu da Natureza é inaugurado no Piauí.** Disponível em: ><https://agenciadenoticias.bndes.gov.br/cultura/Museu-da-Natureza-e-inaugurado-no-Piaui/><. Acesso em: 17 abril 2025.

AZEVEDO, Carlos A. **O Vale dos Dinossauros.** João Pessoa: Ideia, 2012.

BARATTO, R. **Concurso Nacional Parque do Mirante de Piracicaba.** ArchDaily Brasil, 14 nov. 2014. Disponível em: ><https://www.archdaily.com.br/br/755067/concurso-nacional-parque-do-mirante-de-piracicaba><. Acesso em: 12 maio 2025.

BARATTO, R. **Proposta para o Concurso Nacional Parque do Mirante de Piracicaba / Ravaglia & Philot.** ArchDaily Brasil, 4 fev. 2015. Disponível em: ><https://www.archdaily.com.br/br/761334/proposta-para-o-concurso-nacional-parque-do-mirante-de-piracicaba-ravaglia-and-philot><. Acesso em: 9 abril 2025.

BARATTO, R. **Resultados do Concurso Parque do Mirante de Piracicaba.** ArchDaily Brasil, 23 dez. 2014. Disponível em:

><https://www.archdaily.com.br/br/759397/resultados-do-concurso-parque-do-mirante-de-piracicaba><. Acesso em: 9 abril 2025.

Blog do Levi. **Sousa tem 67.259 pessoas, revela Censo do IBGE.** *Blog do Levi – Diário do Sertão*, 28 jun. 2023. Disponível em: <https://blogdolevi.diariodosertao.com.br/2023/06/28/sousa-tem-67-259-pessoas-revela-censo-do-ibge-confira-a-populacao-de-outros-municipios-da-regiao/>. Acesso em: 25 maio 2025.

BRASIL. **Departamento Nacional de Obras Contra as Secas. Pegadas de dinossauros: a descoberta de um engenheiro do DNOCS que revolucionou a história do sertão da Paraíba.** Brasília: DNOCS, 13 abr. 2023. Disponível em: ><https://www.gov.br/dnocs/pt-br/assuntos/noticias/pegadas-de-dinossauros-a-descoberta-de-um-engenheiro-do-dnocs-que-revolucionou-a-historia-do-sertao-da-paraiba><. Acesso em: 4 maio 2025.

BRASIL. **Iphan reconhece único sítio do mundo com pegadas de dinossauro em associação com arte rupestre.** Portal do Governo Federal, 27 abr. 2023. Disponível em: ><https://www.gov.br/cultura/pt-br/assuntos/noticias/iphan-reconhece-unico-sitio-do-mundo-com-pegadas-de-dinossauro-em-associacao-com-arte-rupestre><. Acesso em: 5 maio 2025.

BRASIL. **Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000.** Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 19 jul. 2000. Disponível em: >http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9985.htm<. Acesso em: 5 maio 2025.

CARBONE, Fabio. **Turismo, patrimônio e sustentabilidade: modelo de gestão para sítios arqueológicos**. 2006. Dissertação (Mestrado em Gestão e Políticas Ambientais) – Universidade de Aveiro, Aveiro, 2006. Disponível em: ><https://ria.ua.pt/handle/10773/8949><. Acesso em: 5 maio 2025.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1997.

DESTINO PARAÍBA. **Sertão da Paraíba possui pegadas de dinossauros com mais de 165 milhões de anos**. Destino Paraíba – Muito Mais que Sol e Mar, 3 jul. 2019. Disponível em: ><https://www.destinoparaiba.pb.gov.br/ondeir/sertao-da-paraiba-possui-pegadas-de-dinossauros-com-mais-de-165-milhoes-de-anos/><. Acesso em: 04 março 2025.

FERRAZ, Augusto. **Além do Rio: uma fotografia da paisagem urbana de Sousa - Paraíba**. Sousa, PB: AGT Produções, 2ª ed., 2011.

FERREIRA, Geicy Kelle Lopes. **As redes de sociabilidade da família Gomes de Sá no Sertão do Piancó (capitania da Paraíba do Norte, século XVIII)**.

Campina Grande, PB: Licenciatura em História, UFCG, 2019.

FGV Agro. **Caatinga: o bioma exclusivamente brasileiro**. São Paulo: FGV Agro, 2024. Disponível em: ><https://agro.fgv.br/sites/default/files/2024-10/2024.10.10%20-%20Caatinga%20O%20Bioma%20Exclusivamente%20Brasilario.pdf><. Acesso em: 27 jul. 2025

FLORISSI, S; ZANCHETI, S. M. **A sustentabilidade do patrimônio cultural no processo de desenvolvimento urbano sustentável**. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, Recife: UFPE, 2009. Disponível em: ><https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/3211><. Acesso em: 5 maio 2025.

GALIZZA, Diana Soares. **Modernização sem Desenvolvimento na Paraíba: 1890-1930**. Editora Idéal, João Pessoa, 1993.

GONÇALVES, Luana Abrantes. **Centro Histórico da cidade de Sousa, PB: Permanências e Supressões Arquitetônicas**. João Pessoa, 2019

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Brasil em Síntese: Território**. 2020. Disponível em:

><https://brasilemsintese.ibge.gov.br/territorio.html><. Acesso em 27 de Julho de 2025.

Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPN). **Caatinga: Fauna e Flora**. 2020. Disponível em: ><https://ispn.org.br/biomas/caatinga/fauna-e-flora-da-caatinga/><. Acesso em 02 de abril de 2024.

JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos errantes: a arte de se perder na cidade**. Salvador: EDUFBA, 2008. Disponível em: ><https://repositorio.ufba.br/handle/ri/7894>< Acesso em: 21 abr. 2025.

LIMA, Camila Bezerra de. **Turismo científico como estratégia de desenvolvimento sustentável na Chapada do Araripe**. *Revista Turismo em Análise*, v. 30, n. 2, p. 85–98, 2019.

LINS, Nathália. No Piauí, **Museu da Natureza coloca vilarejo de 4 mil habitantes no mapa**. Casa Vogue, 21 out. 2019. Disponível em: ><https://casavogue.globo.com/Arquitetura/Edificios/noticia/2019/10/no-piaui-museu-da-natureza-coloca-vilarejo-de-4-mil-habitantes-no-mapa.html>< Acesso em: 19 jul. 2025.

MARX, Murillo. **Cidade no Brasil: terra de quem?** São Paulo: Nobel; Edusp, 1991

Ministério do Meio Ambiente – MMA. **Desmatamento na Caatinga já destruiu metade da vegetação original**. 2010. Disponível em: ><https://www.gov.br/mma/pt-br/noticias/desmatamentona-caatinga-ja-destruiu-metade-da-vegetacao-original><. Acesso em 12 de abril de 2024.

MOURA, M. S. B. de. **Clima. In: Bioma Caatinga**. 2021. Disponível em: ><https://www.embrapa.br/agencia-de-informacao-tecnologica/tematicas/bioma-caatinga/clima><. Acesso em 18 de outubro de 2024.

NFO. **Paleo Park / NFO**. ArchDaily, 12 jan. 2021. Disponível em: ><https://www.archdaily.com/955835/paleo-park-nfo><. Acesso em: 19 jul. 2025.

PEREIRA, Juliana de Lima. **Potencial turístico do Vale dos Dinossauros - Sousa-PB**. Cajazeiras, PB: Trabalho de Conclusão de Curso, 2017

Prefeitura Municipal de Sousa, **Plano Diretor de Sousa**, 1978.

QUEIROGA, E. F. **Do vazio ao espaço público: Requalificando paisagens, reestruturando territórios**. Paisagem & Ambiente: ensaios, 2020. Disponível em: ><https://revistas.usp.br/paam/article/view/77381/81230><. Acesso em 18 de abril de 2025

QUEIROZ, S. N. et al. **Cidades médias do interior do Nordeste: rumos e relevância na atração de migrantes.** Natal, RN: ANPUR 18, 2019.

RODRIGUES, Luma Gabrielly Ehrich. **Análise socioeconômica dos impactos da seca de 2012-2019 no perímetro irrigado de São Gonçalo (PISG), Sousa-PB.** Pau dos Ferros, 2024

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço.** São Paulo, Edusp, 2002.

SANTOS, M. **A Urbanização Brasileira.** Hucitec, 1996.

SARMENTO, Christiane Finizola. **Povoações, freguesias e vilas na Paraíba Colonial: Pombal e Sousa, 1697-1800.** Natal, RN: Dissertação de Mestrado UFRN, 163 p., 2007.

SCALFI, G. **A construção de significado em visitas de famílias ao museu da natureza no Piauí, Brasil.** Cadernos de Educação / Educação e Cultura, 2024. Disponível em ><https://www.scielo.br/j/ciedu/a/rvH6B8Ds87P6qJ3r9BXxkfq/> . Acesso em 15 jul. 2025.

SERVIÇO GEOLÓGICO DO BRASIL (SGB). **Sítios**

geológicos e paleontológicos do Brasil visam dar suporte ao desenvolvimento sustentável no país. Disponível em: <https://www.sgb.gov.br>. Acesso em: 28 jul. 2025.

SIGEP. **Sítios geológicos e paleontológicos do Brasil. Vol. I.** Brasília: DNPM / CPRM / SIGEP, 2002. Disponível em: https://www.sigep.eco.br/SIGEP_Vol_I.pdf. Acesso em: 17 julho 2025

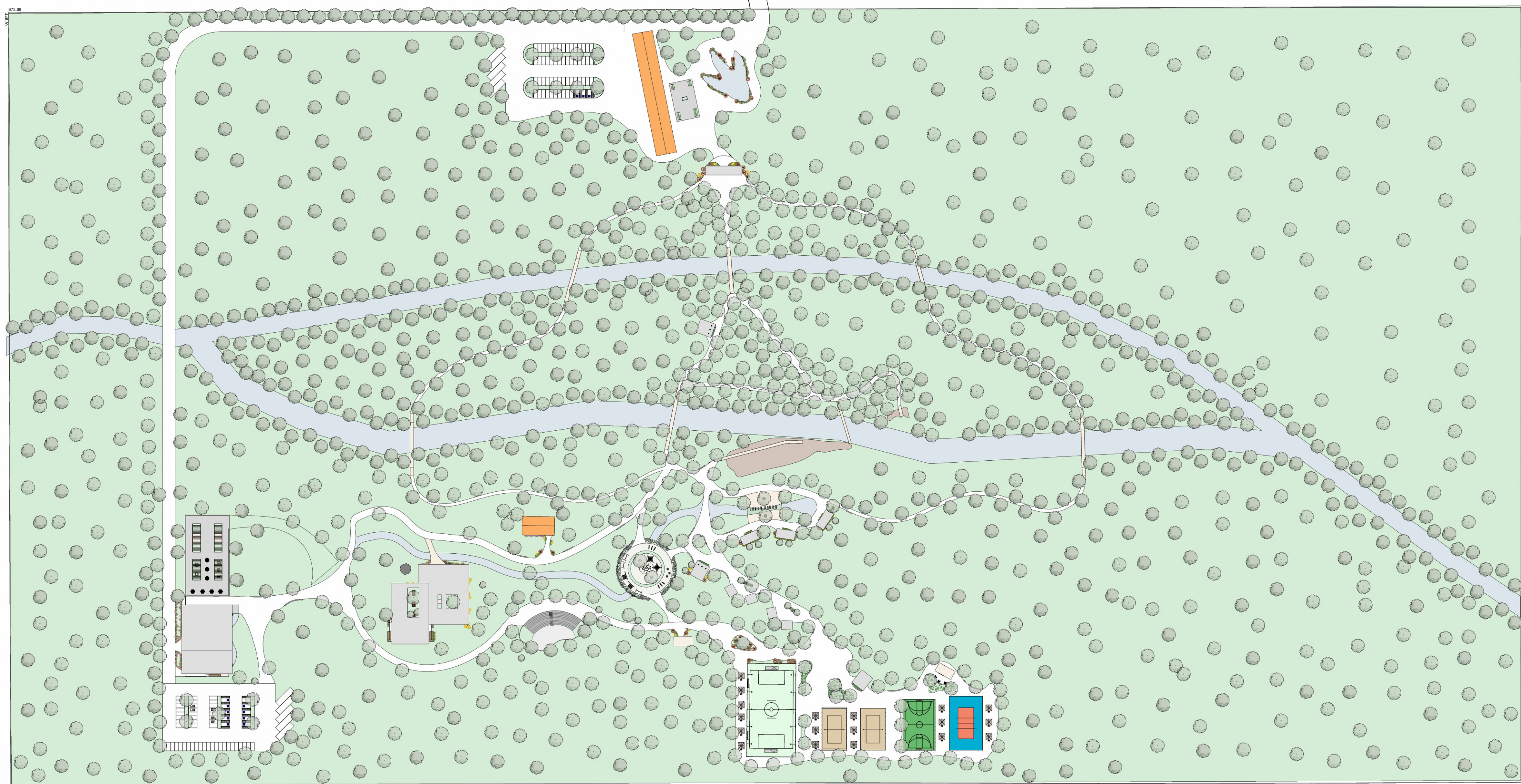
SILVA, Odair Vieira da; KEMP, Sônia Regina Alves. **A evolução histórica do turismo: da Antiguidade clássica à Revolução Industrial – século XVIII.** *Revista Científica Eletrônica de Turismo*, v. 5, n. 9, jun. 2008. Disponível em: ><https://livrozilla.com/doc/1444684/a-evolucao-historica-do-turismo><. Acesso em: 27 jul. 2025.

SOARES, J. A. **Memorial de um Sertão/ Sousa.** Sousa: Ed. do Autor, 2018.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **Turismo: estrutura e organização.** São Paulo: Senac, 2003.

09

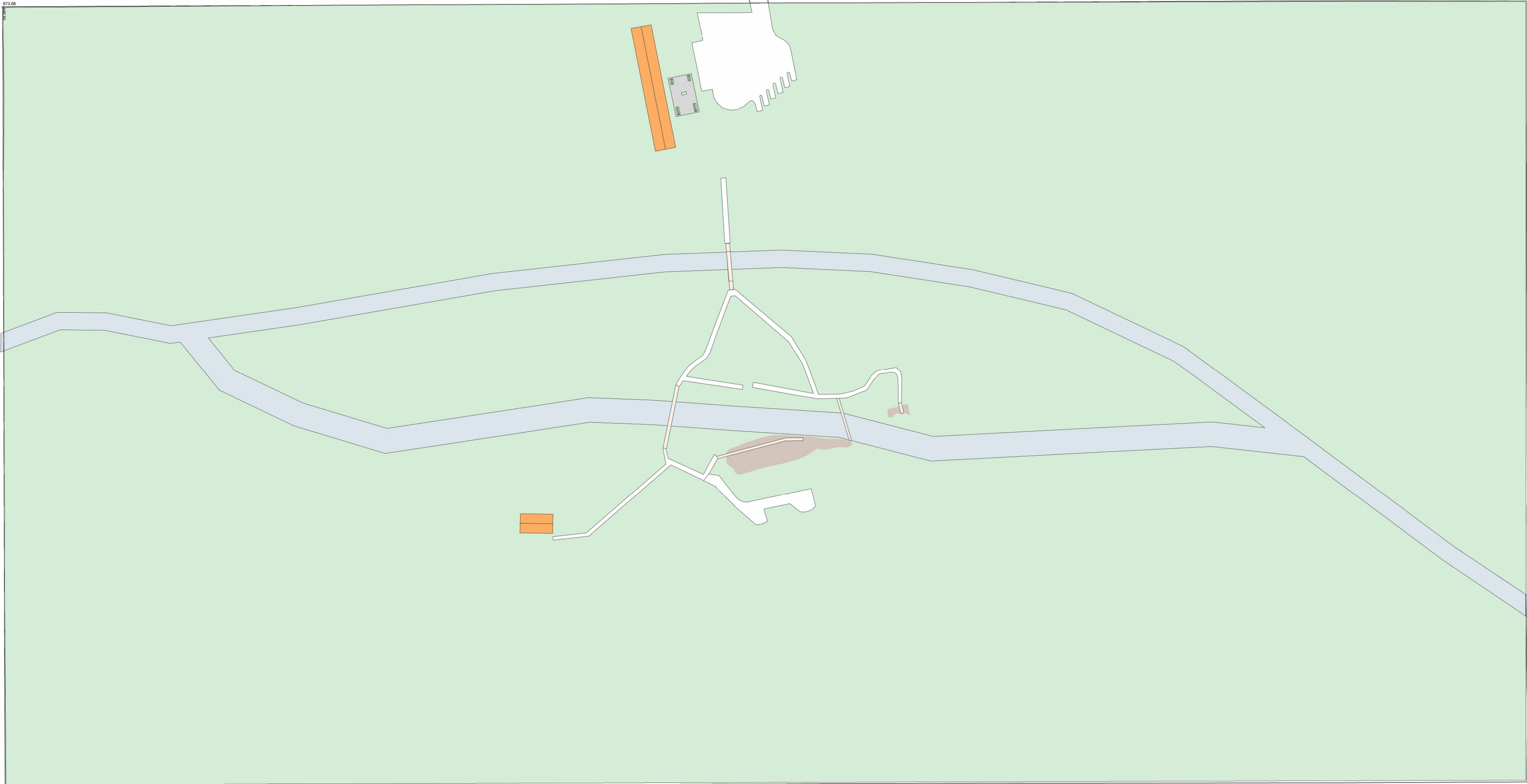
Apêndices



1 Masterplan
Escala - 1 : 1700

0 10 50 100m

 PROJETO: REQUALIFICAÇÃO DO VALE DOS DINOSSAUROS	
ENDEREÇO: VALE DOS DINOSSAUROS, SOUSA, PARAÍBA	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - CT - DAU - ARQUITETURA E URBANISMO	
DISCENTE: MARIA LUANA C. SOUSA	DATA: OUTUBRO, 2025
MATRÍCULA: 20200017883	PRANCHA:
ORIENTADORA: PAULA DIEB MARTINS	01/11

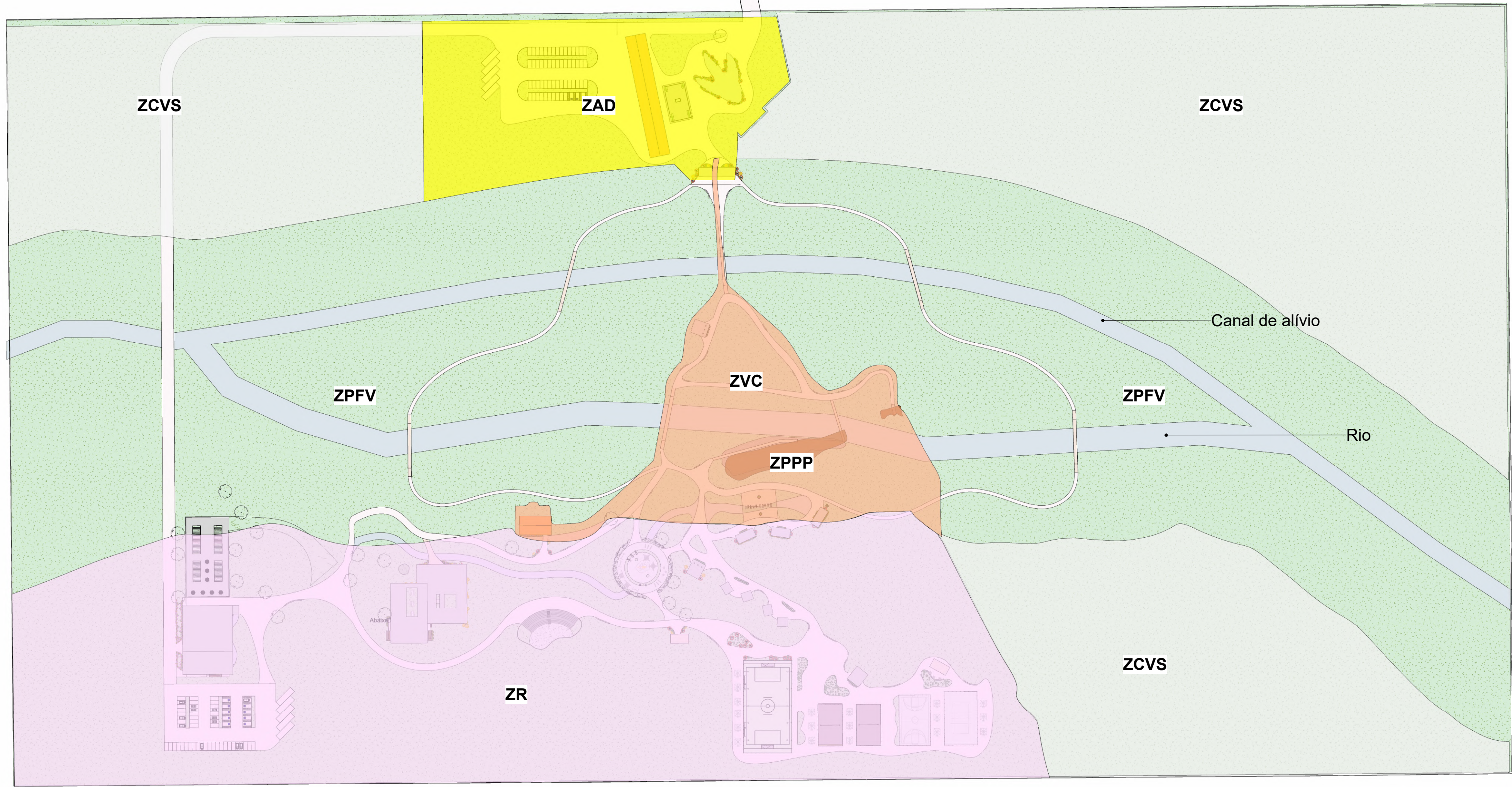


Planta de Situação atual
ESCALA 1 : 1700



0 10 50 100m

 PROJETO: REQUALIFICAÇÃO DO VALE DOS DINOSSAUROS	
ENDEREÇO: VALE DOS DINOSSAUROS, SOUSA, PARAÍBA	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - CT - DAU - ARQUITETURA E URBANISMO	
DISCENTE: MARIA LUANA C. SOUSA	DATA: OUTUBRO, 2025
MATRÍCULA: 20200017883	PRANCHA: 02/11
ORIENTADORA: PAULA DIEB MARTINS	



1 Planta de Proposta e Zoneamento
Escala - 1 : 1700

LEGENDA	
ZAD	Zona Administrativa
ZVC	Zona de Visitação Controlada
ZPFV	Zona de Preservação de Fundo de Vale
ZPFV	Zona de Conservação da Vida Silvestre
ZR	Zona de Recreação



PROJETO:
REQUALIFICAÇÃO DO VALE DOS DINOSSAUROS

ENDEREÇO:
VALE DOS DINOSSAUROS, SOUSA, PARAÍBA

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - CT - DAU - ARQUITETURA E URBANISMO

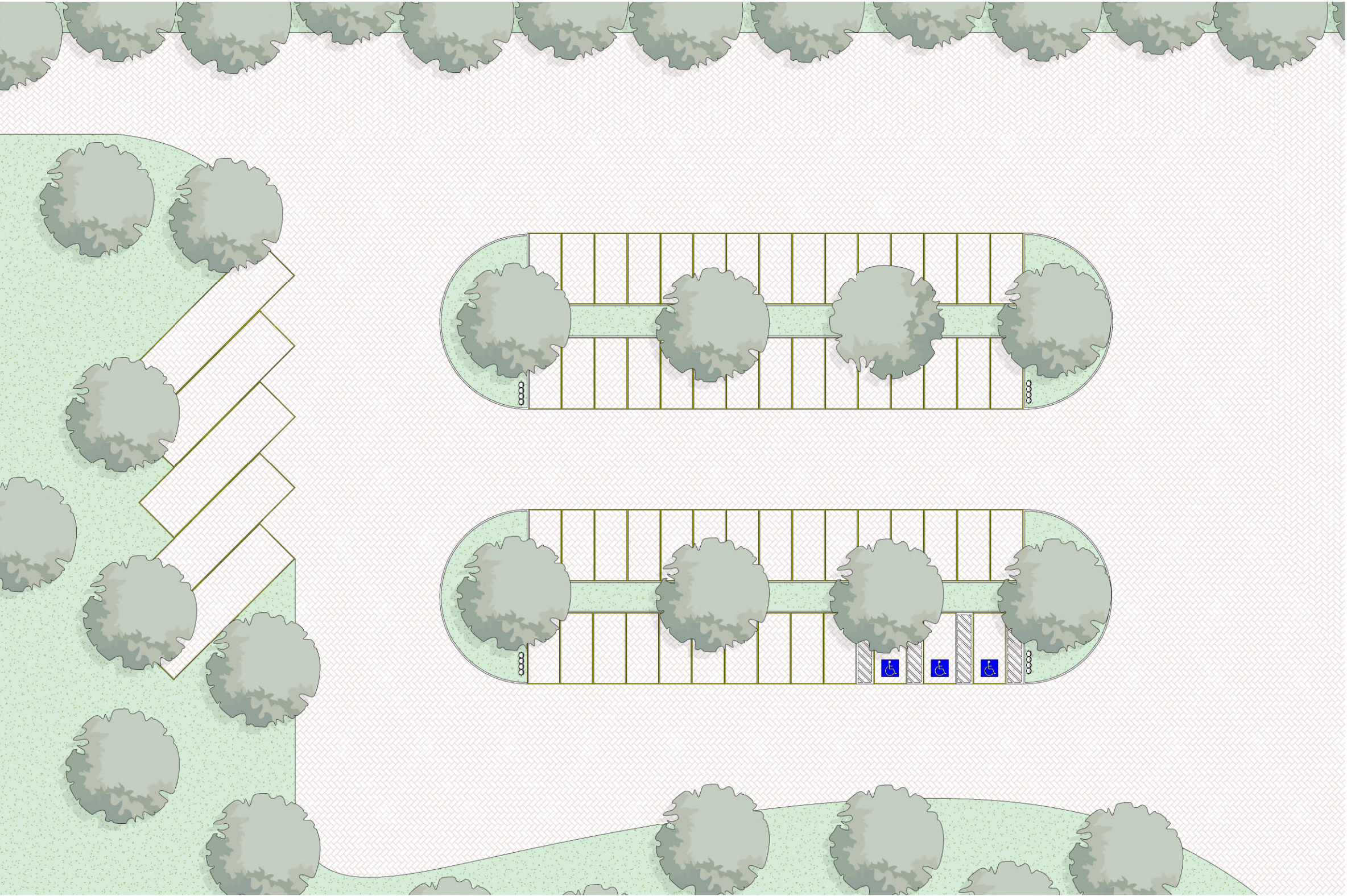
DISCENTE:
MARIA LUANA C. SOUSA

MATRÍCULA:
20200017883

ORIENTADORA:
PAULA DIEB MARTINS

DATA:
OUTUBRO, 2025

PRANCHA:
03/11



Planta Baixa - Estacionamento 01

ESCALA 1 : 300

0 10 20m

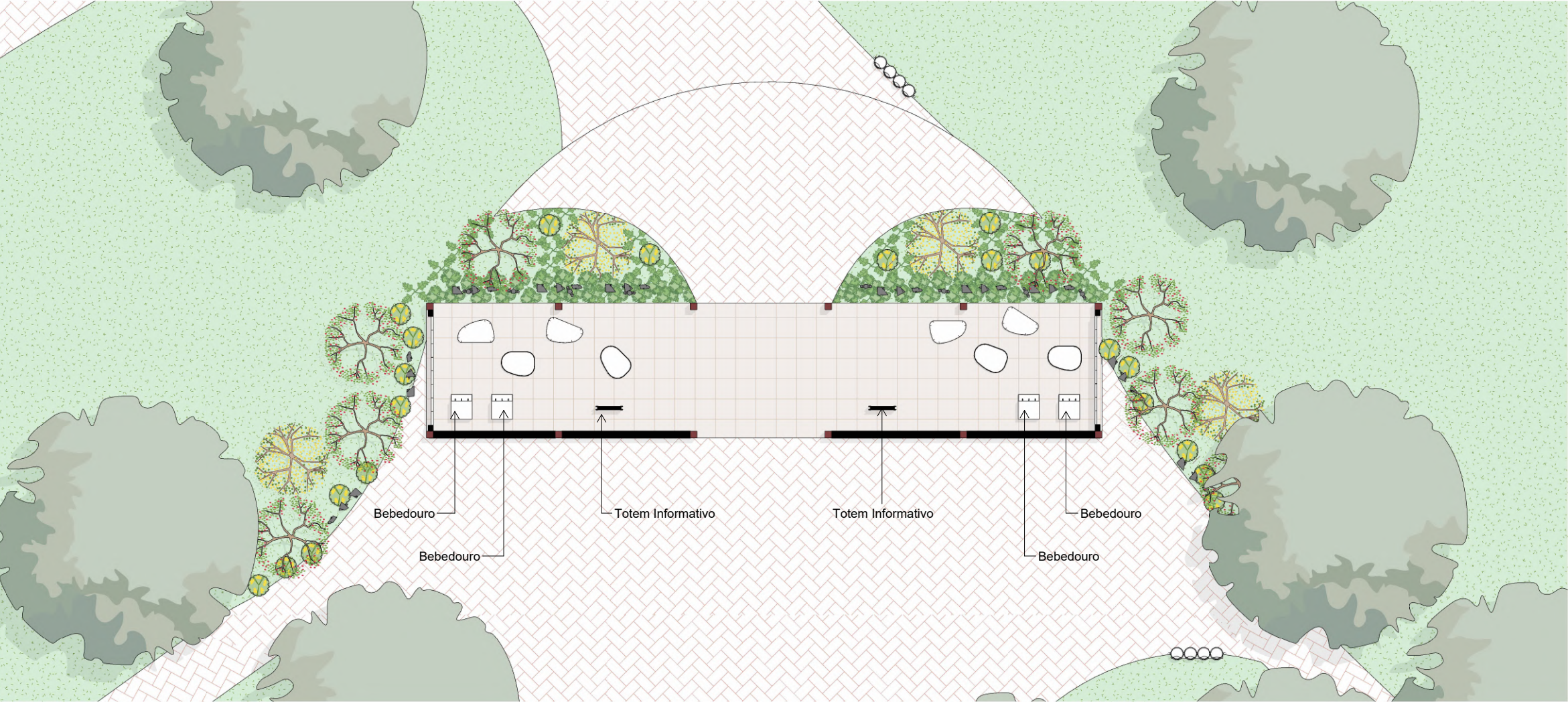


Zona Administrativa (ZAD)

ESCALA 1 : 1000



0 10 20m



Planta Baixa - Apoio ao Turista

ESCALA 1 : 150

0 5 10m

		PROJETO: REQUALIFICAÇÃO DO VALE DOS DINOSSAUROS	
ENDEREÇO: VALE DOS DINOSSAUROS, SOUSA, PARAÍBA			
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - CT - DAU - ARQUITETURA E URBANISMO			
DISCENTE: MARIA LUANA C. SOUSA		DATA: OUTUBRO, 2025	
MATRÍCULA: 20200017883		PRANCHA:	
ORIENTADORA: PAULA DIEB MARTINS		04/11	



Planta Baixa - Espaço de loga

ESCALA 1 : 200



0 5 10m

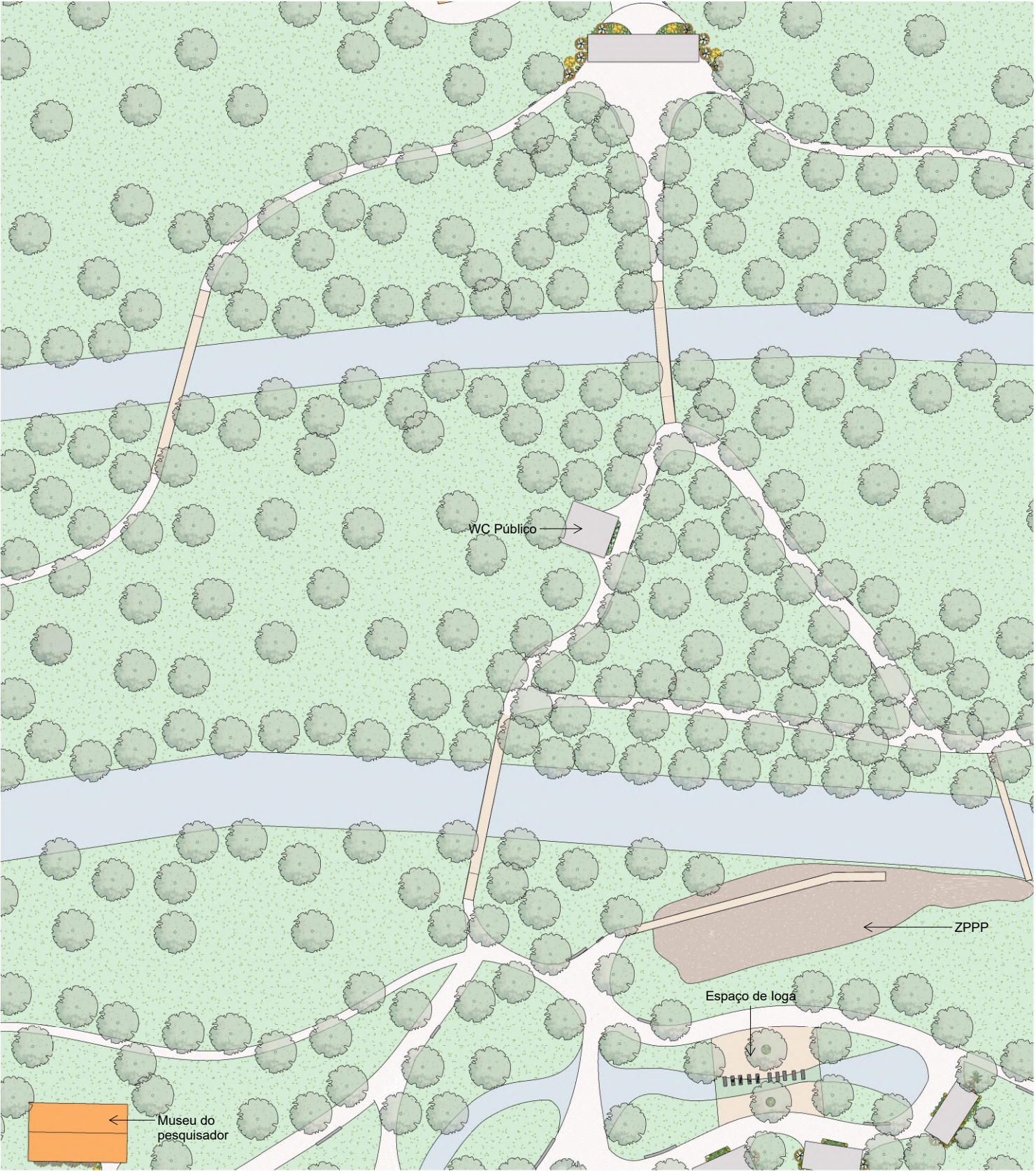


Planta Baixa - Museu do Pesquisador

ESCALA 1 : 150



0 5 10m



Zona de Visitação Controlada (ZVC)

ESCALA 1 : 1000



0 10 20m



PROJETO:
REQUALIFICAÇÃO DO VALE DOS DINOSAURIOS

ENDEREÇO:
VALE DOS DINOSAURIOS, SOUSA, PARAÍBA

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - CT - DAU - ARQUITETURA E URBANISMO

DISCENTE:
MARIA LUANA C. SOUSA

MATRÍCULA:
20200017883

ORIENTADORA:
PAULA DIEB MARTINS

DATA:
OUTUBRO, 2025

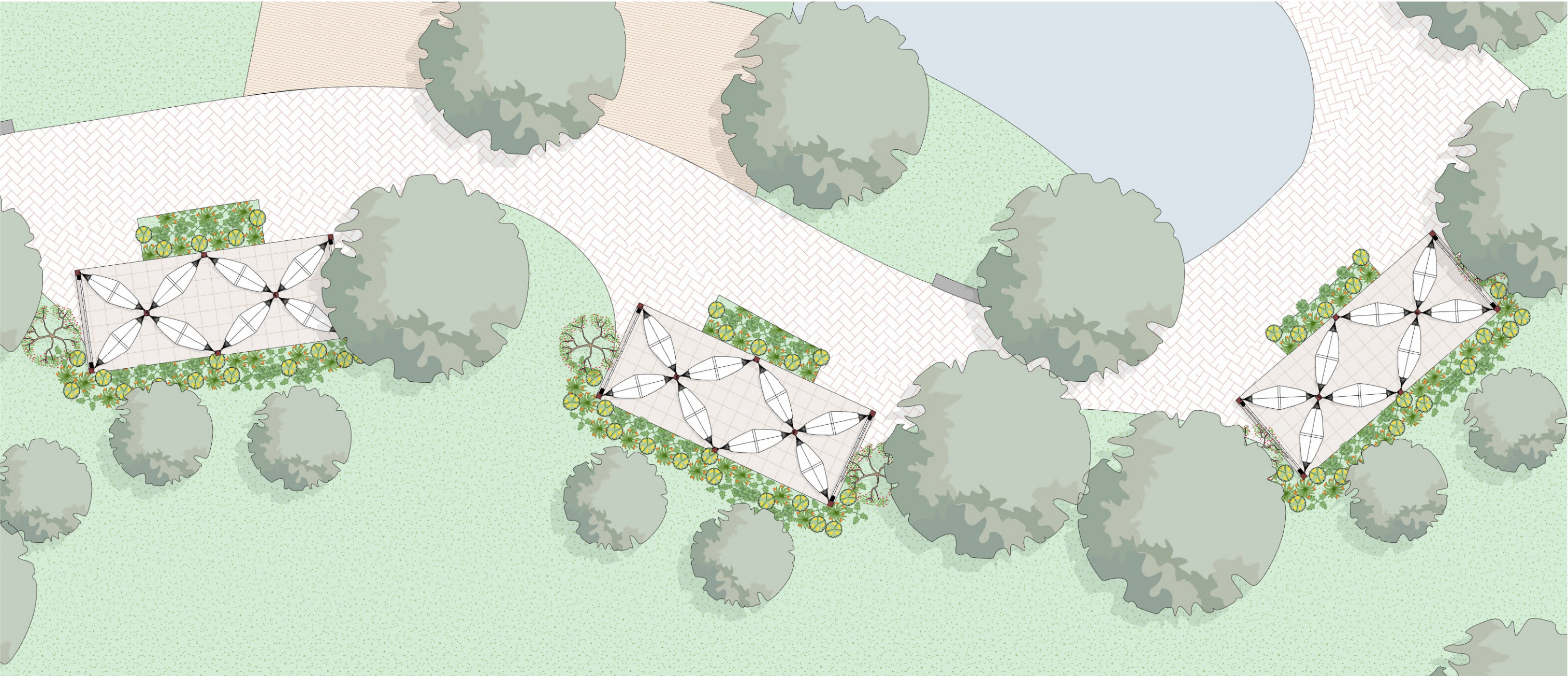
PRANCHA:

05/11



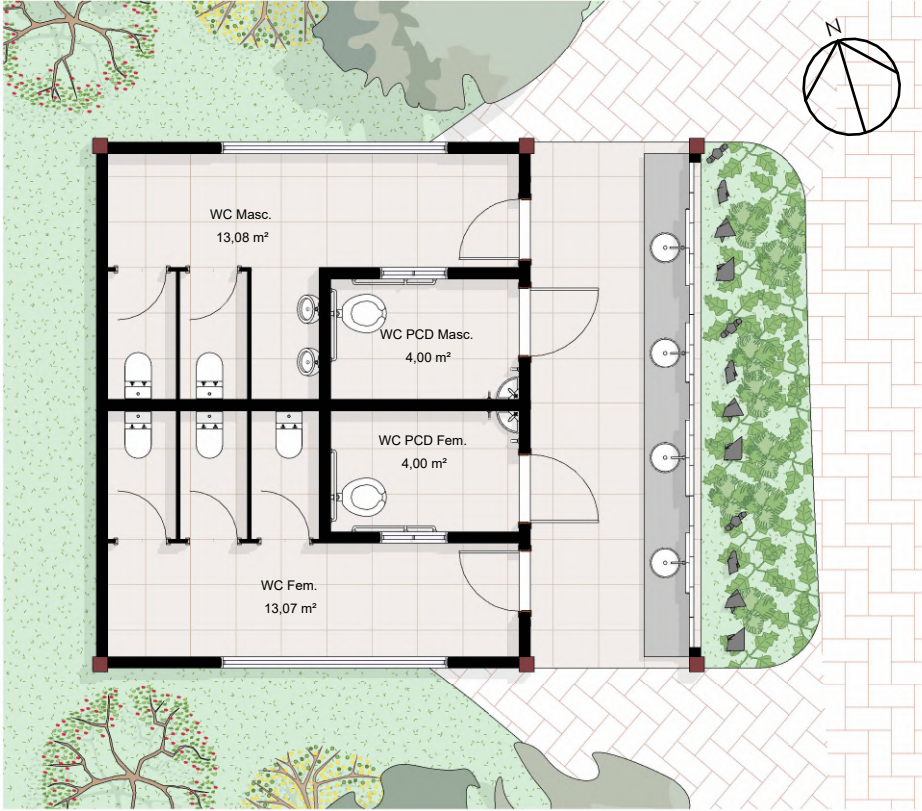
Zona de Recreação
ESCALA 1 : 1000

0 10 20m



Planta Baixa - Redário
ESCALA 1 : 150

0 5 10m



Planta Baixa - WC Público
ESCALA 1 : 100

0 1 3

 PROJETO: REQUALIFICAÇÃO DO VALE DOS DINOSAURIOS	
ENDEREÇO: VALE DOS DINOSAURIOS, SOUSA, PARAÍBA	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - CT - DAU - ARQUITETURA E URBANISMO	
DISCENTE: MARIA LUANA C. SOUSA	DATA: OUTUBRO, 2025
MATRÍCULA: 20200017883	PRANCHA: 06/11
ORIENTADORA: PAULA DIEB MARTINS	



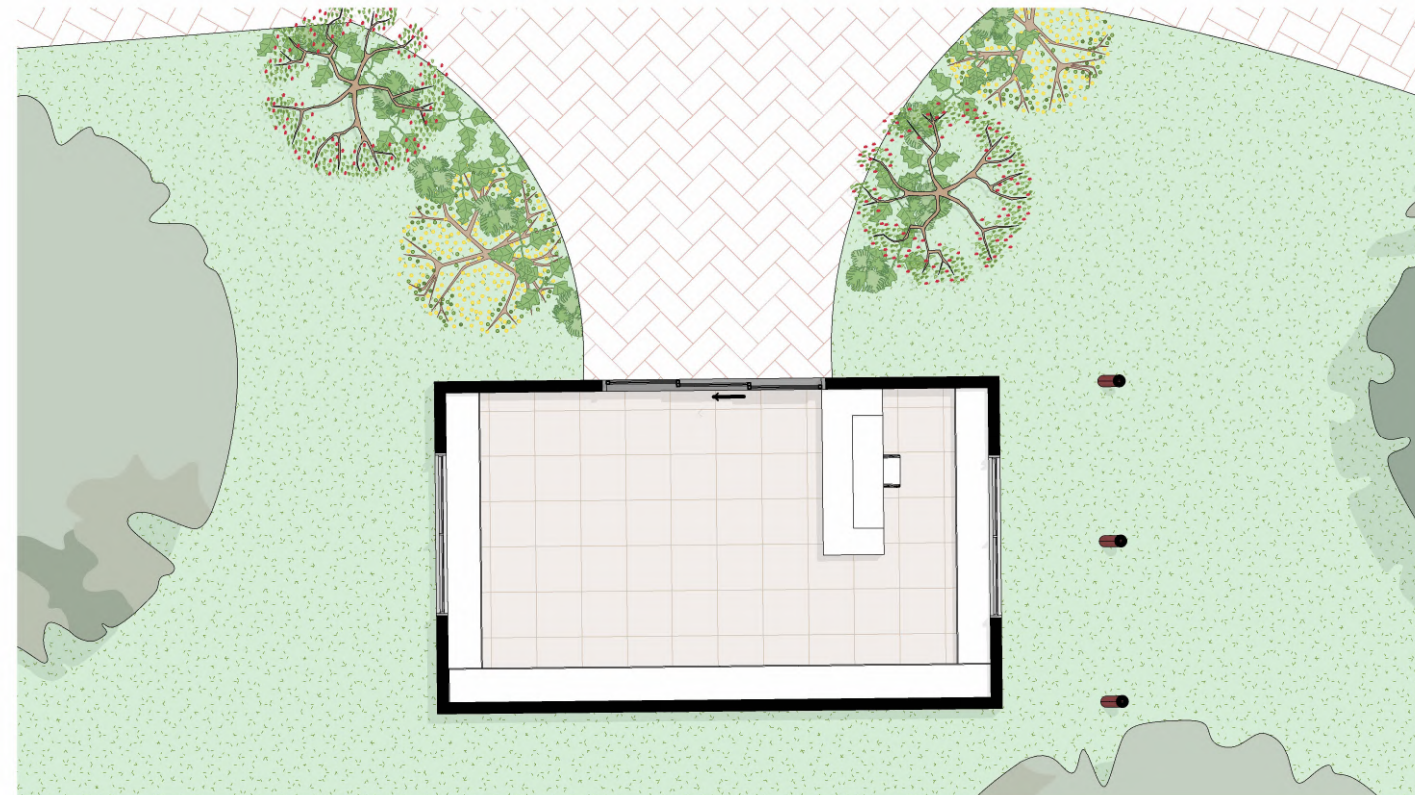
Planta - Parque Infantil
ESCALA 1 : 150

0 5 10m



Planta Baixa - Quiosques
ESCALA 1 : 200

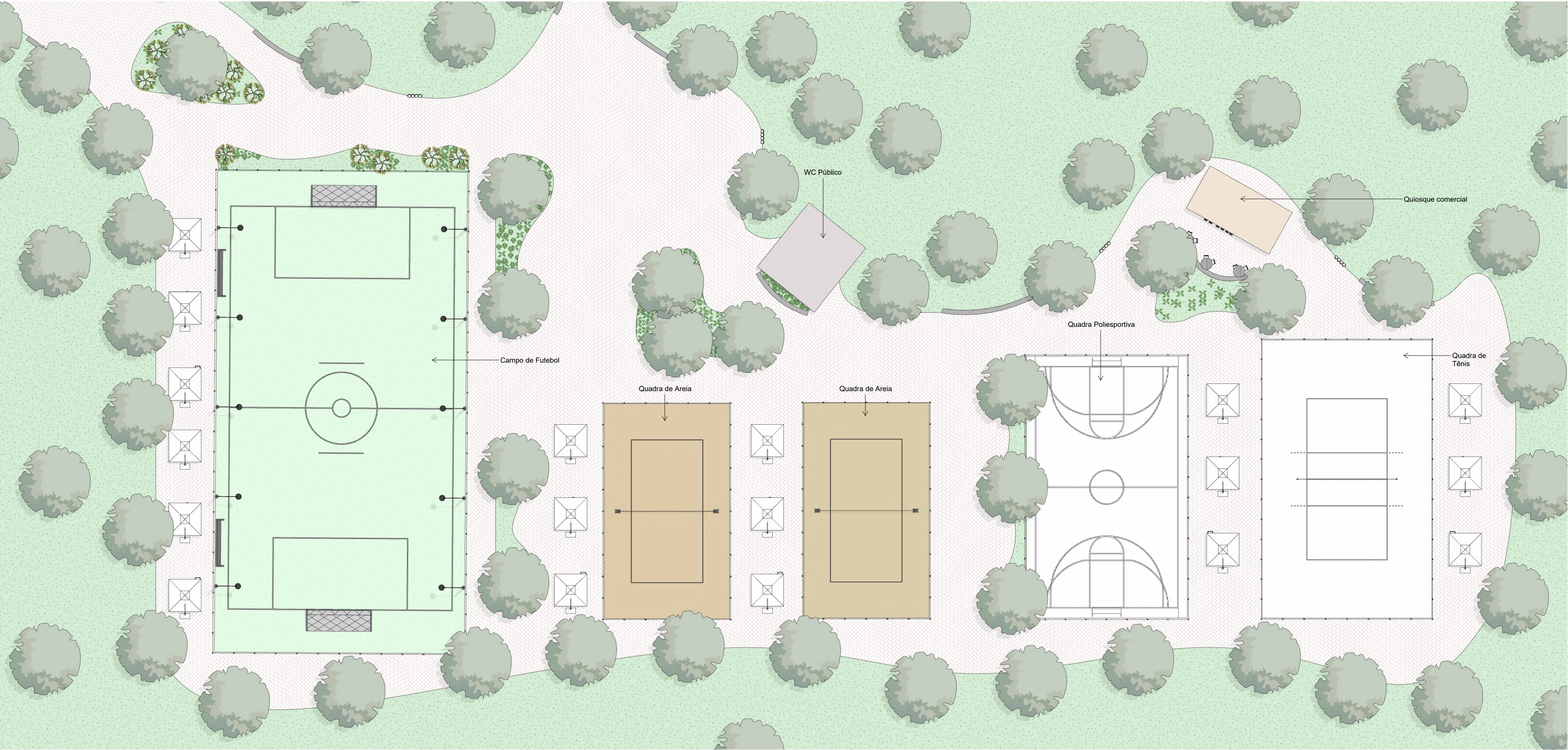
0 5 10m



Planta Baixa - Loja
ESCALA 1 : 100

0 1 3

		PROJETO: REQUALIFICAÇÃO DO VALE DOS DINOSSAUROS	
ENDEREÇO: VALE DOS DINOSSAUROS, SOUSA, PARAÍBA			
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - CT - DAU - ARQUITETURA E URBANISMO			
DISCENTE: MARIA LUANA C. SOUSA		DATA: OUTUBRO, 2025	
MATRÍCULA: 20200017883		PRANCHA:	
ORIENTADORA: PAULA DIEB MARTINS		07/11	



Espaço Esportivo
ESCALA 1:325

 PROJETO: REQUALIFICAÇÃO DO VALE DOS DINOSSAUROS	
ENDEREÇO: VALE DOS DINOSSAUROS, SOUSA, PARAÍBA	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - CT - DAU - ARQUITETURA E URBANISMO	
DISCENTE: MARIA LUANA C. SOUSA	DATA: OUTUBRO, 2025
MATRÍCULA: 20200017883	PRANCHA: 08/11
ORIENTADORA: PAULA DIEB MARTINS	

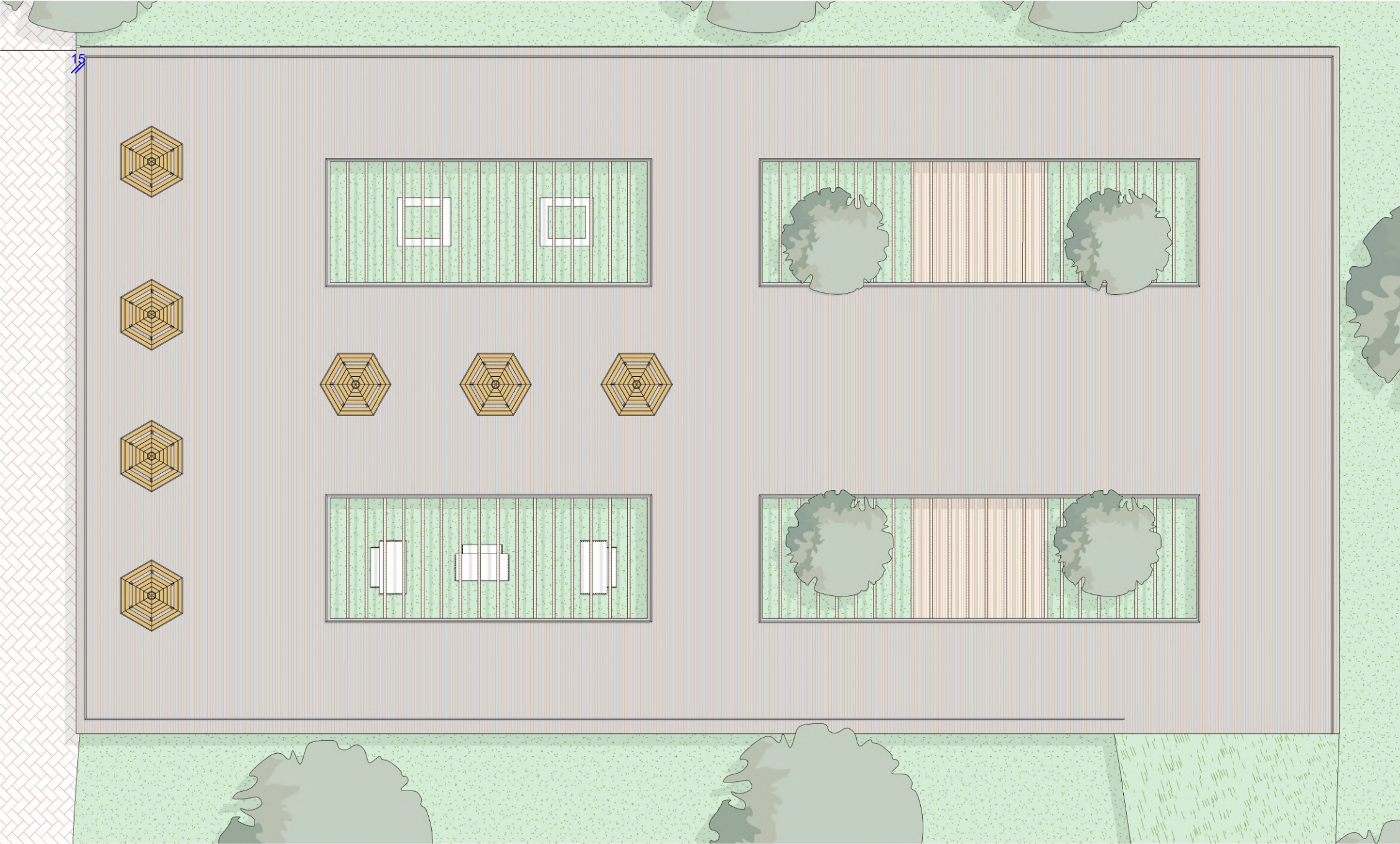


Planta Baixa - Restaurante
ESCALA 1 : 150



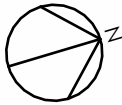
0 5 10m

 PROJETO: REQUALIFICAÇÃO DO VALE DOS DINOSSAUROS	
ENDEREÇO: VALE DOS DINOSSAUROS, SOUSA, PARAÍBA	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - CT - DAU - ARQUITETURA E URBANISMO	
DISCENTE: MARIA LUANA C. SOUSA	DATA: OUTUBRO, 2025
MATRÍCULA: 20200017883	PRANCHA: 09/11
ORIENTADORA: PAULA DIEB MARTINS	

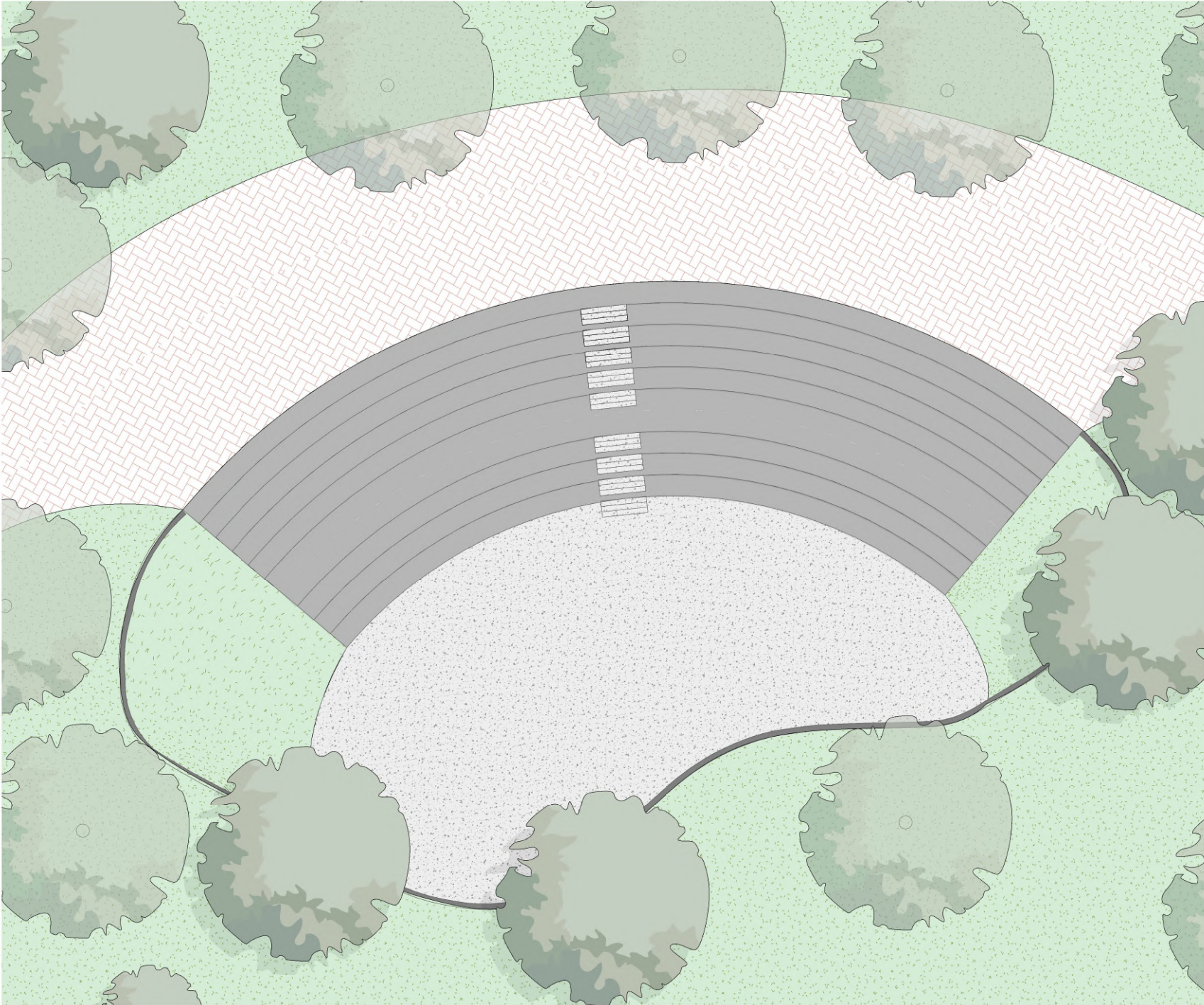


Planta Baixa - Mirante

ESCALA 1 : 175



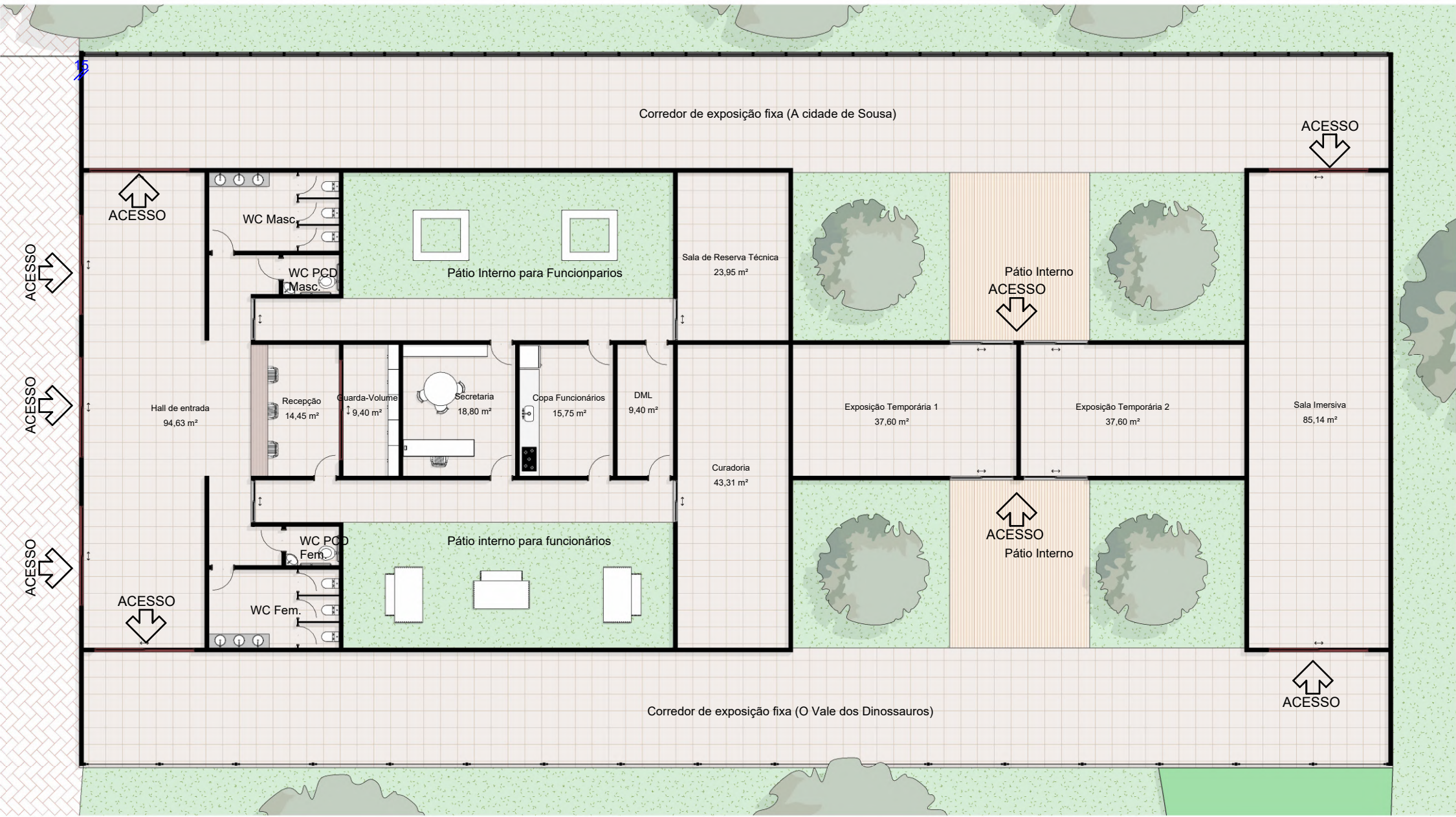
0 5 10m



Anfiteatro

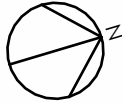
ESCALA 1 : 200

0 5 10m



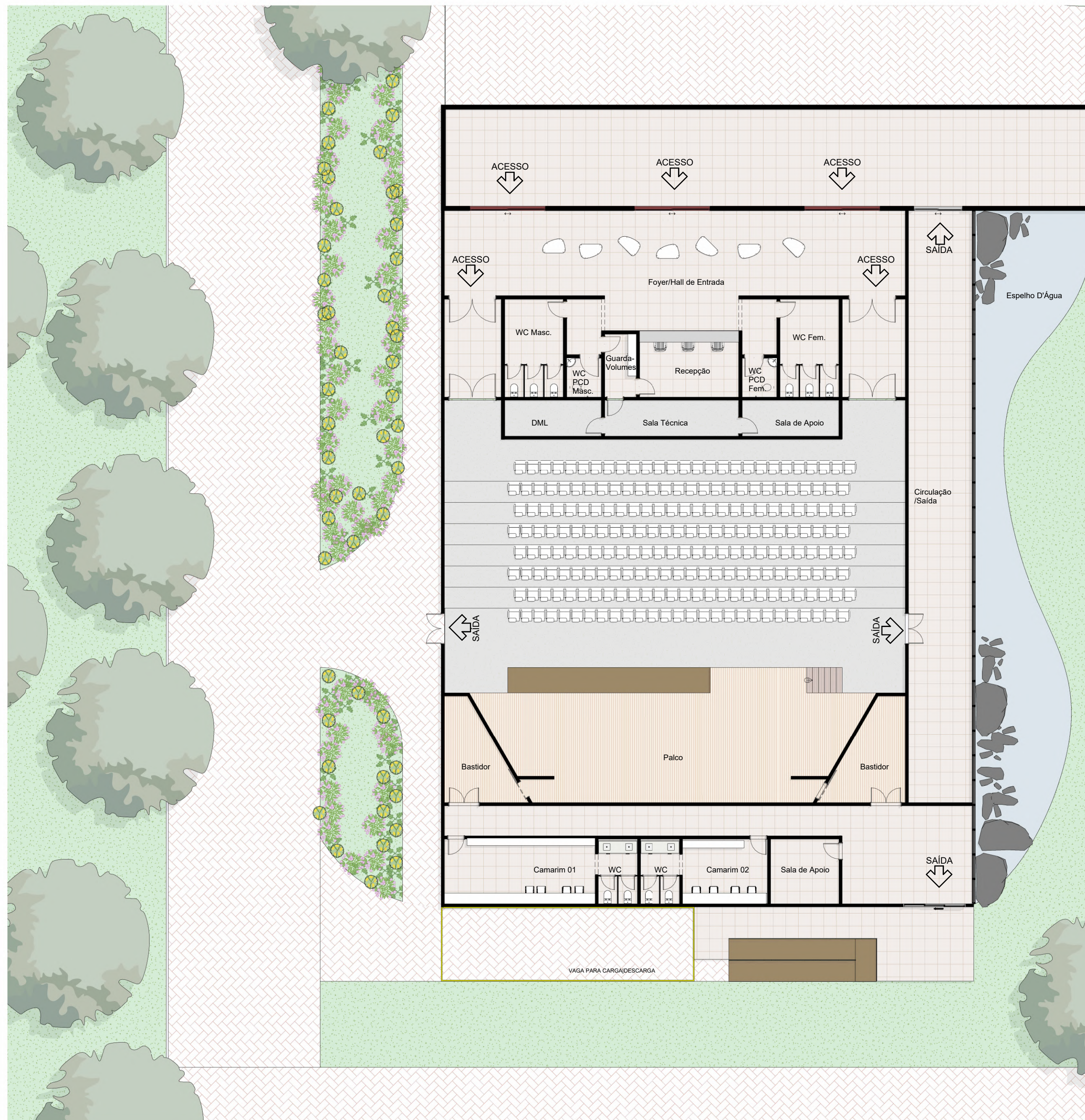
Planta Baixa - Museu

ESCALA 1 : 175



0 5 10m

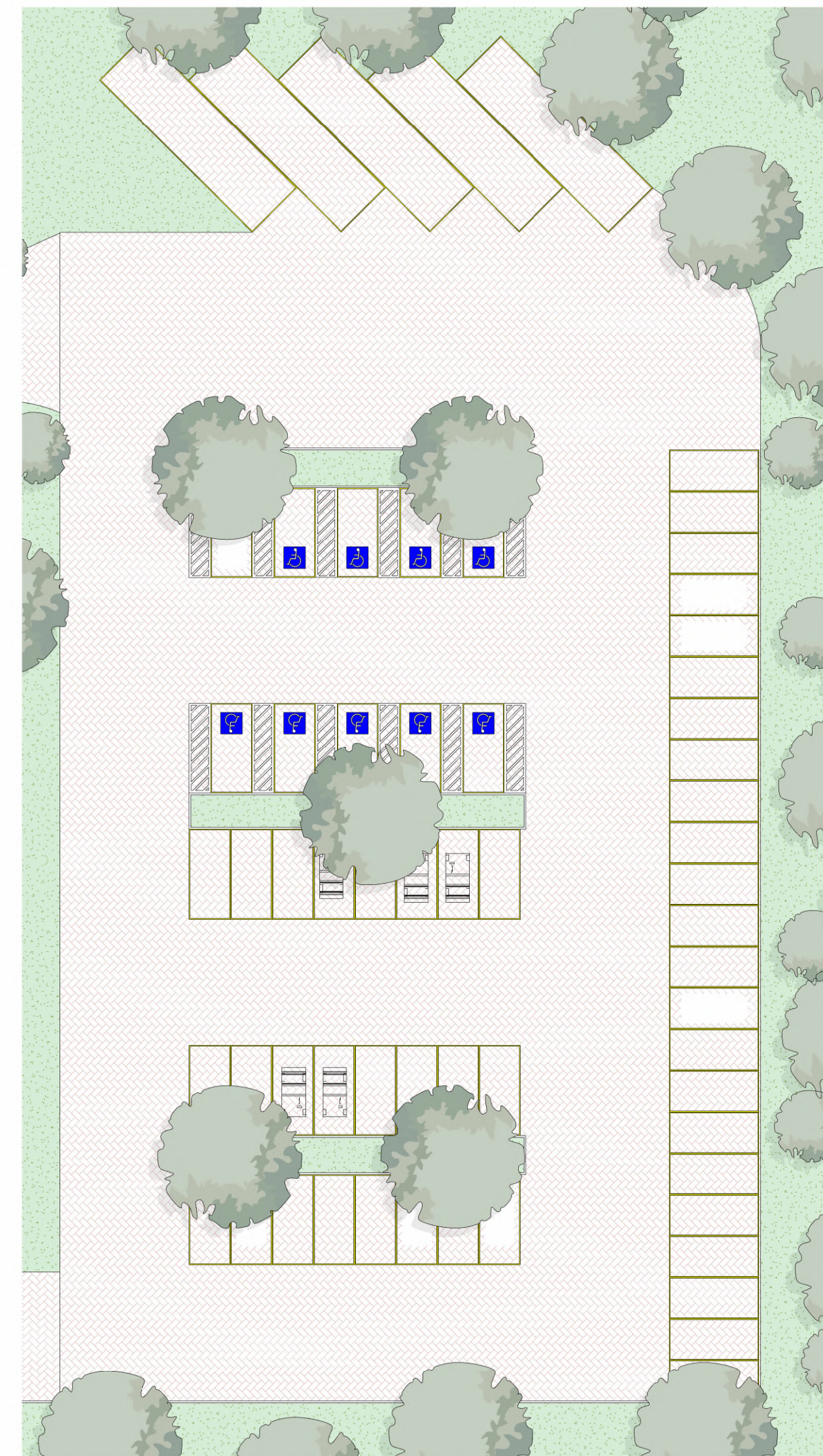
		PROJETO: REQUALIFICAÇÃO DO VALE DOS DINOSAURIOS	
ENDEREÇO: VALE DOS DINOSAURIOS, SOUSA, PARAÍBA			
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - CT - DAU - ARQUITETURA E URBANISMO			
DISCENTE: MARIA LUANA C. SOUSA		DATA: OUTUBRO, 2025	
MATRÍCULA: 20200017883		PRANCHA: 10/11	
ORIENTADORA: PAULA DIEB MARTINS			



Planta Baixa - Auditório
ESCALA 1 : 150



0 5 10m



Estacionamento Rota Acessível
ESCALA 1 : 275



0 5 10m



PROJETO:
REQUALIFICAÇÃO DO VALE DOS DINOSAURIOS

ENDEREÇO:
VALE DOS DINOSAURIOS, SOUSA, PARAÍBA

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - CT - DAU - ARQUITETURA E URBANISMO

DISCENTE:
MARIA LUANA C. SOUSA

DATA:
OUTUBRO, 2025

MATRÍCULA:
20200017883

ORIENTADORA:
PAULA DIEB MARTINS

PRANCHA:
11/11